

The background of the cover is a dramatic, painterly illustration. It depicts a small wooden boat with several crew members on a turbulent, dark sea. One crew member is standing at the stern, aiming a long harpoon towards a massive, pale, and bloody whale. The whale's skin is covered in red, bloody marks, and a large, staring red eye is visible on its side. The overall tone is intense and violent, reflecting the themes of the novel.

HERMAN MELVILLE
MOBY DICK

Tradução e adaptação
Luiz Antonio Aguiar

FTD

"[...] *Moby Dick* conta a história da loucura, da obsessão e da vingança de um homem, o capitão Ahab. Se os imediatos carregavam virtudes e vícios que se equilibravam no decorrer dos acontecimentos, o capitão do Pequod trazia um enigma: como o mais racional dos capitães baleeiros, excelente comandante e excelente navegador, entendedor de homens, mares e baleias, entregasse ao delírio da vingança contra um simples animal? [...] Ao analisar os motivos de seu capitão, Ishmael adentra o que há de mais doloroso e profundo em nossos corações. A desumanidade de Ahab também frequenta nosso mundo.

"[...] É a história de uma humanidade em que o saber e a destruição, a cultura e a violência, caminham lado a lado."

Prefácio de Bruno Gambarotto



DICKY

MOBY

HERMAN MELVILLE

MOBY DICK

Tradução e adaptação
Luiz Antonio Aguiar

Ilustrações
Paula Mastroberti

1ª edição

FTD

São Paulo — 2016

FTD

Copyright © Luiz Antonio Aguiar, 2016

Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD S.A.

Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 — Bela Vista — São Paulo — SP

CEP 01326-010 — Tel. (0-XX-11) 3598-6000

Caixa Postal 65149 — CEP da Caixa Postal 01390-970

Internet: www.ftd.com.brE-mail: projetos@ftd.com.br

Diretora editorial	Ceciliany Alves
Gerente editorial	Isabel Lopes Coelho
Editora	Débora Lima
Editora assistente	Agueda del Pozo
Preparadora	Bruna Perrella Brito
Revisora	Marta Lucia Tasso
Projeto gráfico e diagramação	Aeroestúdio
Editoração eletrônica	Paulo Minuzzo
Supervisor de iconografia	Expedito Arantes
Pesquisadora iconográfica	Rosa André
Diretor de operações e produção gráfica	Reginaldo Soares Damasceno

Herman Melville (1819-1891) foi um escritor norte-americano. Escreveu romances, poesias e ensaios. Obteve grande sucesso como escritor no início da carreira, mas o reconhecimento só veio após sua morte.

Luiz Antonio Aguiar é mestre em Literatura Brasileira pela PUC-RJ. Escritor e tradutor, ministra cursos de Literatura para professores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aguiar, Luiz Antonio

Moby Dick / Herman Melville ; tradução e adaptação Luiz Antonio Aguiar ; ilustrações Paula Mastroberti. — 1. ed. — São Paulo : FTD, 2016.

Título original: Moby Dick : or The Whale

ISBN 978-85-96-00435-0

1. Ficção juvenil I. Melville, Herman, 1819-1891. II. Mastroberti, Paula. III. Título.

16-04165

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

SUMÁRIO

A chave para descobrir os clássicos 6
Almanaque 11
Convite à leitura 30

CAPÍTULO 1 **Miragens 37**
CAPÍTULO 2 **Queequeg 44**
CAPÍTULO 3 **Nova Bedford 51**
CAPÍTULO 4 **Amigo do peito 55**
CAPÍTULO 5 **Nantucket 58**
CAPÍTULO 6 **O Pequod 62**
CAPÍTULO 7 **A profecia 69**
CAPÍTULO 8 **A bordo 75**
CAPÍTULO 9 **Alguns marujos 79**
CAPÍTULO 10 **Ahab 84**
CAPÍTULO 11 **Um episódio 87**
CAPÍTULO 12 **Curiosidades
do ofício 90**
CAPÍTULO 13 **A moeda de ouro 94**
CAPÍTULO 14 **Moby Dick 100**
CAPÍTULO 15 **Mapas e pesadelos 108**
CAPÍTULO 16 **Fantasmas 112**
CAPÍTULO 17 **Perguntas 118**
CAPÍTULO 18 **O esguicho
assombrado 121**
CAPÍTULO 19 **O primeiro cachalote
abatido 127**
CAPÍTULO 20 **O imediato do
Jeroboão 136**
CAPÍTULO 21 **Queequeg, os tubarões
e a baleia-franca 139**
CAPÍTULO 22 **Espermacete 143**
CAPÍTULO 23 **Piratas 147**
CAPÍTULO 24 **O capitão do Samuel
Enderby 154**

CAPÍTULO 25 **A baleia fóssil 160**
CAPÍTULO 26 **A perna de Ahab 163**
CAPÍTULO 27 **O caixão
de Queequeg 166**
CAPÍTULO 28 **O Pacífico 172**
CAPÍTULO 29 **Agouros 178**
CAPÍTULO 30 **No rastro
de Moby Dick 181**
CAPÍTULO 31 **A caçada — primeiro
dia 187**
CAPÍTULO 32 **A caçada — segundo
dia 190**
CAPÍTULO 33 **A caçada — terceiro
dia 197**
CAPÍTULO 34 **Fui o único a sobreviver
para contar esta
história 203**

O insano e o mito 204

A CHA

Esta coleção convida você a participar de grandes aventuras: mergulhar nas profundezas da Terra, erguer sua lança contra feiticeiros e gigantes, conhecer os personagens mais fantásticos e mais corajosos de todos os tempos.

Algumas dessas aventuras farão sucesso para sempre e vão lhe possibilitar novas maneiras de enxergar a vida e o mundo. Farão você rir, chorar — às vezes as duas coisas ao mesmo tempo. Revelarão segredos sobre você mesmo. E levarão você a enxergar mistérios do espírito humano.

Outras ficarão na sua memória por anos e anos. No entanto, você poderá reencontrá-las, não somente nas prateleiras, mas dentro de si mesmo. Como um tesouro que ninguém nem nada jamais tirará de você.

Você, ainda, poderá presentear seus filhos e netos com essas histórias e personagens. Com a certeza de estar dando a eles algo valioso — que lhes permitirá descobrir um reino de encantamentos.

É isso que os clássicos fazem: encantam a vida de seus leitores. No entanto, sua linguagem, para os dias de hoje, muitas vezes pode parecer inacessível. Afinal, não são leituras

PARA

DESCOBRIR OS CLÁSSICOS

corriqueiras, comuns, dessas que encontramos às dúzias por aí e esquecemos mal as terminamos. Os clássicos são desafiantes. Por isso, esta coleção traz essas obras em textos com tamanho e vocabulário adaptados à atualidade, sem perder o poder tão especial que elas têm de nos transportar, de nos arrebataram para dentro da história. A ponto de poderem muito bem despertar em você a vontade de um dia ler as obras originais.

Tomemos como exemplo a obra *Robinson Crusoe*: o navio do sujeito naufraga. Com muito esforço, ele nada até uma ilha que fica fora das rotas de tráfego marítimo e se salva. É o único sobrevivente. Ao chegar à praia, estira-se na areia, desesperado, convencido de que jamais retornará à civilização e disposto a se deixar morrer ali.

Muita gente poderia dizer que essa história não apresenta elementos dramáticos para os dias de hoje, pois dispomos de diversos recursos para evitar que esse tipo de situação aconteça. Com mapas, rastreamento dos navios por satélites, equipes de busca munidas de super-helicópteros e computadores ultramodernos, ele logo seria resgatado. E... a história acabaria.

No entanto, somos cativados pela luta desse homem, que foi privado de tudo o que conhecia e isolado do mundo durante quarenta e três anos. A gente se envolve com o personagem; somos tocados pela sua força de caráter e pela sua persistência em reconstruir, pouco a pouco, a vida, criando, a partir do nada, um novo mundo.

O espírito dessa obra não tem a ver com época ou recursos tecnológicos, mas com o dom de exhibir o extraordinário. Não apenas o da fantasia, mas o do ser humano. Portanto, o extraordinário de cada um de nós.

Os clássicos falam de amor, ciúme, raiva, busca pela felicidade como outras obras não falam. Vão mais fundo, ao mesmo tempo em que são sutilmente reveladores.

Não é à toa que atravessaram séculos (alguns, até milênios) e foram traduzidos para tantos idiomas, viraram filmes, desenhos animados, musicais, peças de teatro, histórias em quadrinhos. Existe algo neles que jamais envelhece, conserva-se intensamente humano. E mágico.

Afinal, quem é capaz de ler *Dom Quixote* e não se divertir e se comover com o Cavaleiro da Triste Figura?

Quem não torce para Phileas Fogg chegar a Londres, no dia e na hora marcados, e ganhar a aposta, depois de viajar com ele, superando obstáculos e perigos, nos 80 dias de volta ao mundo?

Quem lê *Os três mosqueteiros* sem desejar, uma vez que seja, erguer uma espada junto com seus companheiros, gritando:

UM POR TODOS E TODOS POR UM!?

Os clássicos são às vezes mais vívidos do que a vida e seus personagens, mais humanos do que o ser humano, porque neles as paixões estão realçadas, e as virtudes e defeitos de seus personagens

são expostos com genialidade criadora, literária, em cenas que jamais serão esquecidas e falas que já nasceram imortais.

Os clássicos investigam os enigmas do mundo e do coração, da mente, do espírito da gente. Eles falam de nossas dúvidas, de nossas indagações. Geralmente, não oferecem respostas, mas vivências que nos transformam e nos tornam maiores... por dentro.

São capazes de nos colocar no interior do submarino Nautilus, vendo com olhos maravilhados prodígios imaginados por Júlio Verne em *Vinte mil léguas submarinas*.

Ou nos levam à França do século XIX. Num piscar de olhos, estamos prontos para iniciar um duelo de espadas, noutro instante, intrigados, fascinados com a obsessão de Javert, um dos mais impressionantes personagens criados pela literatura. Assim como, em certos trechos, já nos vemos em fuga desesperada sofrendo com toda a injustiça que se abate sobre o herói de *Os miseráveis*.

As traduções e adaptações desta coleção buscam proporcionar a você um acesso mais descomplicado aos clássicos, como se fosse uma chave para descobri-los, para tomar posse de um patrimônio. O melhor que a humanidade produziu em literatura.

Luiz Antonio Aguiar

Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-RJ.
É escritor, tradutor, redator e professor em cursos
de qualificação em Literatura para professores.

PICK HER OVER

OBVY

ALMANAQUE

AN
ALLE

Nascido em primeiro de agosto de 1819, em Nova York, **Herman Melville** é o terceiro de oito filhos de Allan e Maria Gansevoort Melvill. Aos 13 anos, com a morte do pai, viu-se obrigado a ajudar financeiramente a família, trabalhando como bancário e professor. Em 1841, embarcou como marinheiro no baleeiro *Acushnet*, desertou nas Ilhas Marquesas em 1842 e passou cerca de um mês com os nativos do vale de Typee, cenário de seu primeiro romance. Dali, fugiu e serviu a bordo do baleeiro *Lucy Ann*, no qual se envolveu num motim no Taiti. Embarcou,



O escritor Herman Melville

em seguida, como arpoador no navio baleeiro *Charles and Henry* e, depois de ser dispensado no Havai (onde trabalhou como colocador de pinos em um boliche em Honolulu), alistou-se na marinha norte-americana. A bordo do U.S.S. *United States*, passou pelo Rio de Janeiro (onde conheceu o imperador Dom Pedro II), antes de voltar para a casa da mãe. Publicou os primeiros livros, mas, com a falta de reconhecimento, refugiou-se num cargo indicado na alfândega, onde traba-

MOBY-DICK;
OR,
THE WHALE.

BY
HERMAN MELVILLE,
AUTHOR OF
"TYPEE," "MARTIN EDEN," "MARTIN," "WHITE-JACKET,"

NEW YORK:
HARPER & BROTHERS PUBLISHERS
LONDON: RICHARD BENTLEY
1851

lhou por quase 20 anos. Entre as novelas (obras maiores do que contos e menores do que romances) que escreveu, muito especialmente, *Bartleby, o escrivão* (1853), a história de um pitoresco escrevente, é considerada uma obra-prima. Outra muito admirada é *Benito Cereno* (1855). Após a aposentadoria, retomou os projetos literários. Morreu em 1891, deixando a obra *Billy Budd* inacabada. Foram as experiências marítimas de Melville que inspiraram seus principais livros: *Typee*, *Omoo*, *Mardi*, *Redburn*, *White-Jacket* e *Moby Dick*.

POLÍTICO

O narrador de *Moby Dick*, **Ishmael**, elogia os marinheiros de **Nantucket**, exímios baleeiros, ao mesmo tempo que ironiza o neocolonialismo ou imperialismo do século XIX, representado pelos Estados Unidos e pela Inglaterra.

"Que os Estados Unidos juntem o México ao Texas e coloquem Cuba sobre o Canadá; que enxames de ingleses se multipliquem por toda a Índia e coloquem sua bandeira reluzindo ao sol; dois terços deste globo terrestre são dos nantuckenses." (*Moby Dick*)

Os Estados Unidos invadiram o México em 1846 e anexaram o Texas ao seu território na Guerra do México, que durou até 1848, o primeiro conflito armado resultante da política do Destino Manifesto, influente teoria do imperialismo norte-americano até hoje.



Cena da Batalha de Churubusco, próximo a cidade do México, 1847

→ NANTUCKET HOJE

Acredita-se que Nantucket, uma língua indígena já desaparecida, queira dizer "terra distante" ou "ilha". Com cerca de 10 mil habitantes, segundo o censo de 2010, a ilha é um balneário muito procurado por turistas para as férias de verão. Tanto que as propriedades por lá estão entre as mais caras dos Estados Unidos.

RELIGIOSO

14

A religião dos quacres, como Starbuck, Bildad, Peleg e capitão Ahab, era uma fé cristã professada por ingleses perseguidos que emigraram e fundaram a Pensilvânia em 1681. Abolicionistas, pregavam o pacifismo e a simplicidade na vida cotidiana, sem intervenção da Igreja. Como muitas denominações religiosas, derivou do **Puritanismo**, a religião dos calvinistas ingleses que colonizaram Massachusetts no século XVII. O Puritanismo pretendia purificar a Igreja Anglicana das influências católicas. Foi tema de fundo de Nathaniel Hawthorne (1804-1864) em *A letra escarlata*, uma obra bastante crítica em relação à rigidez moral. O Puritanismo era bem conhecido de Melville, que teve em sua mãe, Maria, uma presença ferrenhamente religiosa. Uma das críticas ao Puritanismo na Nova Inglaterra (extremo nordeste dos Estados Unidos) foi desenvolvida pelo escritor e ensaísta Ralph Waldo Emerson, em seu livro *Nature*, como Transcendentalismo.



Ralph Waldo Emerson



O rei Carlos II cede a região, hoje conhecida como Pensilvânia, a William Penn

TECNOLOGICO

O restaurante Try Pots, onde Ishmael e Queequeg comem frutos do mar, alude às caldeiras que derretem a gordura das baleias nos navios baleeiros de Nantucket (try works). Foi essa inovação técnica de incorporar as caldeiras ao navio que garantiu aos Estados Unidos a hegemonia da indústria baleeira. As inovações técnicas do navio baleeiro da Nova Inglaterra incluíam um grande compartimento de carga e suprimentos, além de fornalhas e caldeiras para o processamento inicial da gordura para a produção do óleo de baleia, o que evitava paradas desnecessárias e aumentava os lucros da empreitada. No Brasil, até a utilização industrial do petróleo, a partir de 1859, toda a costa litorânea era iluminada por óleo de baleia.



Recommend This

—TO—

Your Customers

Who want a pure article for
hop spraying, and at the . . .

RIGHT PRICE

Cheaper Because it Goes Far-
ther and Gives Best Sat-
isfaction

Guaranteed to be MORE THAN 80 PER CENT
solid dry soap

Order of Your Jobber or write us for Prices

SEATTLE SOAP CO.

Propaganda de 1894 recomendando
o sabonete de óleo de baleia



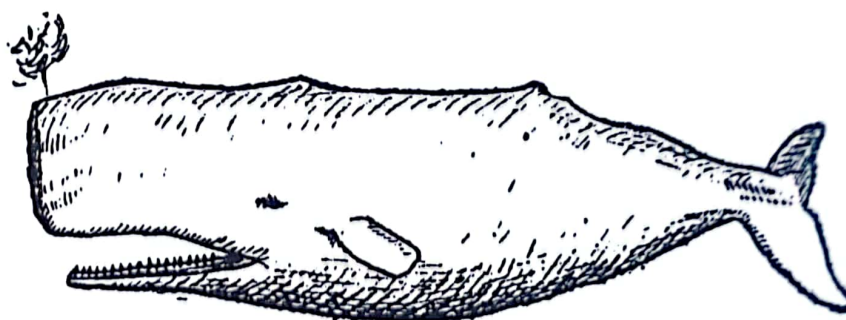
Neste MUNDO,
COMPANHEIROS DE BORDO,
o pecado que pagar
sua passagem pode VIAJAR
tranquilamente, e sem
passaporte; ao passo que
a VIRTUDE, se for POBRE,
é detida em todas
as fronteiras.

MOBY DICK, 1851

→ CACHALOTE

O cachalote é o maior dos cetáceos com dentes, da mesma ordem animal que pertencem as baleias. A baleia é o maior dos cetáceos (do grego *kete*, monstro marinho), que são mamíferos marinhos. Como outros mamíferos, têm sangue quente, respiram pelos pulmões — aspiram ar e são capazes de permanecer debaixo d'água por mais de vinte minutos, antes de emergir para expeli-lo — e amamentam seus filhotes (por isso, mamíferos).

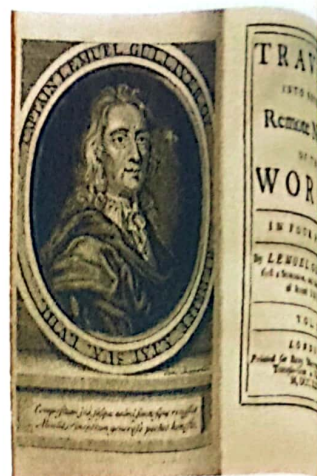
O *Physeter macrocephalus* (do grego *physao*, soprar; e *macrocephalus*, cabeça grande) é o maior animal do mundo com dentes, chegando o macho a medir 18 metros de comprimento. Em inglês, seu nome é *sperm whale*, referindo-se ao espermacete, substância parecida com uma cera clara, presente na região da cabeça, responsável pela flutuação (quando o animal sopra o jato de água, a temperatura sobe e o espermacete se dissolve) e pela submersão (quando entra na água, a temperatura cai e o espermacete se solidifica).



AVENTURAS MARÍTIMAS NA LITERATURA

Desde o poema *Odisseia*, de Homero — que viveu, supostamente, no século IX a.C. —, que as aventuras marítimas fazem parte do mundo da literatura. O que equivale a dizer que assim acontece desde o nascimento da literatura.

Nessa linhagem podem ser inscritos grandes clássicos como *Robinson Crusoe* (Daniel Defoe, 1660-1731), *Viagens de Gulliver* (Jonathan Swift, 1667-1745), *A Ilha do Tesouro* (Robert Louis Stevenson, 1850-1894) e muitos outros.



O CAPITÃO AHAH

O capitão do Pequod é uma das mais complexas e intrigantes criações literárias de todos os tempos. Toda a preparação para a sua entrada em cena cria uma intensa expectativa no leitor. Aos poucos, ele vai se revelando o que é... Um personagem obcecado, possuído pela necessidade de vingança. **Ahab** é como uma assombração viva no Pequod. E, também gradativamente, vamos adivinhando que uma tragédia se anuncia em cada ato dele. O navio e toda a sua tripulação estão amaldiçoados — e a maldição vem do atormentado espírito de Ahab. Ele persegue, na verdade, a morte e irá arrastar todos para morrerem com ele.



O ator Gregory Peck em cena de *Moby Dick*, 1956

QUEEQUEG

O grande amigo de **Ishmael** na viagem, **Queequeg**, foi certamente inspirado nos nativos polinésios que Melville conheceu em suas viagens marítimas nos anos 1840. Melville chegou a participar de um motim nos mares do Taiti, e a passar algum tempo como prisioneiro numa das ilhas de lá. O arpoador do Pequod não foi o único personagem que Melville compôs com base em suas experiências dessa época. O que se destaca sempre é que Queequeg, além de ser um dos mais peculiares, tem também como ingrediente literário muito da fantasia de Melville e do que o público leitor da época imaginava. Afinal, Melville perseguia o sucesso e se sustentar com a venda de seus livros.

ASSIM NASCEM AS LENDAS

18

Até hoje, ressoam em **Nantucket** histórias e cantigas "folclóricas" da época em que a ilha era um grande centro de caça às baleias. A valentia dos baleeiros e a força sobrenatural das baleias são sempre lembradas. Como nessas duas cantigas que vêm do passado da ilha:

*Portanto, meus rapazes, que a coragem não vos falte
Enquanto o audaz arpoador estiver atingindo a baleia.*

*Oh, a velha e rara baleia, em meio à tempestade e à ventania
E, seu lar oceânico será
Um gigante, onde a força é o direito,
E soberana do mar sem limites.*



Região de Nantucket, Estados Unidos

→ MAELSTROM DA NORUEGA

O capitão **Ahad**, perseguindo seu desejo de vingança, não mediu esforços para matar Moby Dick. Mesmo que para isso colocasse o navio e toda a tripulação em perigo. E um dos perigos mais temidos dos navegantes são os redemoinhos. Eles surgem por uma confluência de fortes correntes e variações de marés.

O maelstrom da Noruega, ou *moskstraumen*, é um sistema de marés e redemoinhos considerado um dos mais fortes do mundo, que se forma no arquipélago de Lofoten, na Noruega. A palavra tornou-se célebre na língua inglesa a partir do conto de **Edgar Allan Poe**, "Descida ao maelstrom" (1841).

19



Carta marítima da região da Escandinávia, 1539

o cachalote apenas
respira um sétimo,
ou um domingo,
de todo o seu tempo.

moby dick, 1851



Alexandre Camanho

U M A U T O D I D A T A

Há muitas lacunas na biografia de Herman Melville. Como acontece com vários escritores, somente após a morte tornam-se "conhecidos", conquistando a curiosidade do público por suas obras.

Por exemplo, é muito mencionado que durante a infância, Melville tinha dificuldades de raciocínio e de fala. O pai o direcionou para o comércio, pen-



Praça Herman Melville, na cidade de Nova York

sando que nesse ramo teria melhores chances de ganhar a vida. Mas o jovem nunca deixou de ser também um rebelde, um aventureiro.

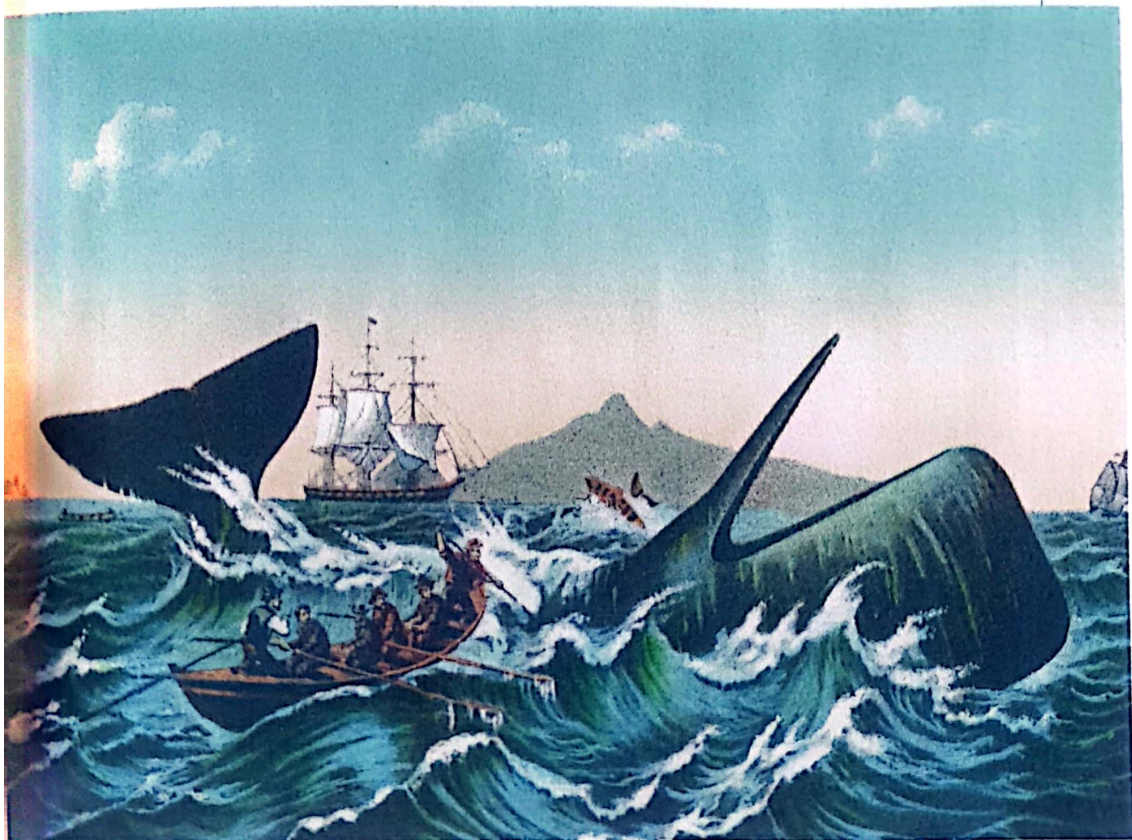
O fato é que a educação formal de Melville foi precária. Mal frequentou escolas. Foi, acima de tudo, um autodidata. Muito jovem, iniciou sua carreira no mar. Segundo ele próprio, lá aprendeu sobre o mundo e a vida, e o que iria alimentar as histórias que escreveu.

D E U N O J O R N A L

O obituário de Melville o identifica apenas como um funcionário da alfândega que, na juventude, publicou livros de viagem. O texto ainda grafa errado o título de sua obra-prima ("Mobie Dick").

Herman Melville died yesterday at his residence, 104 East Twenty-sixth Street, this city, of heart failure, aged seventy-two. 'He was the author of "Typee," "Omoo," "Mobie Dick," and other seafaring tales, written in earller years. Ho leaves a wife and two daughters, Mrs. M. B. Thomas and Miss Melville.

Moby Dick é um cachalote macho adulto, albino e gigantesco. A história que inspirou Melville ocorreu com outro baleeiro de **Nantucket**, o **Essex**, atacado e naufragado por um cachalote em 1820, no Pacífico, na altura do Equador. Os sobreviventes se refugiaram na ilha de Más a Tierra, no Chile, hoje Ilha Robinson Crusoe. Nathaniel Philbrick, no livro *No coração do mar*, descreve essa história, baseada no relato de Owen Chase, primeiro imediato do **Essex**. Por um lado, a saga do **Essex** foi mais dramática do que a do **Pequod**. À deriva, num bote, depois de um longo tempo no mar, os sobreviventes, desesperados de fome e sede, alimentaram-se dos cadáveres de seus companheiros que iam aos poucos morrendo. Já a história de Melville, mesmo podendo ter tomado como base mais diretamente o episódio do **Essex**, além de outros dos quais o próprio autor ouviu ou conheceu em suas viagens, exibe um soberbo trabalho de criação ficcional na fascinante composição de personagens, de cenas e de toda a trama.



Gravura representando o momento da caça a um cachalote, 1910

ALBATROZ

22

Goney, nome de um dos navios baleeiros que o Pequod encontra pelo mar, é o albatroz, pássaro marinho de grandes asas e pernas curtas celebrado por poetas como Charles Baudelaire — que, inspirado em uma viagem acidental às vizinhas ilhas Reunião, em 1841 escreveu o poema “O albatroz” em *Flores do mal* — e Samuel Taylor Coleridge, autor da *A balada do velho marinheiro* (1798). Melville costuma ser inserido na história literária dentro do chamado Renascimento Americano, que corresponde ao ápice do **Romantismo** naquele país, ao lado de **Nathaniel Hawthorne**, Walt Whitman, Henry David Thoreau, **Edgar Allan Poe** e Emily Dickinson. O escocês **Thomas Carlyle**, tradutor de Goethe para o inglês, teve muita influência sobre Melville, especialmente em seu romance *Sartor Resartus* (1836).



Nathaniel Hawthorne



INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS

As principais influências de Melville em *Moby Dick* são livros da Bíblia e o teatro de William Shakespeare (1564-1616), mas se pode destacar a importância pontual de dois outros autores contemporâneos seus:

Nathaniel Hawthorne (1804-1864) — autor de *A letra escarlate*, de 1850, amigo de Melville, a quem *Moby Dick* é dedicado.

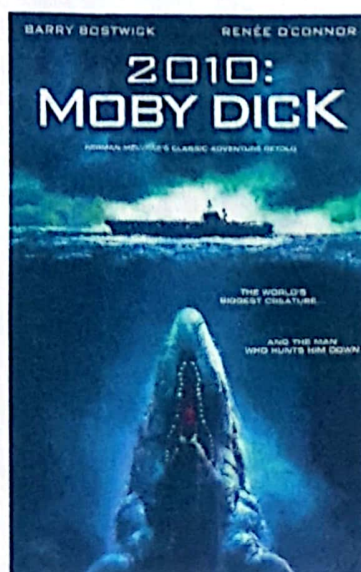
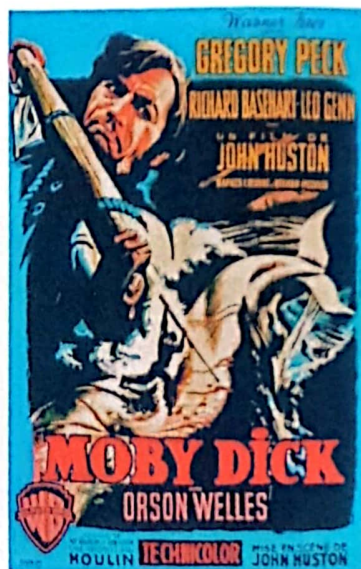
Thomas Carlyle (1795-1881) — autor de *Sartor Resartus* (1836), romance filosófico de humor negro, que Melville leu e cujo estilo imitou em alguns capítulos de *Moby Dick*.



Thomas Carlyle

→ SUCESSO NO CINEMA

- ◆ A primeira adaptação fiel de *Moby Dick* para o cinema foi feita em 1956, dirigida por John Huston e com Gregory Peck como o capitão **Ahab**. A mais recente, de 2010, transporta a história para o século XX, envolvendo soviéticos e norte-americanos, e o capitão Ahab comanda um submarino. (Antes do filme de Huston, foram feitas duas outras adaptações: um filme mudo, *A fera do mar*, de 1926; e uma versão em preto e branco de 1930, com John Barrymore no papel do capitão Ahab.)
- ◆ Em 1962, *O vingador dos mares* (baseado no livro póstumo *Billy Budd*, publicado em 1924), dirigido por Peter Ustinov, com Terence Stamp, traz também o cenário marítimo ao abordar a relação entre o marujo Billy e o oficial Claggart.
- ◆ *No coração do mar* (2015), dirigido por Ron Howard, com Chris Hemsworth, conta a história do naufrágio do navio baleeiro Essex, que inspirou Melville a escrever *Moby Dick*.

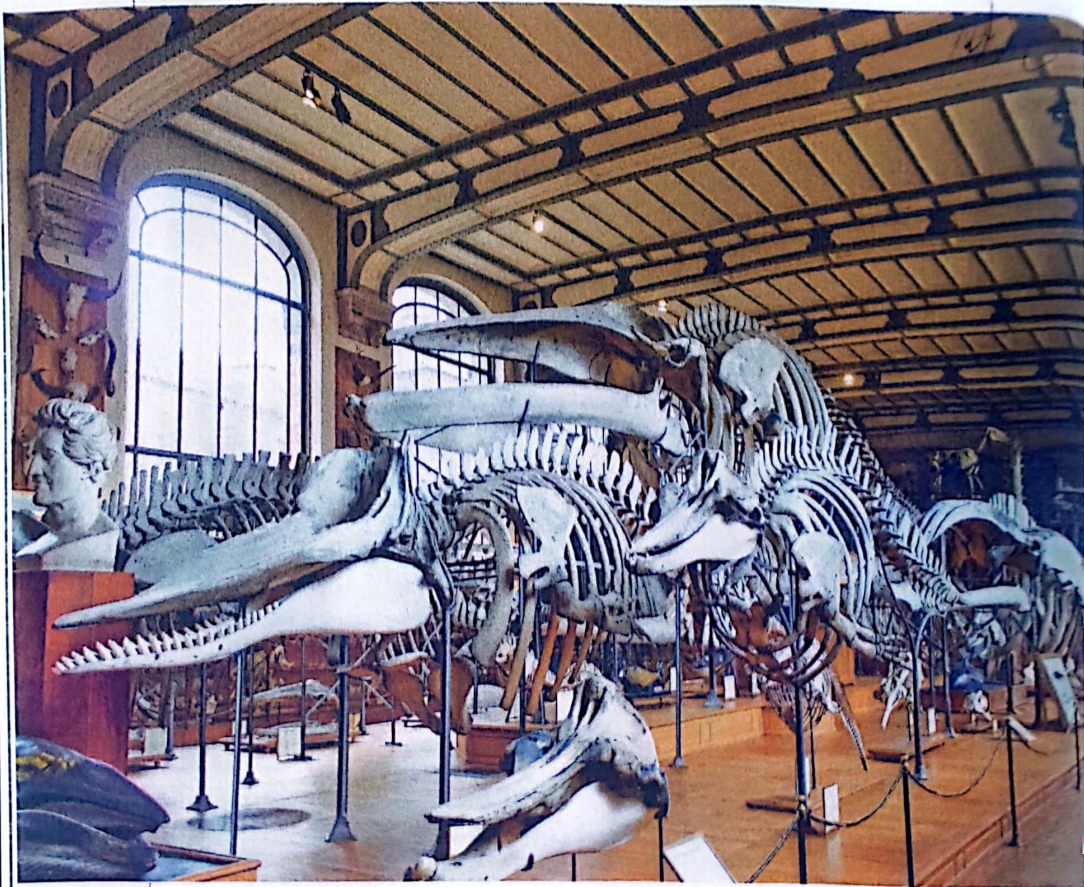


Durante 12 anos (1850-1862), Herman morou numa fazenda que ele chamou de Arrowhead, próxima à casa do escritor **Nathaniel Hawthorne**, no interior de Massachusetts, onde terminou de escrever *Moby Dick*.

→ MUITO LONGE DE CASA

Há um capítulo em *Moby Dick* chamado "A baleia fóssil", que relata que fósseis de baleia já foram encontrados muito longe do mar, como numa rua de Paris e no interior do estado americano do Alabama.

Fósseis de baleias também já foram encontrados no lugar considerado o mais seco do mundo: o deserto do Atacama, no Chile. E são de um período bem mais recente, quando havia mar profundo e extrema diversidade biológica naquela região. Algumas correntes científicas defendem que oceanos podem surgir e desaparecer em alguns milhares de anos.



Esqueleto de baleia exposto no Museu de História Natural, Paris, França

PROIBIDO MATAR BALEIAS!

25

Navios muito equipados com tecnologia cada vez mais avançada para localizar, perseguir e matar baleias foram os maiores responsáveis, no século XX, pela ameaça de extinção dos cetáceos. Foi então que grupos de defesa dos animais e da preservação do meio ambiente entraram em cena pressionando países, principalmente Japão e Noruega, que praticavam a caça às baleias a interromperem a matança. A partir da década de 1980, acordos internacionais proibiram que o abate continuasse.

No entanto, trata-se de um negócio lucrativo. Não se visa mais ao óleo das baleias — que não é mais utilizado nas residências e estabelecimentos —, mas à própria carne do animal, muito apreciada em certos países. Assim, tanto a caça clandestina é praticada — um baleeiro pego em águas brasileiras pode ser apreendido e ter a tripulação presa — como, vez por outra, alguns países declaram sua rejeição aos acordos para permitir aos baleeiros que continuem agindo.

A pressão internacional continua. Viva a baleia!



Voluntários ajudam no resgate de baleia no litoral da Austrália

1819

Nasce em Nova York, em primeiro de agosto, Herman Melville. Terceiro filho de Allan e Maria Gansevoort Melvill.

**1832**

Arruinado e louco, morre Allan Melvill, pai do autor, importador do porto de Nova York.

1835

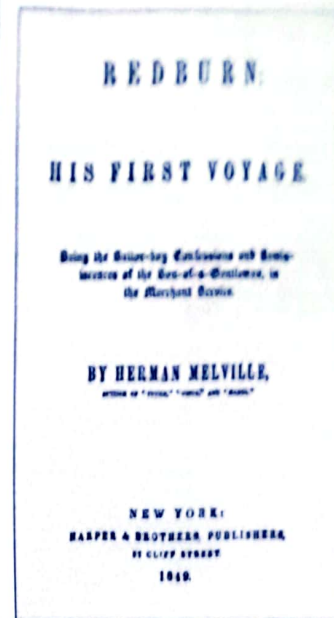
Melville trabalha no comércio da família.

1837

Começa a trabalhar como professor em Pittsfield.

1839

Embarca rumo a Liverpool, Inglaterra, no navio mercante St. Lawrence, experiência retratada no romance *Redburn*.

**1841**

Melville embarca no navio baleeiro Acushnet, que inspiraria o Pequod de *Moby Dick*.

1842

Melville abandona a embarcação nas Ilhas Marquesas. Embarca no navio Lucy Ann, rumo ao Taiti. Participa de um motim, é preso, foge para uma ilha vizinha (Eimeo) e lá trabalha em uma roça de batatas, tal como aparece no romance *Omoo*.

1844

Serve por um ano na fragata United States. Dispensado, volta para casa. No caminho, passa pelo Rio de Janeiro — acontecimento retratado no romance *White-Jacket*.



Rio de Janeiro, 1844

1846

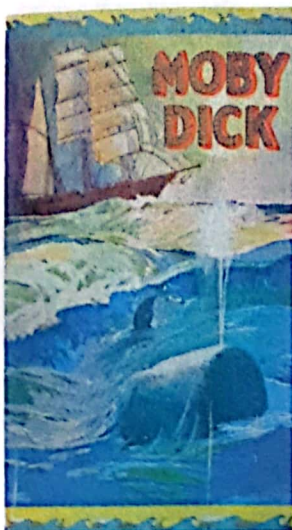
Publica o primeiro romance, *Typee*, baseado em suas experiências como prisioneiro nas Ilhas Marquesas.

1847

Publica *Omoo*. Melville se casa com Elizabeth Shaw, filha de um juiz da Suprema Corte de Massachusetts. O sogro rico de Melville praticamente sustenta o casal até o fim da vida.

1851

Publica *Moby Dick*.



Capa da edição de 1931 de *Moby Dick*

1866

Depois de muitos anos tentando, por meio de contatos da família, Melville é contratado como um modesto inspetor da alfândega de Nova York.

1867

A esposa de Melville volta para a casa dos pais em Boston e declara o marido mentalmente incapacitado. O filho mais velho do casal, Malcolm, comete suicídio.

1885

Aposenta-se da alfândega.

1888

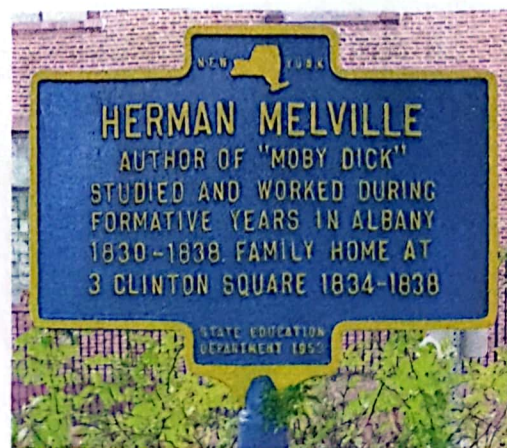
Começa a trabalhar na novela *Billy Budd*.

1891

Morre Herman Melville, em 28 de setembro.

1924

Publicação póstuma da novela *Billy Budd*, considerada uma de suas melhores obras.



TRAGÉDIAS FAMILIARES

Em 1867, o filho mais velho de Melville, Malcolm, voluntário na Guerra Civil (1861-1865), cometeu suicídio aos 18 anos. Em 1886, seu segundo filho, Stanwix, surdo, andarilho que fugiu de casa, morreu abandonado e tuberculoso em São Francisco, aos 35 anos. De suas duas filhas, apenas Frances, a caçula, se casou; a mais velha, Elizabeth (Bessie, para diferenciar da mãe, também Elizabeth, chamada de Lizzie), era manca e nunca se casou.



à sua maneira
uma espécie de CURANDEIRO,
o poeta prescreve aos
CORAÇÕES FERIDOS, ASSIM
como para os pulmões,
à natureza como
GRANDE CURA.

THE CONFIDENCE MAN, 1857



Alexandre Camanho



Melville não viveu para desfrutar o sucesso literário de *Moby Dick*. Quando lançou *Typee*, em 1846, vendeu os seis mil exemplares da primeira edição no primeiro ano. Já *Moby Dick* não chegou a vender os três mil exemplares da primeira edição (1851). Esse fato contribuiu para Melville decidir se dedicar à poesia, aos contos e a fazer palestras — ele publicaria ainda três outros romances pouco convencionais, sem nenhum sucesso: *Pierre* (1852), *Israel Potter* (1855) e *The Confidence Man* (1857) —, até se tornar fun-

cionário da alfândega de Nova York, cargo que ocupou até se aposentar.

A fama do livro só viria na década de 1920, quando o governo norte-americano, após a Primeira Guerra Mundial, decidiu fazer uma campanha de publicação das obras reunidas de Melville, e *Moby Dick* passou a ser visto, especialmente pelos modernistas ingleses, como o escritor David Herbert Lawrence, a partir daí, como um dos maiores romances norte-americanos de todos os tempos.

Pode-se dizer, sem exageros, que, na segunda metade do século XX, Melville se tornara um autor *cult* e dos mais estudados e lidos nos EUA e por quem se interessasse pela literatura norte-americana.



David Herbert Lawrence

À

Assim que lemos a frase de abertura de *Moby Dick* — “Chamem-me de Ishmael” —, abrem-se as portas de um universo atualíssimo, apesar de estranho. Em tudo que nos conta esse marinheiro dado a muitos dedos de prosa, mas também bastante misterioso (afinal, nem sequer sabemos seu nome! Ishmael, um nome bíblico, é só um apelido), é possível reconhecer sentimentos e desejos nossos. A necessidade de trabalhar, o gosto pela liberdade e pela aventura, a vontade de correr o mundo em busca de experiências que façam valer cada segundo de nossas vidas — tudo isso, tão absolutamente nosso, está no fundo da decisão de Ishmael de ir ao mar.

Também nosso é o bom humor e a alegria de descobrir nas mais inesperadas e improváveis figuras — como um canibal polinésio de nome esquisito, Queequeg — o verdadeiro sentido do respeito, da solidariedade e da amizade. Como Ishmael bem sabia, essas são coisas que não conhecem raça, gênero, origem social ou credo.

Mas não é só de alegrias que se faz a viagem de Ishmael a bordo do Pequod. A vida também conhece a tristeza, a dor e a violência — e não poucos homens como Starbuck, Stubb, Flask ou Ahab. Cada um dos oficiais do Pequod representa uma virtude ou vício: Starbuck é a prudência, mas também o medo; Stubb é a

CONVITE LITUR

astúcia, mas também a credulidade; Flask é a coragem, mas também a ambição. Todos os três expõem sua humanidade em torno do protagonista. *Moby Dick* conta a história da loucura, da obsessão e da vingança de um homem, o capitão Ahab. Se os imediatos carregavam virtudes e vícios que se equilibravam no decorrer dos acontecimentos, o capitão do Pequod trazia um enigma: como o mais racional dos capitães baleeiros, excelente comandante e excelente navegador, entendedor de homens, mares e baleias, entregasse ao delírio da vingança contra um simples animal? Ahab é a vítima do “demônio” que lhe arranca uma perna — o cachalote branco,

Moby Dick, conhecido por sua particular força e ferocidade — ou de sua própria ira, que o cega para tudo que não seja a vingança? Ao analisar os motivos de seu capitão, Ishmael adentra o que há de mais doloroso e profundo em nossos corações. A desumanidade de Ahab também frequenta nosso mundo.

Até aqui, falei muito do que a narrativa de Ishmael nos mostra de um mundo que ainda é o nosso. Para começar a falar do que se perdeu, é preciso fazer uma pergunta sobre algo que talvez tenha passado pela cabeça de vocês, jovens leitores: por que esses homens viajavam anos inteiros atrás de baleias e, em especial, dos cachalotes?

A narrativa de Ishmael se passa na primeira metade do século XIX, um tempo em que baleias eram caçadas e transformadas numa infinidade de produtos. Das cerdas que cobrem a mandíbula das baleias-francas e que filtram seu alimento, por exemplo, saía a estrutura de guarda-chuvas e corpetes femininos. No universo da caça às baleias, o cachalote era particularmente lucrativo: dessa baleia se extraía, além da melhor gordura — queimada dentro do próprio navio para a produção de óleo para iluminação e lubrificação de máquinas —, uma substância viscosa chamada espermacete, que tirada aos baldes da cabeça do animal servia para a produção de velas. Sem o trabalho brutal dos baleeiros, que buscavam suas baleias à custa de uma enorme força muscular, fosse para remar, fosse para abatê-las com o arpão, o mundo dito civilizado ficava em maus lençóis — ou, no mínimo, com pouca luz e muitas máquinas quebradas. Não por menos, a decadência da caça ao cachalote adveio quando os primeiros poços de petróleo foram descobertos nos Estados



Unidos, no fim da década de 1850. A indústria baleeira deu lugar a nada menos que a indústria petroleira.

E assim, mesmo quando olhamos para a antiquada caça à baleia, hoje um animal sob proteção em quase todo o mundo, também nos surpreendemos com a atualidade de *Moby Dick*. Este é também um livro que fala sobre como destruimos o planeta do qual deveríamos cuidar. A ira de Ahab contra o “demônio” Moby Dick tem por objeto a única baleia que não submeteu à morte e à extinção a que todas as baleias estavam potencialmente condenadas — afinal, para que estavam vivas, senão pelo óleo? Nisto, Ahab e Moby Dick falam sobre a condição de uma humanidade que caminha para a tragédia de explorar até o esgotamento todos os recursos naturais à sua disposição. É a história de uma humanidade em que o saber e a destruição, a cultura e a violência, caminham lado a lado.

Bruno Gambarotto

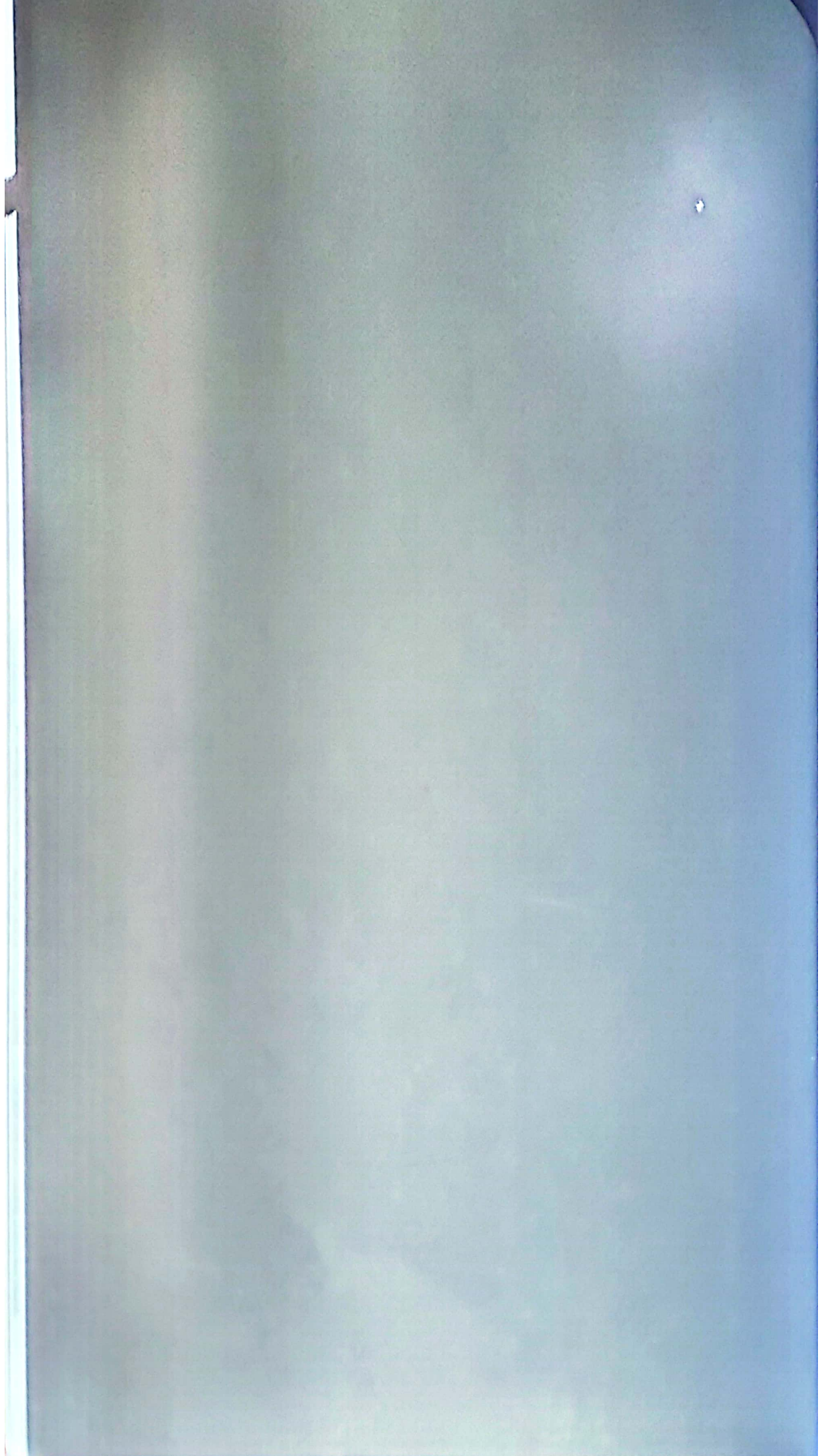
Ensaísta e tradutor.



Alexandre Camanho

DIC

OBY



Miragens

37

Chamem-me de Ishmael.¹

Faz alguns anos — quantos, ao certo, isso não importa —, estando sem dinheiro, resolvi velejar pelos oceanos. É um hábito que tenho. Toda vez que começo a duvidar do que vejo à minha volta e a respiração se torna difícil, tomo um navio. Não como passageiro, já que não teria meios para isso, mas como simples marinheiro.

Nessa posição, preciso me submeter ao que me mandam fazer, como pegar a vassoura e varrer o convés. E alguns capitães mal-humorados me batem, de vez em quando. Mas é um consolo saber que todos os marujos do navio são tratados do mesmo jeito, com igual justiça. Além disso, recebo pagamento pelo serviço que presto. Outra razão que me leva ao mar é a busca de exercício e ar puro.

¹ Nome do filho do patriarca Abraão com a escrava egípcia Agar, como descrito no Antigo Testamento. No inglês norte-americano do século XIX, era usado também como substantivo, no sentido “filho enjeitado”.

No entanto, naquela ocasião cismei que não embarcaria outra vez num navio mercante, mas num baleeiro. Eu sonhava com o imenso animal, do tamanho de uma ilha, sobre o qual se contavam tantas histórias prodigiosas. A baleia é dos mais misteriosos animais que o ser humano conhece.

Hoje, acredito que era meu destino, já decidido e firmado em algum lugar, fazer essa viagem, e principalmente fazê-la a bordo do Pequod², comandado pelo capitão Ahab³. No entanto, como poderia saber disso, enquanto arrumava minha bolsa de viagem? Logo partiria rumo a Nova Bedford, onde esperava pegar um pequeno navio para a antiga e famosa povoação, na ilha de Nantucket.

² Nome inspirado nos Pequot, tribo indígena do estado de Connecticut, nos Estados Unidos, e ainda existente na região da Nova Inglaterra.

³ Nome de um dos reis de Israel, segundo o Antigo Testamento, "o mais cruel de todos os reis antes dele" (REIS 16, 30).

Já sabia que Nova Bedford era o novo centro do negócio baleeiro. Mas a atividade se originara em Nantucket, e era lá que eu resolvera que deveria procurar lugar numa embarcação.

Cheguei a Nova Bedford num sábado de dezembro, já à noite, e fiquei sabendo que somente haveria transporte para Nantucket na segunda-feira. Tinha portanto duas noites e um dia inteiro de espera.

Não conhecia a cidade e já previa que teria dificuldades de encontrar hospedagem que eu pudesse pagar. No bolso, umas poucas moedas de prata. Estava bastante frio, ao relento, e as ruas eram lugubrememente escuras. Parei na porta de dois ou três estabelecimentos, que me pareceram caros demais para mim. Até que, num ponto mais distante das docas, achei a Estalagem do Jato. O nome do proprietário estava escrito na placa: Peter Coffin⁴. Nada tranquilizador.

Parecia um lugar meio decrepito, malcuidado. Até a tabuleta da porta passava essa ideia. Não era mais do que um casarão velho, escuro. No entanto, o que mais me interessava era que ali não se poderia cobrar caro pelos quartos.

O interior parecia uma velha embarcação condenada. O vestíbulo era escuro e sujo. Numa das paredes, havia um enorme quadro, cuja pintura mais parecia um borrão sem forma. Depois, cheguei à conclusão de que representava um barco, do qual só se viam três mastros, e uma enorme baleia saltando por cima de uma embarcação. Na parede oposta, havia uma horrenda coleção de armas típicas de selvagens: maças, lanças monstruosamente longas e outras

⁴ No original, o "Spouter-Inn de Peter Caixão", literalmente.

semelhantes. Algumas eram enfeitadas com penas, ou dentes, reluzentes, como serras de marfim. Outras, com tufo de cabelo humano.

Ver aquelas armas me causou um calafrio, e comecei a imaginar um canibal esfomeado, manejando aqueles instrumentos de morte.

Na mesma parede, havia ainda arpões enferrujados, quebrados, e outras armas para abater baleias. Algumas delas tinham histórias de muitas e muitas caçadas nos oceanos.

Prosseguindo em frente, entrei num salão sombrio, com as paredes igualmente decoradas com artigos de *skrimshander*⁵, objetos que aludiam à atividade principal da população local. Procurei o dono da estalagem, mas ele me respondeu que a casa estava lotada.

— Nenhum lugar? — perguntei, preocupado.

— Bem...

Só mais tarde fui entender sua hesitação. Havia de fato uma única vaga, num quarto que eu teria de dividir com outro hóspede. Até aí, nada demais. Se eu pretendia mesmo partir para uma viagem de caça de baleias, precisava estar disposto a dormir junto de muitos outros marujos iguais a mim.

⁵ *Skrimshander*, no original, designa o artesanato feito a partir de ossos e dentes de baleia.

A questão era quem seria meu companheiro de quarto...

— Certo! — disse rindo o estalajadeiro. — Vai querer jantar?

41

O salão estava bastante frio, já que o dono da estalagem não queria gastar acendendo a lareira. Todos ali tinham de fechar-se bem em seus capotes, procurando em vão aquecer-se. Na mesa a que eu fui conduzido, havia uma vela de sebo, parecendo mais sobra de algum velório. As xícaras de chá quente aqueciam nossos lábios e dedos, e a refeição era curiosamente farta: carne, batatas e bolinhos de massa. Havia na mesa um jovem de capote verde com maneiras muito rudes, que devorava de maneira insana esses bolinhos.

— Esse não é o arpoador com quem vou dividir o quarto, é? — cochichei para o estalajadeiro.

— Não, não... — respondeu ele, com um tom de voz que me soou como deboche. — O tal arpoador é um sujeito bastante diferente de todos nós. Tem pele bastante morena, e nunca comeria bolinhos. Gosta apenas de bifes muito malpassados. Quase crus, de fato.

— Mas ele está no salão agora? — perguntei, olhando em toda volta.

— Você o teria notado, se estivesse — foi a resposta dele, sempre parecendo estar se divertindo às minhas custas.

Pouco depois, entrava no salão um grupo de marinheiros maltratados. Além da barba comprida e do aspecto sujo, suas

⁶ É o maior dos cetáceos. Quando adulto, o macho chega a medir até 18 metros de comprimento.

roupas estavam aos farrapos. Acabavam de desembarcar e aquele era o primeiro teto que tinham sobre suas cabeças, depois de uma viagem de três anos. O navio deles estava com os porões carregados de barris de óleo de cachalotes.⁶ Foram ovacionados pelos presentes, e logo o salão virou uma festa.

Era quase meia-noite, quando tornei a me dirigir ao estalajadeiro para saber sobre o arpoador que seria meu companheiro de quarto.

— Que sujeito é esse que chega tão tarde? — perguntei.

— Bem, ele ainda deve estar pelas ruas tentando vender a cabeça.

— Como assim? Uma cabeça?

— Isso mesmo. Mas eu lhe disse que não iria conseguir vendê-la aqui. A cidade está cheia de cabeças. Todo mundo tem a sua.

— Mas que história é essa? Vai me contar agora quem é esse homem!

— Ah... — exclamou o estalajadeiro, sempre rindo. — Ele acaba de chegar dos mares do Sul. Tinha várias cabeças, quando apareceu por aqui, e conseguiu vender todas, menos uma. Essa última está quebrada. E tem de vendê-la

hoje porque amanhã é domingo e não fica bem ele sair por aí vendendo uma cabeça, passando por pessoas que estão indo para a missa.

43

— Peter Coffin! — exclamei horrorizado. — Esse arpoador me parece um homem bastante perigoso.

— Ele paga corretamente! — replicou, dando de ombros. — E a cama é muito boa. Bastante grande, até. Vai querer ou não?

Queequeg

O frio e a necessidade de ter um lugar de repouso me fizeram aceitar. O quarto era muito simples. Havia a cama, uma mesa no canto e algumas prateleiras na parede. A cama era realmente confortável. No entanto, apesar do sono e do cansaço, demorei a dormir.

Estava cochilando de leve quando fui despertado por fortes passadas no corredor. A luminosidade de uma vela infiltrou-se pela fresta debaixo da porta.

“Minha nossa!”, pensei. “É o arpoador. A criatura que vende cabeças na madrugada!”

Fiquei totalmente imóvel, duro mesmo, resolvido a não falar com o homem, a não ser que ele me dirigisse a palavra.

A porta se abriu e o arpoador entrou no quarto. Colocou a vela no chão, num canto do assoalho e sentou-se no chão, sempre de costas para mim. Deitado, mal podia vê-lo, mas não me atrevia a erguer-me, receando denunciar que estava acordado. Usava um chapéu de pele de castor e, já de costas, me pareceu de um tamanho descomunal. Eu morria de curiosidade para ver

seu rosto. E minha curiosidade foi satisfeita quando ele se virou. Então... que visão pavorosa! Que rosto!

Havia manchas de várias cores nas suas faces, que a princípio confundi com ferimentos — e logo imaginei que o indivíduo havia se envolvido em uma briga de rua, nas suas perambulações para vender a tal cabeça. Mas depois me lembrei de que ouvira falar que os canibais dos mares do Sul tinham a pele totalmente tatuada e, num instante em que ele virou seu rosto para a luz, confirmei que era disso que se tratava. O esclarecimento não me tranquilizou. Não era o tipo de companheiro de quarto que eu desejaria. Definitivamente, não.

O arpoador não havia percebido ainda que não estava sozinho. Abriu sua sacola de viagem e de lá de dentro tirou uma espécie de machadinha e uma bolsa de pele de foca. De dentro dessa bolsa, ele sacou a cabeça reduzida, que era mesmo terrível de se ver. Mas o grande susto foi quando ele tirou o chapéu. Quase soltei um berro ao ver aquele crânio inteiramente pelado, a não ser por um pequeno fiapo, retorcido para cima. Naquele instante, se o arpoador não estivesse entre mim e a porta, eu teria saltado da cama e fugido do quarto.

Sem se dar conta da minha presença, o vendedor ambulante de cabeças começou a se despir. O peito e os braços eram decorados com os mesmos desenhos intrincados do seu rosto, assim como as costas. A seguir, já totalmente sem roupas, dedicou-se a um ritual que me apavorou de vez...





Do bolso de seu pesado sobretudo, tirou um pequeno ídolo de madeira escura, que mais parecia um ser humano deformado. A seguir, foi até a lareira vazia e colocou a imagem entre os dois apoios de achas de lenha. Pensei na hora que o interior escuro da lareira a fazia mesmo parecer um santuário do Mal. Mais um pouco, e ele arrumou algumas aparas de madeira diante do ídolo, colocando ainda sobre elas um pequeno pedaço de biscoito. Feito isso, acendeu as aparas com uma vela, e estava montado seu altar.

O arpoador precisou queimar seus dedos para tirar o biscoito do fogo, e depois o ofereceu ao ídolo, que, é claro, não mexeu os lábios. Isso não impedia o selvagem de acompanhar toda a cerimônia com murmúrios e ruídos guturais muito estranhos para serem produzidos por um ser humano, como se ele estivesse entoando um hino, ou rezando. Para terminar, apagou o fogo e enfiou o ídolo de volta no bolso. Então, ele se voltou para a cama e pareceu perceber-me ali deitado.

Não consegui mais me segurar, gritei, e o arpoador soltou um grunhido espantado. A seguir, começou a me apalpar, sempre produzindo sons naquela garganta amaldiçoada. Na escuridão do quarto, ele brandia sua machadinha, agora, e parecia furioso, me ameaçando de morte. Eu rolei para o lado, tentando escapar, ao mesmo tempo em que gritava, chamando pelo dono da estalagem:

— Peter Coffin! Socorro!

Ele entrou no quarto, às gargalhadas:

— Ora, que medo é esse? Queequeg não faz mal a ninguém! — E, dirigindo-se para o arpoador, disse: — Queequeg! Sou seu amigo! Esse homem — falou, apontando para mim — é meu amigo. Vocês dormem aqui juntos.

Queequeg baixou a machadinha e sentou-se na cama. Eu tremia de medo.

— Sim! — disse ele, finalmente. — Queequeg entende. Venha, você! Volte pra cama! — falou, apontando para mim.

E sua voz, assim como o gesto que fez, me pareceu tão gentil que perdi imediatamente o medo. O estalajadeiro nos deixou, eu retornei para debaixo das cobertas e dormi como nunca em minha vida.

Acordei já dia claro, e Queequeg estava com seu pesadíssimo braço passado sobre meu peito. Logo, fiquei constrangido e tentei acordá-lo, ao que ele respondeu com um altíssimo ronco.

— Queequeg! — gritei, ao mesmo tempo em que tentava em vão escapar de seu abraço. Eu estava imobilizado.

Finalmente ele despertou, livrou-me e pude me mexer. A seguir, por gestos e sons, se ofereceu para vestir-se primeiro e sair, deixando assim o quarto para mim. Aos poucos, eu fui aprendendo que, apesar do que sua amedrontadora aparência me fazia imaginar, ele era uma pessoa extremamente delicada no trato com os demais. O que não impedia, por exemplo, que seu método de se vestir fosse para mim muito estranho.

Começou pondo o chapéu de castor. Depois, as botas. E assim ficou, inteiramente despido, andando de um lado para o outro no quarto, por um tempo. Não parecia acostumado a botas, e até mancava um pouco ao caminhar. Para completar a cena, a janela do quarto não tinha cortinas e aquela figura enorme, somente de botas e chapéu, à vista de todos na rua, não era nada recomendável. Enfim, consegui convencê-lo a terminar de se vestir.

Na pia, em vez de lavar o rosto, apenas esfregou um pouco o peito e os braços. Depois, empunhou seu arpão e, muito satisfeito da vida, atravessou a porta.

Nova Bedford

51

No térreo, uma grande mesa reunia os hóspedes, todos eles marujos baleeiros. Imaginei que alguns teriam fantásticas histórias para contar sobre naufrágios a que haviam sobrevivido ou sobre batalhas contra gigantescas baleias, a bordo de seus botes⁷. Curiosamente, no entanto, todos se sentavam encolhidos, mudos. Eu tinha outra ideia do que seria uma reunião como aquela. Imaginava os lobos do mar como pessoas expansivas e barulhentas. Mas não era isso o que eu via ali.

Para variar, Queequeg era uma exceção. Destacava-se entre eles não somente por seu tamanho avantajado, mas pelo arpão, que trouxe consigo para a mesa do desjejum. Enquanto muitos de nós dávamos preferência aos bolos e pães, Queequeg alegremente comia somente bifes malpassados, que arpoava da travessa,

⁷ O navio baleeiro típico da Nova Inglaterra tinha três mastros e dispunha de três ou quatro botes que desciam ao mar com os remadores e arpoadores.

maneja seu instrumento por sobre a cabeça dos demais.

Terminado o café, saí para dar uma volta. E pelas ruas pude compreender por que um sujeito para mim tão diferente como Queequeg não se sobressaía tanto, caminhando no centro de Nova Bedford. Havia toda uma população de canibais, parados aos bandos em cada esquina. Havia ainda jovens gigantes, lenhadores vindos de Vermont e de Nova Hampshire, que decidiram trocar o machado pela lança de baleeiro. E também os novos navegantes vindos do interior, com belos coletes sobre o jaquetão de marinheiro saído da loja — trajes que estarão arruinados nas suas primeiras semanas a bordo.

Nova Bedford é um lugar muito estranho. Ao mesmo tempo em que vemos enormes e luxuosos casarões pelas ruas, cada residência ostenta na porta, pendurados, grandes arpões de ferro, anunciando com orgulho de onde vem sua riqueza. A cidade vive em função da caça da baleia, ou melhor, do cachalote, que é o cetáceo que melhor serve para se extrair essa preciosidade chamada de espermacete⁸. E, de fato, até o

⁸ Do latim *sperma ceti*, esperma de baleia. O espermacete é na verdade uma gordura retirada da cabeça da baleia, usada na fabricação de vela, cera e sabão.

dote que os pais dão às filhas noivas, para iniciarem suas vidas, se conta em baleias.

Existe lá a Capela dos Baleeiros, e raros são os que partem em viagem de caça sem uma visita ao lugar para pedir proteção, já que, uma vez embarcados, não poderiam cumprir suas obrigações dominicais. Eu não seria desses a contrariar o costume. Quando entrei, me deparei com um grande número de marujos e mulheres — muitas delas viúvas de marinheiros mortos no mar. Todos faziam questão de se sentarem distantes uns dos outros. Havia portanto um silêncio recolhido, como se o luto de cada um os isolasse dos demais e fosse incomunicável.

Nas paredes, havia inscrições gravadas em placas de mármore, alardeando o triste destino de muitos marujos.

À MEMÓRIA DE JOHN TALBOT
PERDIDO NO MAR, AOS 18 ANOS, PERTO DA
ILHA DA DESOLAÇÃO, AO LARGO DA PATAGÔNIA
EM 1º DE NOVEMBRO DE 1836
SUA IRMÃ SAUDOSA

À MEMÓRIA DE ROBERT LONG, WILLIS ELLERY,
NATHAN COLEMAN, WALTER CANNY, SETH MACY
E SAMUEL GLEIG DO NAVIO ELISA,
ARRASTADOS EM SEU BOTE POR UMA BALEIA
ATÉ SE PERDEREM DE VISTA NO OCEANO PACÍFICO
EM 31 DE DEZEMBRO DE 1839
ESTA PLACA FOI COLOCADA
POR SEUS COMPANHEIROS DE NAVIO

À MEMÓRIA DO CAPITÃO EZEQUIEL HARDY,
MORTO NA PROA DO SEU NAVIO POR UM CACHALOTE
EM 3 DE AGOSTO DE 1833
ESTA PLACA FOI COLOCADA POR SUA VIÚVA

Em dado momento, voltei-me para trás e, para minha surpresa, vi Queequeg num dos bancos. A expressão de seu rosto, assistindo à cerimônia, era de quem não acreditava no que estava vendo. Era o único que não sabia ler ali e, portanto, não podia ser contaminado pelo lúgubre augúrio daquelas placas. Já entre as pessoas reunidas, tive a certeza de que estavam ali aqueles cujas velhas feridas o ambiente e a missa faziam sangrar novamente.

Na véspera, portanto, da minha partida para Nantucket, conhecer aquela capela, com suas placas fúnebres, era como me lembrar de que eu poderia ter o mesmo destino dos marinheiros que haviam desafiado o mar e suas criaturas antes de mim.

“Sim, Ishmael”, eu me disse. “Muita gente morre nesse ofício de caçar baleias... E daí? Rumo a Nantucket eu vou. Que a morte chegue quando decidir chegar, mas, nem que arrebente meu barco e meu corpo, há de quebrar meu espírito aventureiro.”

Amigo do peito

Queequeg havia deixado a capela antes de mim. Voltando à estalagem, encontrei-o sozinho, num canto do salão, contando as páginas de um livro, como se decifrasse um segredo do universo. Não mostrou reação nenhuma à minha chegada, mas, como eu começava a simpatizar com a criatura que enxergava por baixo de seu aspecto exótico, sentei-me junto dele e comecei a conversa agradecendo ter me recebido tão bem em seu quarto.

— Você vai dormir com Queequeg de novo esta noite?

— Vou, sim. Espero que não se importe.

Ele sorriu, parecendo que lhe fazia uma deferência ao dividir a cama com ele. Resolvi tentar lhe explicar o que era aquele livro, que ele manuseava, e também as poucas ilustrações que tinha. O selvagem ficou interessado, e assim passamos algum tempo. Queequeg mostrava-se cada vez mais amistoso. Em alguém da minha civilização, essa amizade poderia parecer precipitada, mas não em alguém com os hábitos de Queequeg.

Já no quarto, entendi que ele queria que eu o acompanhasse no seu ritual com o pequeno ídolo de madeira escura.

Eu hesitei... Depois, disse a mim mesmo que o magnânimo Deus, senhor dos céus, da terra e dos mares, não sentiria ciúmes de um pedacinho de madeira. Assim sendo, me sentei junto a meu companheiro e ajudei-o a acender a pequena fogueira, a torrar o biscoito e a dá-lo de comer ao ídolo, e até mesmo beijei a peça.

A seguir, nos pusemos a conversar. Foi como descobri muitas coisas a respeito dele.

Queequeg havia nascido em Rokovoko, uma ilha bastante distante, para a banda ocidental e sul dos mares. Não está em nenhum mapa; os verdadeiros lugares nunca estão.

Desde criança, correndo e brincando com as cabras da sua ilha, ele mostrava a ambição de conhecer o mundo. Vez por outra, apareciam navios baleeiros por lá, para abastecer-se de água e alguns suprimentos, e os marujos contavam muitas histórias. Queequeg era filho do grande chefe da ilha, ao mesmo tempo rei e sacerdote máximo do povo. E, na linhagem de sua mãe, havia inúmeros guerreiros tidos como invencíveis. Ou seja, nas veias de meu amigo corria excelente sangue, embora, assim eu desconfie, contaminado pelas práticas canibais que acompanharam sua juventude em Rokovoko.

Certo dia, um navio ancorou na baía e Queequeg pediu que o aceitassem na tripulação. Seu pedido foi recusado, mas Queequeg estava decidido e contava inclusive com o apoio de seu pai. Sozinho, remou em sua canoa até um estreito pelo qual sabia que o navio tinha de passar, quando partisse. De um lado,

havia recifes de coral; do outro, moitas de manguezais. Ele escondeu a canoa entre essas moitas e agachou-se com seu arpão.

Quando o navio passou, Queequeg cravou seu arpão no costado da embarcação, com um chute virou a canoa e a seguir pendurou-se no arpão. Ele subiu pelas correntes e atirou-se no convés, agarrando-se a uma argola da âncora. O capitão, possesso, ameaçou cortar seus pulsos, se ele não a soltasse, e brandiu ameaçadoramente uma machadinha. Mas Queequeg, filho de rei, nem sequer estremeceu.

O comandante, impressionado com tanta coragem, concordou por fim em levá-lo. Queequeg foi escalado para limpar os banheiros da embarcação — o pior dos serviços a bordo. Mas, segundo me confessou, tinha o propósito de chegar ao mundo dos brancos e aprender o que pudesse de modo a ajudar seu povo a melhorar de vida e a ser mais feliz. Com esse nobre ideal, o selvagem a tudo suportou e acabou sendo formado como experiente baleeiro e um excelente arpoador. Perguntei a ele se não pretendia retornar e ser coroado, já que seu pai, a esse tempo, tantos anos depois, estaria velho e cansado.

— Não! — ele respondeu. Depois, pensou melhor e completou: — Ainda não... Queequeg com medo de voltar. Vivo no seu mundo faz muito tempo. Não sou mais puro. Não sou mais merecedor de ocupar o mesmo trono em que trinta reis ancestrais se sentaram. Mas um dia... talvez Queequeg volta. Quando se sentir de novo purificado.

Nantucket

Logo de manhã, Queequeg declarou que queria ir *comigo* para Nantucket. Assim, embarcamos num navio pequeno e fizemos a travessia.

A ilha é praticamente um grande areal. Diz-se que os moradores cultivam cogumelos em frente às casas para aproveitarem a sombra. E que uma folha de capim é um oásis, na ilha. Não é à toa que os habitantes de Nantucket se lançaram ao mar, em busca da subsistência, e tornaram-se assim uma espécie de imperadores do mar. Que os Estados Unidos juntem o México ao Texas e coloquem Cuba sobre o Canadá; que enxames de ingleses se multipliquem por toda a Índia e coloquem sua bandeira reluzindo ao sol; dois terços deste globo terrestre são dos nantuckenses. O mar lhes pertence, e eles o possuem como os imperadores possuem impérios, enquanto os demais homens do mar têm apenas o direito de passagem por suas rotas. Um natural da ilha por anos não sabe o que é terra. É nos mares que passa a maior parte da sua vida. O povo da ilha está espalhado por todos os mares do planeta. O mar é o cemitério de muitos e muitos deles.

Ancoramos em Nantucket já de noite. Queequeg e eu, portanto, não pudemos de imediato procurar um navio no qual embarcar. Fomos atrás de uma pousada que o dono da Estalagem do Jato nos indicara, propriedade de um primo seu que, segundo Peter Coffin, era famoso por suas caldeiradas de frutos do mar, e por isso chamada Caldeirões⁹. E a maneira como nos indicou o caminho foi absolutamente peculiar:

— Mantenham-se a estibordo¹⁰ de um armazém amarelo, até avistarem uma igreja branca a bombordo¹¹. Então, fiquem a bombordo dela, até virarem uma esquina, três pontos a estibordo... e depois perguntem a qualquer um onde fica o estabelecimento de Hosea Hussey.

Queequeg e eu misturamos alguns bombordos com estibordos, sem nos lembrar direito das indicações, mas finalmente chegamos. Havia dois tachos de madeira, pintados de preto e suspensos por suas asas, dispostos de um modo que lembrava algo nada agradável...

“Ora, minha primeira hospedagem era dirigida por aquele tal *Coffin*. E agora venho a outra cuja entrada é decorada por uma... *forca!*”

⁹ Try Pots, no original, também alude aos caldeirões que derretem a gordura das baleias nos navios baleeiros de Nantucket. Foi essa inovação técnica, de incorporar as caldeiras ao navio, que garantiu aos Estados Unidos a hegemonia da indústria baleeira.

¹⁰ Refere-se ao lado direito da embarcação.

¹¹ Referente ao lado esquerdo da embarcação.

Ao chegarmos fomos recebidos pela senhora Hussey, que depois de nos reservar um quarto, nos conduziu à sala de refeições e perguntou:

— Mariscos ou bacalhau?

— Como vocês preparam a caldeirada, senhora? — perguntei.

— Mariscos ou bacalhau? — ela repetiu.

— É que mariscos no almoço não me parecem muito...

— Mariscos! — a senhora me cortou, uma vez que escutara a palavra “mariscos”, e pediu à cozinha: — Uma caldeirada de mariscos para dois!

Logo chegava uma caldeirada fumegante, desprendendo o perfume mais apetitoso que vocês possam imaginar. Ah, meus amigos, era feita de suculentos mariscos miúdos, nenhum maior do que uma avelã, misturados a bolachas de marinho esfareladas e lascas de carne de porco salgada, servidos com bastante manteiga e bem temperados com sal e pimenta.

Com a fome que estávamos, por conta da viagem, e sendo aquele o prato do mar favorito de Queequeg, a caldeirada de mariscos durou pouco na mesa. Logo, eu me levantava, chegava até a porta da cozinha e dizia, com voz firme:

— Bacalhau!

Minutos depois, nova travessa chegava à mesa, desprendendo um cheiro delicioso de bacalhau. Com o mesmo entusiasmo, devoramos a segunda caldeirada.

O restaurante se chamava Caldeirões, e merecia esse nome. Ali, não paravam de servir caldeiradas. E não só isso. A calçada em frente era pavimentada de conchas. A Sra. Hussey usava um colar de vértebras de bacalhau. Os livros contábeis do estabelecimento eram encadernados em pele de tubarão. Até mesmo no leite havia gosto de peixe, para meu espanto. E só fui entender por que quando vi a vaca do dono do restaurante pastando restos de peixe e se movimentando com as patas enfiadas em cabeças de bacalhau.

Quando subimos para o quarto, a Sra. Hussey ainda nos perguntou:

— O que vão querer de desjejum? Caldeirada de mariscos ou de bacalhau?

— Ambas! — respondi. — E pode acrescentar dois arenques defumados, para variarmos um pouco.

O Pequod

Antes de dormirmos, Queequeg me informou sobre as instruções de Yojo — esse era o nome de seu pequeno ídolo de madeira escura —, sobre como deveríamos escolher o navio para cuja tripulação nos candidataríamos. Segundo meu amigo, Yojo insistira enfaticamente que a escolha ficasse inteiramente a meu encargo. Isso porque Yojo já havia escolhido um navio e decidira que seria eu a encontrá-lo. Queequeg confiava plenamente em Yojo e seguia todos os seus conselhos. Já eu preferia acreditar na experiência e na intuição do próprio Queequeg, mas fui obrigado a concordar. Até porque o dia seguinte, segundo entendi, era sagrado para meu amigo arpoador, e ele deveria passá-lo, segundo seus rituais, em jejum, fechado no quarto com seu deus, Yojo.

Portanto, fui sozinho para o cais. Depois de avaliar alguns navios, decidi que um baleeiro chamado Pequod era o mais apropriado para nós.

Era um navio diferente. Dificilmente se encontraria outro igual. Parecia austero, antigo. O casco era enegrecido, acostumado

aos tufões e às calmarias dos oceanos. Sua velha proa¹² parecia ostentar uma barba. Seus mastros — feitos em algum lugar da costa do Japão, onde uma tempestade tirara os mastros originais — pareciam eretos como a espinha dorsal de reis ancestrais. O convés¹³ era gasto, enrugado, e evidenciava o mais de meio século de atividade do navio. O navio estava ornamentado com variados tipos de enfeites, lembranças de suas viagens. Por toda a volta da amurada, havia queixadas de cachalotes, nas quais se destacavam dentes pontudos. Era um navio canibal, ostentando os ossos dos inimigos que abatera, um armazém de troféus.

¹² Parte dianteira da embarcação.

¹³ Piso do navio sem cobertura, parte a céu aberto.

No convés, havia uma tenda indígena armada, por trás do mastro principal, e nessa tenda encontrei um senhor já idoso, de cara amarrada.

— É o capitão do Pequod? — perguntei.

— E se fosse, o que você desejaria dele?

— Bem, eu pensava em pedir para ser aceito na tripulação.

— E entende alguma coisa de baleeiros?

— Não. Mas aprendo rápido. E fiz muitas viagens em navios mercantes.

— Bahh! Navios mercantes! Arranco a sua perna se me falar neles de novo. Ora, por que quer virar baleeiro? Esteve metido na pirataria? Roubou seu antigo capitão? Você parece muito suspeito...

— Não, nada disso. Só quero ver como se caçam baleias. E também quero conhecer outras partes do mundo.

— Sei... E já pôs os olhos no capitão Ahab?

— Não. Quem é ele?

— Ora, que coisa. É o capitão do Pequod.

— Pensei que estivesse falando com o capitão do Pequod.

— Está falando com o capitão Peleg¹⁴. Sou um dos proprietários do Pequod e responsável pela preparação do navio para a viagem, junto com o capitão Bildad¹⁵. O que estou lhe dizendo é que não precisa embarcar nesta viagem para ver como é a caça à baleia. Basta dar uma boa olhada no capitão Ahab. Vai perceber que ele perdeu uma perna.

— Mas, senhor! Está me dizendo que uma baleia o deixou com uma perna só?

— Ora, isso é uma maneira idiota de dizer o que aconteceu. A perna dele foi arrancada.

¹⁴ Peleg é o nome de um dos descendentes de Sem, filho de Éber, no Antigo Testamento.

¹⁵ Bildad é o nome de um dos amigos de Jó, no Antigo Testamento.

Devorada. E pelo cachalote mais monstruoso que já despedaçou botes baleeiros no mar. Satisfeito? Isso é a caça à baleia.

Fiquei um tanto assustado e ele percebeu. Tanto que me perguntou:

— Tem certeza de que já estive embarcado, meu jovem?

— Sim, senhor! Fiz quatro viagens em navios merc...

— Calado! Não diga essa palavra de novo. Bem, agora que tem uma pista do que significa caçar baleias, continua querendo entrar para a tripulação deste navio? Mesmo sabendo o que pode acontecer com você?

— Sim, senhor.

— E você é homem o bastante para lançar um arpão dentro da goela de um cachalote vivo e depois saltar sobre ele?

— Sou, sim, senhor.

— Vá até a amurada, dê uma boa olhada em tudo em volta e retorne aqui para me dizer o que viu.

Apesar de ter certeza de que ele estava brincando comigo, fiz o que ele me pediu.

— Então? — perguntou quando voltei.

— Muita água, até perder de vista. E acho que vem um temporal por aí.

— Pronto! Você já viu o mundo sem sair de onde está. O que quer mais?

— Ainda assim, se me aceitar, quero embarcar.

Ele soltou um suspiro e me empurrou uma pilha de papéis:

— Seja feita a sua vontade! Assine tudo e depois venha comigo.

O capitão Peleg me conduziu ao camarote por debaixo do convés. Lá estava sentado o capitão Bildad. Havia ainda os pequenos acionistas: viúvas e órfãos, moradores de Nantucket. Cada um deles era dono de uma parte equivalente a uma quina do madeiramento, ou um pedaço de prancha, ou mesmo um prego ou dois do Pequod. O povo de Nantucket investia seu dinheiro em navios baleeiros e dividia proporcionalmente os lucros, na volta de cada viagem.

Bildad era conhecido como um grande sovina. No seu tempo no mar, fora um capitão severo, duro, às vezes cruel. Corriam histórias sobre ele, como quando se contava que mais de uma tripulação sob seu comando, ao desembarcar, fora transportada, inteira, para o hospital, por conta de exaustão e privações.

— Bildad! Aqui está mais um que quer embarcar. O que você acha?

— Embarcar? — indagou Bildad, cravando-me seu olhar pesado. — Quer mesmo?

— Sim, quero — respondi.

— Serve! — disse Bildad, desviando sua atenção, como se perdesse o interesse em mim.

— E que parte acha que devemos dar a ele, Bildad?

— Você já sabe. Setecentos e setenta e sete avos, ou a septingentésima septuagésima sétima parte não seria demais, seria?

“Mas que pão-duro!”, pensei comigo mesmo.

— Bildad! — repreendeu-o Peleg. — Não queira enganar este jovem. Ele merece ganhar mais do que isso. Vou dar a ele a trecentésima parte, entendeu? Não abro mão disso.

— Vai nos levar à falência, Peleg! E temos a responsabilidade de remunerar o investimento das viúvas e órfãos, nossos acionistas. Essa sua moleza já levou outros melhores do que você para o inferno!

— Eu é que vou arrastar você deste camarote e enviar para o inferno, bode velho!

Peleg avançou sobre Bildad, que entretanto não se mexeu para fugir à agressão. Eu estava pensando seriamente em desistir de embarcar naquele navio de malucos, enquanto o capitão Bildad, ao que parece, mais do que acostumado aos rompantes de Peleg, simplesmente encarou o sócio, que se deteve e se sentou, tranquilamente, como se nada de mais tivesse acontecido.

— Certo, Peleg. A trecentésima parte — disse Bildad.

— Capitão Peleg — falei. — Tenho um amigo que é um arpoador experiente. Posso trazê-lo?

— E que parte ele vai querer? — interrompeu Bildad.

Peleg avivou os olhos, e já parecia pronto para retomar seu ataque de fúria, quando Bildad falou:

— Pode trazê-lo! Agora, vá! Temos outros assuntos a tratar.

— Claro, mas queria conhecer o capitão do Pequod... o capitão Ahab.

— Queria, é? — debochou Bildad. — Mas não vai conhecê-lo. Ele não é um homem gentil, como eu e o Capitão Peleg.

— Bem, é um nome estranho, esse que ele tem. Na Bíblia, é um rei muito cruel. E, quando morreu, em batalha, os cães se juntaram ao redor do corpo para lambe seu sangue, não é assim?

Os dois capitães me olharam em silêncio por alguns instantes. Finalmente, com voz sombria e trêmula, Peleg falou:

— Escute, meu jovem! Nunca mais repita essa história a bordo do Pequod. Você só vai ver Ahab quando Ahab decidir que isso deve acontecer! Vá tratar do que tem de tratar para embarcar.

A profecia

Queequeg continuava entregue à celebração de seu dia sagrado, com Yojo. Portanto, como tenho o maior respeito pela religião alheia, mesmo que seja um bando de formigas em adoração a um cogumelo, decidi não perturbá-lo.

No começo da noite, retornei à estalagem. Parei na porta de nosso quarto, bati, mas lá de dentro não vinha nenhum ruído. Estranhei bastante e tornei a bater insistentemente. Nada. Tentei abrir a porta, mas estava trancada. Comecei a me preocupar. Olhei pelo buraco da fechadura, mas só vi o cabo do arpão — o mesmo que a Sra. Hussey obrigara Queequeg a deixar com ela. Não sei como meu amigo o recuperara. O instrumento estava encostado na parede. Ora, eu sabia que Queequeg nunca se separava daquele arpão. Assim, ele tinha de estar dentro do quarto.

“Mas, se não responde, pode ter acontecido alguma coisa”, pensei, já imaginando o meu amigo tendo passado mal e desmaiado... Ou quem sabe morto?

— Queequeg! Abra essa porta!

Ainda nada. Desci correndo as escadas, atrás da estalajadeira. Quando lhe contei o que estava acontecendo, a mulher ficou ainda mais nervosa do que eu:

— Minha nossa! E se ele se suicidou? Já aconteceu aqui antes! Outra colcha empapada de sangue que vou ter de jogar fora!

A mulher subiu correndo as escadas, com uma chave mestra na mão, e eu atrás dela.

A chave destrancou a porta, mas Queequeg havia passado o ferrolho por dentro e foi impossível abri-la.

— Vou ter de arrombar! — disse. — Talvez ainda haja tempo de salvar-lhe a vida. Alguém chame um médico!

E, dizendo isso, tomei distância e me atirei contra a porta, ignorando os protestos da Sra. Hussey. O estrondo que a pôs abaixo foi enorme, e lascas do reboco do teto caíram sobre nós.

E lá estava Queequeg, de cócoras, no centro do quarto, segurando Yojo acima da cabeça. Meu amigo estava de olhos fechados. Mas, evidentemente, vivo:

— Queequeg! Responda.

A Sra. Hussey ficou uma fera. A porta arruinada por nada, e Queequeg naquela estranha posição sem demonstrar sequer que se dera conta de nossa presença, tudo isso era demais para ela. Ameaçou nos pôr na rua, e eu nem sequer conseguia que meu companheiro dissesse qualquer coisa ou mesmo abrisse os olhos.

— Por favor, por favor, Sra. Hussey! Tenha calma! Deixe tudo comigo. Eu pago os prejuízos. Agora, por favor, preciso saber o que está acontecendo com ele.

Finalmente, ela parou de esbravejar e concordou em nos deixar. Ainda tentei convencer Queequeg a se sentar numa cadeira, mas ele parecia não me escutar. Acabei desistindo e descí para jantar. Na volta, encontrei-o no mesmo lugar e imóvel:

— Queequeg! Você assim vai morrer de fome! Acorde, homem!

Nem uma palavra...

E, naquela mesma posição, ele suportou, sem um gemido, sem um movimento, o frio da noite. Na cama, enrolado nas cobertas, eu não conseguia dormir, preocupado com ele. Eu cochilava, acordava, olhava para ele, e lá estava Queequeg, na mesma. Finalmente, quando os primeiros raios de sol entraram no quarto, ele se ergueu, espreguiçou-se, estalando todas as juntas do corpo, chegou junto de mim, encostou sua cabeça na minha, sorridente, e me deu bom-dia.

Logo descemos, e Queequeg devorou avidamente um café da manhã à base de muitas caldeiradas. A seguir, rumamos para o Pequod.

Mas, assim que subimos a bordo, o capitão Peleg nos deteve:

— Alto lá! — berrou ele, indignado. — Não permito canibais pagãos a bordo do meu navio!

E logo o capitão Bildad se juntou a ele:

— Isso mesmo. A não ser que esteja com os papéis que comprovem que ele se converteu, no Pequod não embarca.

Eu fiquei alarmado, mas não Queequeg. Meu amigo já havia passado por situações semelhantes, assim, sem dizer uma palavra, só o que fez foi saltar para a borda da amurada, com a agilidade de um genuíno selvagem, e dali para a proa de um dos botes baleeiros suspensos junto ao costado do navio.

— Capitão, parado! Essa pequena gota de alcatrão acima do seu chapéu ser olho de baleia, certo?

Dizendo isso, arremessou seu arpão, que atravessou o ar por sobre a coberta e se cravou no mastro logo acima do chapéu de abas largas do capitão Bildad, onde havia a pequena mancha de alcatrão. O capitão Bildad, é claro, não ousou tremer um músculo sequer, mas, mal constatou a façanha do meu amigo, berrou:

— Peleg! Traga logo os contratos! Precisamos ter esse arpoador em nossos botes! Com uma mira dessas, ele deve ser um homem religioso! Um devoto! Somente forças divinas poderiam guiar o seu braço! Ou, mesmo que não seja assim, o fato é que fé demais estraga os arpoadores. Amansa o tubarão que tem no espírito deles! Todos sabem disso!

Logo Queequeg punha sua marca nos contratos — um desenho redondo igual a uma das tatuagens que ele tinha no braço¹⁶ — e tornava-se tripulante do Pequod. Quanto ao pagamento que ele receberia pela viagem, seria bem superior ao

meu, já que um arpoador, ainda mais alguém com a habilidade do meu amigo, valia bem mais do que um marujo destinado no máximo a quebrar as costas remando os botes baleeiros.

Depois, em nossa última refeição no Caldeirões, de repente interrompi minha conversa com Queequeg e olhei à minha volta. Para meu espanto, eram os demais marujos que nos observavam, de esguelha, e com expressões ainda mais sombrias do que de hábito.

— Qual é o problema, amigos? — eu perguntei.

Muitos desviaram o rosto, outros desconversaram, até que um deles falou:

— Escutamos você dizer que vão viajar no Pequod...

— Isso mesmo — respondi.

— Conheceu o Velho Trovão?

— Quem?

— O capitão Ahab.

— Não — admiti —, mas ouvi falar muito bem dele. Disseram que é um grande capitão, muito experiente, um bom caçador de baleias e um comandante justo, com sua tripulação.

O marujo trocou um olhar com os demais.

¹⁶ No original, o símbolo do infinito, semelhante a um oito deitado.

¹⁷ Ponto mais meridional da América do Sul.

— Tudo isso é verdade — disse ele, depois de mais alguma hesitação. — Mas disseram a vocês também que ele ficou como morto, no Cabo Horn¹⁷, faz muito tempo, e que isso durou três dias e três noites? E que ele matou um homem num duelo de espadas, diante de um altar, no Peru? E sobre a cusparada que ele deu numa tigela de prata sagrada? Que esses atos lhe valeram uma maldição? E contaram como ele perdeu a perna, na última viagem, e que isso foi a realização de uma profecia transmitida a ele tempos antes por uma índia?

— Não me interessa por essas histórias, amigos. Acho que não importam para nosso trabalho.

— Sim — resmungou ele. — Tem razão. Além do mais, já assinaram os papéis, e agora têm de embarcar. É a lei. Sinto tê-los incomodado!

Tendo dito isso, o marinheiro se levantou da mesa e foi embora.

A bordo

Muitos dias se passaram, antes que fôsemos avisados de que o Pequod estava pronto para zarpar. De fato, havia uma infinidade de providências a serem tomadas, desde o conser-
to de velas já usadas e a estocagem de novas, até outros materiais de bordo, suprimentos e água. Trata-se de uma lista sem fim de artigos, que deveria ser o suficiente para os três anos¹⁸ previstos para a jornada.

Em nenhum momento pusemos os olhos em nosso capitão. Falava-se muito nele, e alguns na tripulação esperavam que Ahab, pelo menos, estivesse no convés para dar as boas-vindas a seus marujos, quando embarcassem. Certa tarde, fomos avisados de que deveríamos levar nossos baús para o Pequod até a noite...

— Isso deve significar que iremos zarpar amanhã cedo! — disse eu. — Até que enfim.

¹⁸ As inovações técnicas do navio baleeiro da Nova Inglaterra incluíam um grande compartimento de carga, além das fornalhas e caldeiras para o processamento inicial da gordura para a produção do óleo de baleia, o que evitava paradas desnecessárias e aumentava os lucros da empreitada.

Já Queequeg não se mostrava tão ansioso quanto eu.

A manhã mal havia iniciado, uma alvorada nublada, úmida e cinzenta, e já subíamos a bordo. Fomos recebidos pelo imediato¹⁹, Sr. Starbuck.

— E o capitão? — perguntei.

— Já embarcou — respondeu o imediato.

— Está em sua cabine. Chegou à noite.

Fiquei cismando que ele não sairia da cabine nem mesmo quando o navio deixasse o porto. E foi realmente o que aconteceu. Ahab continuaria uma presença invisível no navio. Aquela situação estava me parecendo cada vez mais estranha. Só que nenhum outro marinheiro comentava nada a respeito. Eu podia falar com Queequeg, mas para ele era indiferente se o capitão iria se apresentar ou não, e aliás meu amigo sabia tanto quanto eu, ou menos ainda, sobre Ahab, diferentemente de outros companheiros nossos de viagem, que preferiam emudecer quando o capitão era mencionado.

O piloto que levaria o navio até alto-mar era o próprio Bildad. Alguns marujos cochichavam que ele tirara a licença para não ter de

¹⁹ Responsável que ocupa o segundo lugar na linha de comando de uma embarcação.

pagar por outro piloto de Nantucket. Ele dava ordens como se vociferasse contra bestas possuídas pelo Mal.

— É com essa moleza que marinheiros mercantes puxam o cabrestante²⁰, seu impréstável? Força! Quebre suas costas se for preciso! Todos vocês! Mexam-se!

²⁰ Mecanismo para erguer grandes pesos, como uma âncora.

Afinal, o cabrestante puxou para fora d'água a âncora, as velas foram içadas e, quando vimos, estávamos em alto-mar.

O pequeno barco a vela que deveria recolher Peleg e Bildad e levá-los de volta à terra aproximou-se do costado do Pequod. Era nítido que ambos os proprietários lamentavam ter de deixar o navio, como se quisessem ficar e proteger seu investimento, por toda a perigosa e longa viagem. Eram como pais, sabendo que o filho precisa partir e ganhar o mundo, caso contrário sua existência não teria sentido. Mas é a contragosto que permitem que se vá, e com o coração partido. Chegamos a ver uma lágrima escorrer pelo rosto de Peleg, quando ele deixava o navio:

— Daqui a três anos, espero vocês com um jantar quente, na velha e boa Nantucket! — bradou Peleg. — Boa viagem, homens!

Bildad apressou seu sócio, e logo subiam no barco a vela, enquanto o Pequod investia contra ondas cada vez maiores e mais fortes, mergulhando no solitário oceano Atlântico.

Alguns marujos

Um dos meus companheiros de bordo que logo me chamou a atenção foi um marinheiro alto, o Bulkington. Lembrei que já o havia visto na estalagem de Nova Bedford. Havia, então, acabado de desembarcar, depois de uma perigosa viagem de quatro anos. E, naquela noite gélida de inverno, enquanto o Pequod arremessava sua proa vingativa naquelas ondas frias e cruéis, lá estava ele de novo, ao leme²¹ do navio. Mal havia descansado e já assumia mais uma arriscada aventura. Entendi que ele devia ser desses marujos aos quais a terra firme parecia queimar os pés. E agia igual ao Pequod, que agora buscava afastar-se do refúgio do porto para entregar-se ao mar revoltoso. Ou como os pensamentos mais livres, mais profundos, que querem se arriscar mar adentro e fogem dos ventos que os empurram de volta para a costa, traiçoeira e servil.

²¹ Componente que controla a direção do navio.

²² Religião cristã professada pelos ingleses perseguidos. Abolicionistas, pregavam o pacifismo e a simplicidade na vida cotidiana, sem intervenção clerical.

Bulkington foi um dos companheiros com quem convivi mais de perto no Pequod e um dos que me ensinaram a admirar os baleeiros e o nosso ofício. Há outros a se mencionar neste capítulo de lembranças...

O primeiro imediato do Pequod era o Sr. Starbuck, natural de Nantucket, de uma família de quacres²². Era um homem de grande estatura, rosto usualmente sério, e, embora nascido numa região costeira submetida a intenso frio, suportava bem as temperaturas mais altas, com suas carnes rijas como um biscoito cozido duas vezes. Tinha apenas 30 anos e era magro, como se seu corpo dispensasse qualquer excesso. E seus olhos como que espelhavam a infinidade de perigos com os quais havia se defrontado em sua vida.

Costumava afirmar:

— Não levarei em meu bote quem não tiver medo de baleias!

Compreendi que ele nos dizia, a partir de sua experiência, que um homem sem medo é alguém que não avalia o perigo, e que portanto pode ser mais prejudicial do que um companheiro covarde.

Todos comentavam que Starbuck era o pescador de baleias “mais cuidadoso que se pode encontrar”. Se bem que logo iríamos aprender o que significava esse “cuidadoso”. Starbuck não era um homem ávido por grandes riscos. De jeito nenhum. Ocorre que não achava a coragem nada de mais. A coragem para ele era simplesmente um recurso útil, bom de se ter à mão, num ofício em que o normal era enfrentarmos a morte.

“Estou nos mares para matar baleias, e esse é o meu trabalho. Mas não venho aqui para ser morto por elas”, repetia. Sabia que muitos marujos haviam perecido por se arriscarem abusadamente. Essa foi a história de seu pai, como também a de seu irmão, cujos membros despedaçados jaziam em algum abismo do oceano.

Stubb era o segundo imediato. Nasceu em Cabo Cod²³. Diferente da sisudez do Sr. Starbuck, Stubb era indiferente aos perigos do nosso dia a dia. Não era covarde nem corajoso, simplesmente não pensava muito no assunto, e, nos momentos cruciais da caçada, agia com a maior tranquilidade. Quando chegávamos junto de uma baleia, erguia seu arpão e o

²³ Cape Cod, no extremo leste dos Estados Unidos, em Massachusetts, é um cabo rodeado de ilhas como Nantucket e Martha's Vineyard, conhecido por ser local de muitos faróis e naufrágios.

arremessava com toda a frieza, não como se estivesse defendendo sua vida, mas como se fosse um gesto normal de um jantar em que os convidados fossem a tripulação. Não se sabe o que pensava da morte, ou mesmo se algum dia se pôs a imaginar algo sobre o assunto. E fumava cachimbo.

O terceiro imediato era Flask, natural de Tisbury, na ilha vizinha de Martha's Vineyard. Era um sujeito atarracado, corpulento, e um feroz combatente na luta contra as baleias. Não nutria o menor respeito pela maravilha que representavam aqueles colossos dos mares. Pelo contrário, parecia pensar somente em exterminá-las.

Os três imediatos — Starbuck, Stubb e Flask — eram os marujos mais importantes. Como era habitual, num baleeiro, comandavam os três botes de caça do Pequod, que eram lançados ao mar e perseguiam as baleias. Acima deles, havia apenas o capitão Ahab. Cada imediato escolhia um arpoador principal para sair em seu bote.

No de Starbuck, ia Queequeg, de quem já escrevi bastante.

No bote de Stubb, ia Tashtego, indígena puro-sangue da aldeia de Gay Head, próxima a Nantucket. Muitos de seu povo se tornaram arpoadores habilíssimos e passaram a tripulantes, portanto, nos baleeiros que saíam da ilha. Como é característico dos homens de seu povo, Tashtego tinha cabelos longos, negros e escorridos, faces proeminentes, olhos pretos e redondos. Sua figura como que proclamava a pureza do sangue de sua raça,

orgulhosos guerreiros caçadores, que, armados com seus arcos, percorriam as antigas florestas da região. Tashtego não mais caçava alces, mas baleias, e o arpão substituíra o antigo arco e as flechas, mas a precisão de sua pontaria e a majestade de seu porte eram as mesmas de outrora.

O terceiro arpoador era Daggoo. De pele absolutamente negra, era enorme em tamanho e força, um gigante de ébano. Tinha um andar de fera, incrivelmente elástico, apesar de seu metro e noventa de altura. E nas orelhas trazia um par de enormes argolões de ouro, tão grandes que espantavam todos a bordo. Ainda era bem jovem, em sua terra natal, quando embarcou num baleeiro pela primeira vez, mas conservava todas as virtudes físicas de seu povo. Qualquer homem branco que chegasse junto dele era irresistivelmente tomado por uma espécie de humildade corporal, ao precisar olhar para cima para encará-lo. Por ironia, era subordinado ao pequeno Flask.

Assim eram os tipos que mais chamaram minha atenção no Pequod. De maneira geral, no entanto, algo me marcou profundamente no espírito daqueles marinheiros. Todos eram ilhéus, naquele navio, seres isolados em si mesmos, cada qual vivendo em seu próprio continente sem tomar conhecimento do continente comum a todos os demais.

Ahab

²⁴ A parte mais elevada do convés entre o mastro da mezena e a popa.

Já havia vários dias que deixáramos Nantucket e nada de o capitão Ahab aparecer no tombadilho²⁴. O dia e a noite eram divididos em quatro turnos, e os imediatos se revezavam no comando. Para quem não prestasse atenção, pareceria que eram eles que estavam no comando. No entanto, vez por outra eram chamados ao camarote e a pressa com que desciam até lá, assim como o tom cheio de autoridade das ordens, tão repentinas, que traziam, deixava claro que estavam exercendo a função em nome de outra pessoa. A ninguém, além dos imediatos, era permitido entrar nos aposentos do comandante.

Toda vez que eu subia ao convés para meu turno de serviço, olhava logo para a popa, tentando distinguir ali alguém que ainda não tivesse visto. Mas nem sinal de Ahab.

Muitos dias de viagem transcorreram, e já nos afastávamos das regiões mais frias e tormentosas do Atlântico. A cada avanço para latitudes mais baixas, as manhãs iam se tornando menos cinzentas e melancólicas.

Então, certo dia, mal pus os pés no tombadilho e ergui os olhos para o castelo de proa, fui acometido de um calafrio: o capitão Ahab estava lá.

Mesmo ainda não o tendo visto, não havia como deixar de identificá-lo. Era um homem de idade, mas ainda robusto. Parecia fundido em bronze, uma estátua. Cabelos grisalhos, o risco de uma cicatriz muito fina e esbranquiçada descendo por um dos lados de seu rosto e pescoço, muito queimados de sol, e desaparecendo por dentro de suas roupas. Ninguém podia afirmar se aquela marca era a lembrança de um ferimento ou um sinal de nascença. Aliás, pouco se comentava sobre Ahab, entre os tripulantes.

E Ahab parecia saudável, forte. Mas havia algo em sua figura que me perturbava. Algo que não era exatamente o homem que víamos, mas que o rondava.

Foi tamanho o impacto da visão que mal reparei na perna de marfim branco — mandíbula de cachalote polida — em que ele se apoiava. Chegavam a dizer, a bordo, que ele possuía uma coleção de pernas sobressalentes. Tratava-se somente de um boato. Parecia locomover-se sem dificuldades, e impressionava sobretudo a estabilidade com que se mantinha em pé, ereto,

no convés, olhar fixo à frente, como se pretendesse se antecipar à proa no corte que o navio executava contra as ondas. Era o olhar de alguém inabalável em suas resoluções e incapaz de se render.

Não disse uma palavra sequer, por todo o tempo em que esteve ali, nem seus imediatos disseram coisa alguma, embora se mostrassem embaraçados e pouco à vontade diante de seu capitão.

Ahab os fitava, vez por outra, rosto sombrio, sofrido, pesado, contendo a custo uma poderosa angústia. E não demorou muito tempo ao ar livre. Logo retornava para o seu camarote. No entanto, depois dessa estreia, todos os dias aparecia por alguns instantes, e por períodos cada vez mais longos, à medida que o céu se tornava menos invernial, até que começou a acontecer de passar dias inteiros no tombadilho.

Um episódio

Mais alguns dias transcorreram. O Pequod deixara para trás o tempo gélido e os *icebergs* e atravessava a luminosa primavera de Quito. Com isso, Ahab passava mais tempo fora do camarote. Imaginava-o, ao descer, dizendo a si mesmo: “Passar por essa escotilha estreita é como entrar no túmulo de alguém... Quem sabe no meu próprio?”.

Via nele até mesmo algum senso de generosidade humana porque, quando subia ao convés durante a noite, sabendo que os marujos estavam logo abaixo, em justo descanso de um trabalho estafante, evitava caminhar para não fazer ressoar por todo o porão onde dormíamos as batidas de seu calcanhar de marfim, que provocariam em todos pesadelos com as presas afiadas de tubarões.

No entanto, certa noite, seu humor estava azedado demais para que se preocupasse com cordialidades banais, e assim percorria o convés de uma ponta a outra, com seu andar barulhento. Foi quando Stubb subiu e, mesmo sem jeito, dirigiu-se ao capitão dizendo:

— O senhor pode, é claro, andar no convés quando quiser. Mas talvez haja uma maneira de abafar o barulho. Quem sabe se cobrirmos a ponta de sua perna de marfim com um chumaço de estopa...?

Ahab voltou-se para ele com olhos faiscantes e rosnou:

— Por acaso, virei uma bala de canhão para você *querer* me pôr uma bucha, Stubb? Cale essa boca e desça para *aquele* seu túmulo coletivo, onde você e os vagabundos iguais a *você* se preparam, amortalhados, para suportar por fim uma cova *de* verdade. Desça logo, seu cão imundo!

— Não estou acostumado a falarem comigo desse jeito, senhor — protestou Stubb! — Por muito menos, eu já...

— Chega! Já disse que cale a boca e suma da minha frente.

— Não vou abaixar a cabeça diante de alguém que me chamou de cão.

— Então, que seja! Seu burro! Dez vezes burro! Dez vezes asno! Suma agora daqui ou acabo com sua raça!

Ahab avançou para o imediato com tanto ímpeto que Stubb, sem querer, recuou. Depois de um instante de olhos cravados um no outro, no entanto, o imediato voltou as costas e desceu, resmungando, para o convés inferior.

Ahab permaneceu por instantes junto da amurada, fitando a escuridão. A seguir, sentou-se no seu tamborete, feito de marfim, e ficou parado, olhar perdido, solitário, indevassável. Contam as lendas que, nos tempos dos velhos viquingues, os tronos

dos reis dinamarqueses, todos grandes marinheiros, eram feitos de presas de gigantescos narvais. Como, então, se poderia voltar os olhos para Ahab, sentado naquele seu trono de presas de cachalotes, sem recordar que ali estava a realeza? Ahab era senhor não somente do tombadilho e do Pequod, mas soberano dos mares e das criaturas colossais que habitam as profundezas.

Mais alguns momentos, Ahab ergueu-se e saiu caminhando, com o mesmo sonoro andar de antes, pelo tombadilho.

Curiosidades do ofício

Até então, ninguém no navio havia mencionado a Baleia Branca... Moby Dick. E creio que nossa viagem começou a ficar mais sombria no momento em que começaram os comentários sobre ela, sempre acompanhados de espanto e apreensão. Talvez, até mesmo, medo.

O Pequod já alcançava regiões de mares profundos. Logo nos perdíamos nas imensidões oceânicas, sem praias nem enseadas à vista por semanas. Aprendi que há nos mares diferentes tipos de cetáceos²⁵, ordem dos mamíferos marinhos à qual pertencem os cachalotes, o maior dos cetáceos dotado de dentes. Quando se pensa em baleias, na verdade a imagem que nos vem é do majestoso cachalote, de enormes cabeça e tamanho.

²⁵ Mamíferos marinhos que respiram o ar atmosférico. Golfinhos, botos e baleias fazem parte da ordem dos cetáceos.

Os cachalotes possuem numa câmara do crânio uma substância leitosa, parecendo cera, o

espermacete — precisamente o tesouro que os caçadores de baleias buscam conquistar. Tratava-se de mercadoria valiosíssima, servindo para fabricação de velas, de unguentos medicinais, lubrificantes, cosméticos e uma enormidade de outros usos. Cada cachalote carrega cerca de duas toneladas de espermacete.

Normalmente, os cachalotes são escuros, ou de um certo tom de castanho. Um cachalote branco, como *Moby Dick*, é muito raro, embora não seja impossível encontrar algum nos oceanos.

Quando parte para uma expedição de caça — a mais demorada viagem marítima realizada atualmente pelo ser humano —, a tripulação sabe que seu ganho não se baseia num salário fixo, mas será um percentual, uma parte do lucro da empreitada. Ou seja, depende da quantidade de baleias que abater, nos mares, e dos barris de óleo de baleia que trará de volta para seu porto de origem.

Numa tripulação, o capitão é praticamente um ditador. Tem poder de ordenar castigos físicos, como chibatadas, encarceramento, ou que o marinheiro seja posto a ferros — acorrentado nos porões do navio — ou desembarcado, mesmo contra a sua vontade, e em lugares ermos, em ilhas das quais jamais será resgatado. Pode até mandar executá-lo — e a força é a punição mais comum. Qualquer questionamento em relação ao seu comando dá motivos para a acusação de motim. Marinheiros amotinados, em geral, são enforcados, ou a bordo, se o capitão

ainda manter o controle do navio, ou no primeiro porto em que forem capturados.

Ahab era em tudo um capitão incomum. Na maior parte do tempo, mesmo quando passou a permanecer mais no tombadilho, ficava calado, imóvel, como se todo voltado para si mesmo. Se, por exemplo, o ajudante de cozinha o chamasse, anunciando que a refeição estava servida, dificilmente Ahab demonstraria que o havia escutado. Terminaria tranquilamente a tarefa a que se dedicava e só bem depois, com sua voz invariável, chamaria os imediatos para virem fazer a refeição com ele.

Havia também uma ordem nessa descida e na volta ao convés. Primeiro, seguindo o capitão, descia Starbuck, depois Stubb e depois Flask. Na volta, Flask era sempre o primeiro a subir e Starbuck, o último. Isso fazia com que Flask fosse sempre aquele que tinha menos tempo para comer. E, se ocorresse em algum dia de Stubb estar com pouco apetite, Flask teria de se apressar, e forçosamente comeria pouco naquela refeição porque não poderia acontecer de Stubb subir ao convés antes de Flask.

Enfim, há certos rituais, regras e leis no mar, que jamais podem ser quebradas. E mesmo Ahab, embora com suas excêntricas, as respeitava. Outro exemplo era a mesa dos arpoadores. Se na mesa do comandante do navio reinava o silêncio e o constrangimento, o caos e a balbúrdia eram de praxe entre Queequeg, Tashtego e Daggoo. Para infelicidade do ajudante de cozinha, era sua tarefa e suplício diários servir a refeição dos

arpoadores. O jovem tinha pavor deles. A brincadeira mais comum dos arpoadores era agarrá-lo e ameaçar tirar-lhe o escalpo. Assim, mal os servia, o rapaz fugia correndo de perto do trio selvagem.

Era uma cena imperdível ver Queequeg sentado diante de Tashtego, ambos exibindo um para o outro seus dentes pontiagudos e afiados, e Daggoo, sentado no chão, já que, se estivesse sobre o banco, com os adereços de sua cabeça, bateria nas vigas inferiores do teto. Cada gesto de Daggoo fazia todo o madeirame do camarote estremecer, era como um paquiderme a bordo. Ao final, Tashtego costumava chamar o ajudante aos berros, avisando que chegara a hora de encerrar a refeição roendo-lhe os ossos. Apavorado, o jovem agitava-se tanto na cozinha que quase quebrava toda a louça.

Afinal, não era segredo que Queequeg, em seus tempos na ilha onde nascera, participara realmente de alguns festins nos quais a carne humana era o prato principal.

Assim, prosseguíamos. Ahab, inacessível mesmo aos homens mais próximos, e os arpoadores, divertindo-se como nenhum de nós naquela viagem.

A moeda de ouro

Certa manhã, depois do desjejum, Ahab subiu ao convés. Assim como muitos capitães de navio, ele costumava passear pelo tombadilho como grandes senhores de terras fazem, caminhando por sua propriedade após cada repasto. No entanto, naquela manhã, suas passadas estavam mais curtas e nervosas, e a perna de marfim espetava-se no convés como se realmente quisesse feri-lo. Vi Stubb e Flask se cutucando, indicando disfarçadamente Ahab com um gesto. Eles também haviam notado algo incomum no estado de espírito do capitão.

Logo, Ahab aproximou-se do mastro grande e ordenou:

— Senhor Starbuck. Reúna todos os homens aqui!

Uma correria se instalou a bordo. Para obedecer às ordens do capitão, os que estavam no topo dos mastros, vigiando as águas em torno, se apressaram a descer. Os que estavam nos camarotes, abaixo do tombadilho, dispararam escada acima. E logo, em volta de Ahab, postou-se a tripulação inteira, sob o seu olhar agudo e cortante.

— O que vocês fazem quando avistam uma baleia, homens?

— Avisamos a todos aos berros! — responderam as vozes em coro.

— Muito bem! — disse em voz alta Ahab. — E depois?

— Descemos os botes e saímos atrás dela.

— Muito bem! E digam: qual canção vocês entoam enquanto remam?

— Baleia morta ou barco despedaçado!

O rosto de Ahab foi se tornando cada vez mais feroz, cada vez mais conturbado e ao mesmo tempo contente. Já os marujos trocavam olhares, sem entender por que o capitão os reunira para aquelas questões que não havia razão de levantar.

— Os mais experientes entre vocês já escutaram falar de uma baleia branca. Um gigante. Uma fera dos mares. Vejam aqui esta moeda de ouro! — disse Ahab, tirando uma grande e pesada moeda dourada do bolso. — É um dobrão! Vale uma pequena fortuna. Quem quer ganhá-la? Quem?... Senhor Starbuck! Traga-me o malho!

Starbuck foi pegar o malho, enquanto o capitão esfregava a moeda na aba de seu jaquetão, como se quisesse realçar-lhe o brilho e atizar ainda mais a ganância de sua tripulação. Recebendo o malho de Starbuck, aproximou-se do mastro principal e bradou:

— Quem avistar o cachalote branco ganhará esta moeda de ouro! — disse.

A tripulação soltava hurras, enquanto Ahab cravava a moeda no mastro, onde permaneceria sempre às nossas vistas.

— Ele tem três rasgões na cauda! — prosseguiu o capitão. — Se o virem, soltem o aviso, o mais alto que puderem. Uma moeda de ouro, uma fortuna, é a recompensa para quem avistá-lo. Olhos atentos, marujos!

— Capitão! — chamou Tashtego. — Esse cachalote branco... é aquele que chamam de Moby Dick²⁶?

Ahab voltou-se para ele, com olhar febril, transtornado:

— Você o conhece? Já viu a baleia branca?

— Ela abana a cauda de um jeito diferente, antes de mergulhar? — perguntou Tashtego.

— E o esguicho é diferente também... — disse Daggoo. — Só ela esguicha daquele jeito.

— E tem muitos arpões... — disse também Queequeg... — Ferros retorcidos... cravados no lombo.

— Sim, isso mesmo! — disse Ahab, cada vez mais agitado. — É ela! Vocês todos a viram, não foi? Aquele demônio!

— Capitão Ahab... — disse, um tanto timidamente, Starbuck. — Todos aqui já escutamos falar de Moby Dick. Não foi ele... que arrancou sua perna?

²⁶ No original, Moby Dick é um cachalote macho adulto, albino e gigantesco. A história que inspirou Melville ocorreu com outro baleeiro de Nantucket, o Essex, atacado e naufragado por um cachalote em 1820 no oceano Pacífico.

— Quem contou isso a você? — berrou Ahab. Mas, logo em seguida, controlou-se. — Bem, não é um segredo. Todos sabem. Sim, foi Moby Dick que arrancou esse pedaço de mim... — Ahab acariciava a sua perna de marfim, trêmulo. — Por causa desse monstro, uso este pedaço morto de osso de cachalote. Sim, foi ele! — Ahab agora berrava, e gemia como uma fera ferida. — Por causa dele, virei um aleijado. Aquele maldito cachalote branco!

Ahab ergueu seus braços para o céu, como se proferisse todas as maldições possíveis de caberem na boca de um mortal. Seu rosto estava convulso.

— Eu jurei então persegui-lo. E matá-lo. Nem que tenha de cruzar o Cabo Horn mil vezes. Nem que tenha de enfrentar o mais cruel dos redemoinhos do oceano, o próprio Maelstrom da Noruega²⁷! Nem que precise atravessar as chamas da perdição, o inferno! Não há lugar onde Moby Dick possa se esconder de mim!

A tripulação continuava gritando, enlouquecida com a fúria do capitão. Menos os imediatos, e, entre eles, principalmente Starbuck, que mantinha um olhar pesado sobre Ahab.

²⁷ Sistema de marés e redemoinhos considerado um dos mais fortes do mundo.

— O que foi, Starbuck? — provocou Ahab. — Tem medo de Moby Dick?

— Capitão — disse Starbuck, afinal —, não tenho medo de Moby Dick nem de nenhuma outra criatura do mar. Meu ofício é caçá-los, é assim que ganho o sustento da minha família. Caso contrário, eu os deixaria em paz. Mas não embarquei para satisfazer a um desejo de vingança de ninguém. Sua vingança, capitão, pergunto eu, encherá quantos barris para serem vendidos no mercado de Nantucket?

— Minha vingança vale muito para mim! Para mim! — respondeu o capitão esmurrando seu peito...

O que Stubb, cochichando para Flask, comentou:

— Por que ele bate no peito? Soa oco! Não tem nenhum coração ali!

— Capitão Ahab — disse Stubb —, com todo respeito, mas essa sua vingança chega a ser um pecado. Uma blasfêmia.

— Como?

Ahab estava indignado.

— Sim, me perdoe. Mas os cachalotes são seres irracionais. Eles não odeiam, apenas defendem suas vidas, quando os caçamos. E às vezes vencem aqueles que os caçam. Todos nós já tivemos amigos e parentes mortos e mutilados. Faz parte do ofício. Mas nem por isso devemos odiar os animais que caçamos. É inútil. Eles... simplesmente não sabem o que fazem, não são humanos, para sentir raiva, feito nós.

— Você está enganado, Starbuck — berrou Ahab. — Moby Dick não é como as outras baleias. Ele é um demônio, já disse! Chega, não admito mais contestação. Já fiz minha oferta! E se o senhor Starbuck não quer ganhar essa moeda de ouro, tenho certeza de que outros a querem. Ou estou errado, homens?

— Não! — berrou a tripulação inteira, em coro.

Ahab soltou uma risada, deu as costas para todos e saiu em seu passo marcado pelo impacto da perna de marfim no convés. Nem por um instante, Starbuck baixou os olhos diante do capitão. Mas, quando Ahab se afastou, o imediato murmurou:

— Deus nos proteja!

Daquela manhã em diante, os homens aguçaram os olhos, no tombadilho, e o turno de vigia no alto da gávea, um dos postos mais solitários e perigosos — no topo dos mastros —, foi o mais disputado entre a tripulação. A moeda de ouro, como Ahab previra, exercia um estranho encantamento sobre aqueles marinheiros.

Moby Dick

Sob o pôr do sol daquele dia, e mais tarde, ao anoitecer, entrando na escuridão e na sucessão de turnos de vigília no convés, cada um de nós, a bordo do Pequod, atravessava as horas absorvido num diálogo consigo mesmo. Do capitão Ahab a seus imediatos, aos arpoadores e cada um dos marujos — homens reunidos ali, procedentes de todas as partes do mundo. Cada qual repetindo mudamente suas cantorias preferidas, ou simplesmente deixando o pensamento vagar.

Quanto a mim, sentia-me plenamente integrado à tripulação. Trazia o espírito carregado de pavor, diante do desconhecido, e talvez isso tenha feito meus brados contra Moby Dick mais estridentes e meu juramento mais devotado, quando o capitão nos desafiou. Já sentia todo aquele ódio de Ahab como se fosse meu. A partir daquele dia, tornei-me atento a tudo o que se contava a respeito do monstro branco que mutilara meu capitão. Todas as histórias sobre Moby Dick faziam parte de mim, agora.

Era a brancura da baleia o que mais me aterrorizava. Não sei ao certo por quê. Foi como se a cor incomum do mamífero

marinho o transformasse no símbolo de todos os vazios e da imensidão desalmada do universo.

Moby Dick não era uma lenda. Vários baleeiros haviam se defrontado com aquele cachalote, maior do que todos os seus semelhantes, e dotado de tamanha inteligência para evadir-se dos caçadores, e igual ferocidade para revidar os ataques que sofria, que as histórias sobre a criatura circulavam por todos os navios dedicados ao ofício.

Já não era raro escutar que algum navio baleeiro, contrariando todos os nossos costumes, ao identificar um cachalote, no mar alto, como Moby Dick, tenha preferido manter seus botes atados ao casco e evitar o confronto. E, quando batalhas ocorriam, eram tantos os reveses sofridos, desde pulsos e membros destroncados ou fraturados, além de sangrentas amputações, até mortes, que mesmo os caçadores de baleias mais valentes falavam nele com certo estremecimento. Não havia quem, mesmo intimamente, deixasse de proferir orações para ser poupado de enfrentá-lo.

O fato é que, em nosso ramo, navegamos por longas semanas, às vezes, sem enxergar terra nem cruzar com nenhuma outra embarcação. Trata-se de um meio de vida em que a consciência do desamparo e da miudeza do ser humano se abate sobre todos como um assombro. Vez por outra, as histórias do mar, como as de Moby Dick, caíam em nossa imaginação, fertilizadas pelo abandono das horas e pelos ventos. A mandíbula do cachalote branco, em muitos de nós, provocava terrores que se

Moby Dick

Sob o pôr do sol daquele dia, e mais tarde, ao anoitecer, entrando na escuridão e na sucessão de turnos de vigília no convés, cada um de nós, a bordo do Pequod, atravessava as horas absorvido num diálogo consigo mesmo. Do capitão Ahab a seus imediatos, aos arpoadores e cada um dos marujos — homens reunidos ali, procedentes de todas as partes do mundo. Cada qual repetindo mudamente suas cantorias preferidas, ou simplesmente deixando o pensamento vagar.

Quanto a mim, sentia-me plenamente integrado à tripulação. Trazia o espírito carregado de pavor, diante do desconhecido, e talvez isso tenha feito meus brados contra Moby Dick mais estridentes e meu juramento mais devotado, quando o capitão nos desafiou. Já sentia todo aquele ódio de Ahab como se fosse meu. A partir daquele dia, tornei-me atento a tudo o que se contava a respeito do monstro branco que mutilara meu capitão. Todas as histórias sobre Moby Dick faziam parte de mim, agora.

Era a brancura da baleia o que mais me aterrorizava. Não sei ao certo por quê. Foi como se a cor incomum do mamífero

marinho o transformasse no símbolo de todos os vazios e da imensidão desalmada do universo.

Moby Dick não era uma lenda. Vários baleeiros haviam se defrontado com aquele cachalote, maior do que todos os seus semelhantes, e dotado de tamanha inteligência para evadir-se dos caçadores, e igual ferocidade para revidar os ataques que sofria, que as histórias sobre a criatura circulavam por todos os navios dedicados ao ofício.

Já não era raro escutar que algum navio baleeiro, contrariando todos os nossos costumes, ao identificar um cachalote, no mar alto, como Moby Dick, tenha preferido manter seus botes atados ao casco e evitar o confronto. E, quando batalhas ocorriam, eram tantos os reveses sofridos, desde pulsos e membros destroncados ou fraturados, além de sangrentas amputações, até mortes, que mesmo os caçadores de baleias mais valentes falavam nele com certo estremecimento. Não havia quem, mesmo intimamente, deixasse de proferir orações para ser poupado de enfrentá-lo.

O fato é que, em nosso ramo, navegamos por longas semanas, às vezes, sem enxergar terra nem cruzar com nenhuma outra embarcação. Trata-se de um meio de vida em que a consciência do desamparo e da miudeza do ser humano se abate sobre todos como um assombro. Vez por outra, as histórias do mar, como as de Moby Dick, caíam em nossa imaginação, fertilizadas pelo abandono das horas e pelos ventos. A mandíbula do cachalote branco, em muitos de nós, provocava terrores que se

estendiam ao sono, tornando-se pesadelos. Não importava mais, então, a origem dos rumores que nos chegavam, já que todos, ao final, ganhavam um nome: Moby Dick.

Não é à toa. Já se falou até que Moby Dick tinha o poder da ubiquidade, tendo sido avistado em dois lugares distantes ao mesmo tempo.

Ainda que não acreditem em nenhum atributo sobrenatural do cachalote, há os que dão certa razão a esses boatos. Afinal, pouco se sabe sobre as vias secretas das correntes marítimas, e por isso as estradas submersas do cachalote permanecem como um segredo privativo de sua espécie. É notório que, no corpo de baleias abatidas no extremo norte do Pacífico, foram encontradas pontas de arpões que lhes foram cravadas na Groenlândia. Como é possível a rota dos cachalotes achar passagens que a navegação ignora, isso não se sabe. Por baixo da superfície das águas, há mundos desconhecidos, fato que qualquer um admite sem pestanejar.

Mesmo com todo o pânico que provoca, muitos baleeiros se dispuseram a conquistar a glória de matar Moby Dick. No entanto, o cachalote, ou por esperteza ou por fúria e força, ou ainda por conta de sua velocidade de deslocamento incomparável, e absurda, dado o seu tamanho, sempre conseguiu escapar. São incontáveis, de fato, os arpões enfiados em seu corpo, já se enferrujando, desfazendo-se, enquanto o mamífero permanece senhor das águas que percorre. Com isso, há quem acredite

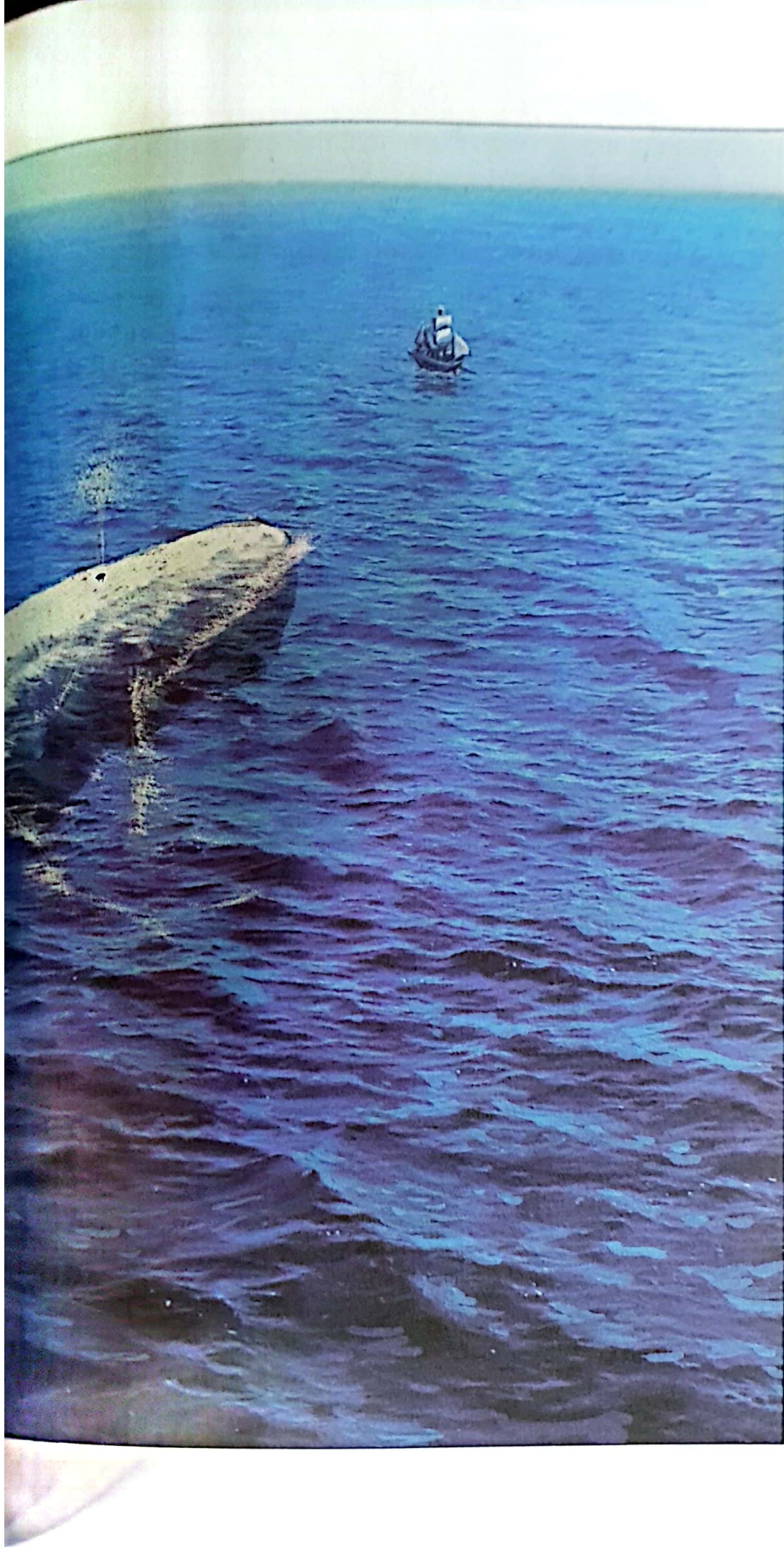
que Moby Dick não é apenas onipresente, mas também imortal. Como um deus.

O que se conta é que Moby Dick, à luz do dia, é uma visão deslumbrante. Glória da Criação, seu corpo marmorizado reflete o brilho solar, enquanto desliza pelo imenso azul, deixando atrás de si uma Via Láctea de espuma cremosa, polvilhada de reflexos dourados. E isso impressiona, tanto quanto a sua malignidade consciente, tão contrária à natureza animal da fera, e a precisão cada vez mais destruidora de seus ataques.

Mortes são comuns em nosso trabalho. Mas, no caso do cachalote branco, toda a sua hostilidade parece premeditada, como se vingasse a própria espécie, presa há séculos de nossos arpões. Botes mastigados, cenas de horror em que baleeiros tentavam escapar a nado, em desespero, cercados dos pedaços de seus companheiros que afundavam em borbulhas sangrentas. E, triunfante, Moby Dick e sua horrenda mandíbula, sua incompreensível e aterrorizante inteligência.

Não é de todo desdenhada a inteligência de alguns cachalotes famosos. No ano de 1820, o navio Essex, sob o comando do capitão Pollard, de Nantucket, cruzava o Pacífico, quando avistou esguichos e deu ordens para que se baixassem os botes. Tratava-se de um bando de cachalotes e vários deles foram feridos pelos arpoadores. Em dado momento, subitamente, um enorme cachalote abandonou o bando e, escapando dos escaleres, lançou-se contra o Essex. Colidindo sua enorme cabeça contra





o costado do navio, despedaçou-o, e o Essex, em dez minutos, quando muito, afundou.

Conheci o primeiro imediato do Essex em Nantucket, um dos poucos sobreviventes da tragédia. Chamava-se Owen Chase e escreveu uma narrativa minuciosa do caso espantoso. Nesse texto, ele menciona “a medonha ferocidade da vingança da baleia”, e também “o ataque misterioso e mortal da criatura”.

Raríssimas vezes se escutou falar de um cachalote investindo contra os navios — pois costumam ficar sempre a certa distância, enquanto a perseguição é feita pelos botes. Mas tomei conhecimento de pelo menos outros dois episódios semelhantes. Um deles, o do navio União, que foi a pique ao largo dos Açores. Outro foi um navio de guerra norte-americano, sob o comando do comodoro J., abalroado por um gigantesco cachalote, que o forçou a procurar o primeiro porto para reparos.

Há outros boatos e histórias muitas vezes repetidas, durante as noites, a bordo dos navios baleeiros, querendo os que as contam ocupar o vazio da noite e espantar os fantasmas que povoam as águas escuras dos oceanos. Mas bastam os casos descritos acima, ou melhor... Há uma outra história que deve ser contada, pelo menos essa... Certa vez, conta-se, o cachalote conseguiu despedaçar os três botes que o perseguiam. Com remos e homens a girar no redemoinho que os tragava para o fundo, o capitão daqueles marujos, desembainhando sua faca, lançou-se à água e avançou contra a baleia, um possesso, armado de uma

lâmina de cerca de quinze centímetros contra um monstro, habitante dos domínios abissais do mar.

Esse capitão era Ahab. A mordida que lhe arrancou a perna foi rápida. A dor, lancinante, insuportável. Físgado do mar pelo navio, o que o manteve à tona foi o já nascente desejo de vingança. Que só fez fermentar e crescer durante os meses em que precisou recolher-se, estirado, para convalescer. E foi a força que auferiu daquela planejada vingança que o fez, já com sua perna de marfim, desfilar diante dos moradores de Nantucket, com tanto garbo que ninguém duvidou que estivesse recuperado mental e moralmente. As histórias sobre seus dias de delírio no mar foram esquecidas. E todas as demais objeções. Deram-lhe aquele comando, então, do Pequod, para caçar baleias e amealhar o precioso espermacete, sendo o lucro sobre os altos investimentos da viagem partilhado por numerosos compatriotas. Mas Ahab tinha outra prioridade.

A pesca banal das baleias e o recolhimento do espermacete eram inconvenientes aos quais ele teria de se submeter. Não podia, afinal de contas, abandonar totalmente os objetivos declarados da viagem. Mas ao que ele sacrificaria tudo, inclusive nossas vidas, se julgasse necessário — sobre isso nunca tive dúvidas —, era à sua vingança. Jurara livrar os mares e o mundo de Moby Dick. Julgava ser essa sua missão, seu sagrado propósito. E essa sua obsessão era tal que para ele era como se Moby Dick pensasse também em livrar a humanidade de Ahab.

Mapas e pesadelos

Logo após anunciar à tripulação seu objetivo principal em relação à viagem, Ahab desceu para o seu camarote, sentou-se à sua escrivaninha e abriu sobre a mesa alguns mapas mostrando rotas oceânicas. Era aquela sua interminável ocupação, toda vez que se retirava para seus aposentos. Naqueles mapas, estavam riscados a lápis os percursos seguidos por cachalotes e onde haviam sido capturados ou avistados.

Vez por outra, abria algum velho diário de bordo, de algum baleeiro, e confrontava os traçados dos mapas com as anotações registradas nesses livros. Ao mesmo tempo, uma linha invisível se desenhava em sua mente, enquanto apagava marcas antigas e fazia outras.

Tinha ali à sua frente as cartas de todos os oceanos, e somente Ahab, a essa altura, poderia compreender o labirinto de rotas, cujo sentido era a ideia única que ardia no espírito mórbido do capitão.

Ahab, seguindo aquelas indicações, algo que somente um baleeiro experiente e um excelente navegador seriam capazes

de fazer, calculava as diferentes rotas percorridas pelo cachalote, perseguindo seu alimento — lulas, de preferência —, estimando também quando e onde ele estaria em cada estação do ano.

Na verdade, os cachalotes guardam uma regularidade perfeita em relação às águas que frequentam. Muitos acreditam, e Ahab seria certamente um desses, que os trajetos do colosso são como as migrações dos cardumes de arenques e dos bandos de andorinhas, sempre seguindo o mesmo percurso e sempre na mesma época do ano. Com isso, muitas tentativas têm sido feitas para se traçarem cartas que mapeiem detalhadamente as migrações dos cachalotes. Até porque, quando transitam da área em que caçam suas presas para outra, os cachalotes, com impressionante precisão, seguem os *veios*, como são denominados, percorrendo linhas oceânicas constantes. Nenhum navio é capaz de evitar alguns décimos que seja de desvio em sua rota, mas isso não acontece com as baleias. Geralmente, elas se movem sempre dentro de faixas relativamente estreitas. Se navegarmos nelas, ficam ao alcance da vista do vigia do alto da gávea.

Ou seja, um navio localizado numa das rotas conhecidas pode ter a certeza de que avistará baleias.

Não se trata de algo infalível, há sempre variações; no entanto, avistamentos de Moby Dick confirmados podem indicar com certo grau de confiança que o cachalote branco estará

²⁸ Gigantesca criatura mitológica aquática, citada no Livro de Jó e presente no imaginário medieval, associada à baleia e ao crocodilo.

de novo naquela mesma região no ano seguinte. Era nisso que se fiava Ahab para encontrar o Leviatã²⁸.

Expulso de sua rede pelos atormentados pesadelos que o perseguiram, nos quais a cena de sua mutilação se repetia com absoluta nitidez, Ahab era lançado no mesmo turbilhão de delírios que rodopiavam em seu cérebro durante o dia. Seu sofrimento era imensurável, inesgotável. A dor espiritual era tanta que um precipício parecia abrir-se sob seus pés, projetando garras de fogo que queriam agarrá-lo, exibindo lá embaixo demônios que acenavam para o capitão, estimulando que saltasse ao encontro deles.

Quando esse seu inferno interior lhe escancarava a goela, escutava-se um grito selvagem por todo o navio, e Ahab surgia no tombadilho, fugindo de seu camarote como se o lugar estivesse em chamas.

No entanto, todo esse terror, em vez de ser demonstração de alguma fragilidade em sua fúria decidida, eram somente sintomas da intensidade com que esta mesma determinação o consumia.

Também em Ahab habitava uma premeditação sobrenatural, que o levou, por exemplo,

a desconfiar de que sua ascendência sobre Starbuck — o único naquela manhã, no convés, a manter-se calado, enquanto o restante da tripulação saudava em urros a recompensa, a moeda de ouro, oferecida pelo capitão — não seria tão poderosa quanto a que exercia em relação aos demais marujos. Uma premeditação que também o forçava a zelar para que os barris à espera nos porões não demorassem a se encher de óleo de baleia.

Por isso, caminhava incessantemente de um ponto a outro do tombadilho, recomendando aos homens dos topos dos mastros que ficassem de olhos atentos a qualquer sinal, por pequeno que fosse, de um esguicho. E esse empenho de Ahab não demonstraria a ser recompensado.

Fanósmas

Era uma tarde cinzenta, quente.

Os marujos arrastavam os pés, movimentando-se lentamente no convés. Queequeg e eu trançávamos um cabo — uma corda, diriam os de terra firme — adicional para nosso bote. O zumbido produzido pelas ferramentas que utilizávamos, passando pelos fios, produzia um som monótono, mas penetrante, que por um instante me fez pensar nas Parcas, as fiandeiras do Reino dos Mortos, na mitologia grega, as mesmas que definem o destino e, quando assim o decidem, cortam o fio da vida dos mortais.

De repente, um grito, do alto de um dos mastros, onde Tashtego estava de vigia. Ele apontava o oceano e gritava:

— Esguichos! Esguichos! Um bando de baleias! Lá! Lá!

O cachalote, o único mamífero marinho que carrega na cabeça o espermacete, também se caracteriza por lançar seu jato de água com enorme regularidade. Assim, podemos reconhecê-lo, entre as demais espécies.

Atraído pelos gritos de Tashtego, Ahab acudiu ao tombadilho. E, no instante seguinte, cinco vultos emergiram da escuridão,

pela escotilha, e se postaram em redor dele, como se, feito fantasmas, tivessem se materializado do nada.

Todos os olhares se desviaram das baleias para aquelas figuras, que voavam pelo convés, agora, em frenética e precisa atividade, soltando as amarras de um bote que tínhamos como reserva dos outros três. Era também chamado de *bote do capitão*, embora o capitão dos baleeiros raramente o ocupasse.

Um deles se postou junto à proa do navio. Tinha aparência cruel, era alto e moreno, com dentes caninos esbranquiçados a sobressaírem dos lábios, afiados como se fossem navalhas. Usava um turbante reluzentemente branco, jaqueta chinesa, negra e de algodão, e calças largas do mesmo tecido.

A visão de seus companheiros era pouco menos impressionante. Todos tinham aquela pele luzidia, com um tom amarelo típico dos tigres, ou como os nativos das Filipinas.

Nenhum marujo sequer suspeitava da presença daquele grupo a bordo. Por todo o tempo, até ali, haviam se mantido ocultos nos camarotes inferiores, e somente Ahab teve contato com eles.

A tripulação estava espantada, mas Ahab não se mostrava disposto a dar explicações.

— Fedallah²⁹! — gritou para o vulto da proa. — Tudo pronto?

— Sim! — respondeu o fantasma, sibilante como uma serpente.

— Desçam e iniciem a caça! Agora! — ordenou o capitão, dirigindo-se então a toda a tripulação, com uma voz tão imponente que, deixando de lado sua surpresa, os homens logo faziam os escaleres descerem.

Na água, o quarto bote, com Ahab nele e os cinco vultos remando, logo se destacou dos outros três.

— Não podemos nos preocupar agora com aqueles sujeitos! — gritou Flask para os homens em seu bote. — Remem! Remem! Vamos alcançar os cachalotes!

Cada imediato estimulava seus homens a remarem com mais ímpeto, e às vezes com palavras grosseiras. Os botes se espalharam, por ordem de Ahab, cujo bote ia mais rápido do que os demais. O bando de cachalotes havia mergulhado, e era impossível ter certeza do ponto onde iriam emergir. Por experiência, Ahab e os imediatos conduziram seus botes para a área onde mais provavelmente seriam vistos de novo.

— Todos alerta! — gritou Starbuck. — Queequeg! Levante-se! Com seu arpão!

Queequeg, com sua agilidade de sempre, saltou para a caixa triangular que se erguia na

²⁹ Na narrativa, Fedallah pertence aos parses, um grupo étnico-religioso que professa o zoroastrismo na Índia.

proa do bote, onde se postou ereto, com olhos como se fossem lanças, apontados para o local onde nossa caça fora avistada pela última vez. Starbuck, agora silencioso, habilmente equilibrado na outra caixa, instalada na popa, percorria com os olhos as cercanias azuis. Os demais botes estavam à vista, na mesma expectativa que o nosso.

Num deles, desenrolava-se uma cena insólita. O pequeno Flask se esticava todo na tentativa de ver nossa caça emergir das ondas, quando seu arpoador, o magnífico Daggoo ofereceu:

— Quer subir nos meus ombros, senhor? Tão bons quanto a gávea dos mastros!

O imediato aceitou, satisfeito. Daggoo cruzou os dedos das mãos, oferecendo calço, e lá foi Flask se encarapitar nos ombros do gigantesco negro.

Todos se admiram do equilíbrio de um baleeiro, de pé em seu bote. Mas ali estava Daggoo, pés sobre dois bancos do bote, absolutamente estável. Um espetáculo digno de ser admirado! E, no caso, até porque o homem que carregava o outro tinha porte mais nobre e impressionante do que esse que o montava.

Subitamente, Tashtego berrou:

— Lá! Os cachalotes!

Um habitante de terra firme, naquela altura, não teria avistado cachalote algum. Nem um arenque, para se dizer a verdade. Nada parecia sequer agitar a superfície da água. Mas lá estavam, de fato, revelados aos olhos experientes dos baleeiros, os jorros

de vapor que prenunciavam os esguichos que os mamíferos colossais lançavam.

Os quatro botes dirigiram-se para o local, os homens remando com o máximo de suas energias. Os imediatos pediam cada vez mais força, mais sacrifício. Flask tinha verdadeiros acessos de agitação, comandando seu bote. Já Ahab, olhar fixo no ponto onde as baleias emergiram, o que ele berrava não seria para ouvidos civilizados nem piedosos escutarem. Somente as feras, os tubarões, sanguinários e homicidas, mereceriam ouvir tais palavras, que trovejavam sobre toda a área, quando Ahab investiu, sequioso, contra sua presa.

Os botes lançavam-se numa corrida de horrores. Todos dizem que os remadores devem jogar fora os olhos e atravessar um espeto no pescoço, para enfatizar que, nesse momento crítico da caçada, não devem ter nenhum órgão, a não ser os ouvidos, e nenhum membro, a não ser os braços.

As imensas ondas se sucediam, rugindo sobre nós. Um bote a muito custo alcançava o gume da lâmina de uma onda, e ali ficava em suspenso, em agonia, por alguns instantes, para a seguir, celeremente, ser atirado num mergulho, como se despenhasse num precipício. Então, mais uma vez, para o alto, para baixo, para o alto, para baixo... Com a espuma branca deixada no rastro dos cetáceos cada vez mais visível na água.

Os botes se afastaram uns dos outros ainda mais. De repente, Starbuck, apontando para Queequeg, gritou:

— Agora!

Poucos percebemos o perigo da morte a alguns metros de nós. E Queequeg sequer pensou em morrer, mas com um salto de bicho se pôs de pé, já com seu arpão em riste.

— Ali! — apontou Starbuck. — A corcova daquele ali! Ataque!

Um zumbido alto, e era o arpão de Queequeg cortando o ar. Então foi como se nossa popa tivesse sido abalroada, enquanto a proa parecia bater num rochedo. Algo se revirava, rolava debaixo de nós, como se fosse um terremoto. Fomos atirados à água cremosa, branca. Somente arranhado pelo arpão, o cachalote branco havia escapado.

O bote não havia sido danificado e pudemos retornar. Estava cheio de água, entretanto, e ficamos à deriva. Foi em vão que chamamos os demais botes. Sobreveio uma forte tempestade. Caiu a noite e ainda estávamos ao sabor da correnteza. O mar encapelado tornava inútil nossos esforços de tirar a água do escaler. Amanheceu. Já havíamos perdido as esperanças de sermos resgatados, quando Queequeg se ergueu, com as mãos nos ouvidos.

Acima do fragor da tempestade, ele escutara alguma coisa. O som aos poucos tornava-se mais alto, mais próximo, até que finalmente o Pequod surgiu à vista.

Perguntas

Novo no ramo, me considerei no direito de, uma vez de volta ao navio, fazer algumas indagações com o objetivo de me situar melhor.

A Queequeg perguntei se incidentes como o que tínhamos acabado de vivenciar, no qual quase nos perdemos para sempre no mar, a bordo de um bote em precárias condições, eram comuns. Meu amigo canibal, em poucas palavras, me fez entender que, sim, casos como aquele aconteciam com frequência em nosso ofício.

A seguir, procurei o segundo imediato, Stubb:

— O senhor me disse que Starbuck era o mais cuidadoso dos baleeiros e chefe de bote.

— E é verdade! — respondeu Stubb.

— Então, por acaso pode ser considerada uma atitude prudente perseguir uma baleia fugitiva, com a força redobrada pelo medo e pelo instinto de sobrevivência, no meio de um temporal?

— Sem dúvida! — redarguiu Stubb. — Já fiz coisa pior.

— Receio acreditar na sua palavra — observei.

E para o Sr. Flask perguntei:

— É rotina neste trabalho um remador arrebentar suas costas para dar mais velocidade a uma arremetida em que ele se encontra de costas, indo em direção à mandíbula escancarada de uma baleia?

— E como quer atacar a baleia? Indo com o bote de frente? — disse ele, com uma risada. — Não sabe que não é assim que se rema?

Depois disso, elegi Queequeg meu inventariante e guardião do meu testamento. Aliás, por estranho que possa parecer, escrever seus testamentos, mesmo tendo pouco a deixar, parece ser uma das maiores diversões dos baleeiros.

Enquanto isso, as conversas sobre os remadores de Ahab continuaram a crescer a bordo.

— Se eu tivesse uma perna só — comentou Stubb, quase confidencialmente para Flask e um pequeno grupo —, trataria de preservá-la. Ninguém me veria a bordo de um bote, avançando contra baleias em fúria. Bem, meus respeitos à coragem do capitão.

Já Starbuck era mais reticente:

— Quando um homem se mostra destemido em excesso, não se pode compreendê-lo somente olhando o que ele busca. Também devemos procurar entender do que ele está fugindo.

— O que quer dizer com essas filosofias? — reclamou Flask. — Não pode falar em língua de gente?

— Quero dizer que pode ser perigoso termos um capitão que, tanto quanto perseguir sua caça, busca escapar de enfrentar a vida que lhe foi reservada.

Todos ficamos em silêncio, refletindo por instantes sobre as palavras do imediato. Concordávamos que o mais provável seria que os proprietários do Pequod não permitissem que Ahab tomasse parte nas caçadas, e muito menos que tivesse um bote e uma equipe de remadores exclusiva, a seu serviço. Não haveria outra explicação para ele ter subido de madrugada com aqueles homens, a bordo, ocultos pela escuridão, e tê-los mantido escondidos até aquela altura da viagem.

O fato é que, embora agora integrados à tripulação, os estranhos personagens mantinham-se como um grupo isolado, jamais se dirigindo a nenhum tripulante e tendo contato somente com Ahab. O mais estranho de todos era Fedallah, com seu turbante branco, um mistério em pessoa que nenhum de nós pôde decifrar.

O esguicho assombrado

121

Semanas se passaram. Certa noite enlurada, ao sul de Santa Helena³⁰, fomos surpreendidos pelo grito de Fedallah, empoleirado no mastro naquela hora tão perigosa para isso, seu turbante e a Lua formando um par no céu:

— Baleia!

Era meia-noite. O alerta ressoou como uma condenação. Não é incomum que bandos de baleias sejam vistos à noite. No entanto, não há baleeiro disposto a lançar-se ao mar em seu bote para persegui-las, mergulhado na escuridão.

Ahab não perdeu tempo, dirigindo o navio ao encontro do que seu homem de confiança avistara. Mas o jorro de água desapareceu... Até alguns dias mais tarde...

Era novamente uma noite clara, e já na virada para a madrugada, quando um esguicho incomumente alto foi avistado. Novamente o

³⁰ Ilha inglesa no Atlântico Sul onde morreu Napoleão Bonaparte em 1821.

Pequod dirigiu sua proa para aquele ponto e novamente o esguicho desapareceu como se não houvesse existido. O caso se repetiu mais duas ou três vezes, até que começou a circular entre os marujos o rumor de que aquele esguicho tão alto, e que sumia de repente, só podia ser de uma baleia: Moby Dick.

Na vez seguinte, Ahab foi tomado de uma agitação única. Se a sua perna viva ressoava por todo o convés, a perna morta parecia a pancada em um caixão de defunto. E mais uma vez o Pequod se viu perseguindo o nada. Mas parecia, ao mesmo tempo, que cada aparição nos conduzia mais e mais adiante, numa rota premeditada. Tanto que logo enfrentávamos as tormentas do Cabo da Boa Esperança, na extremidade sul da África. Os ventos que sopravam ali eram brutais e uivavam como em nenhum outro lugar, e não haveria em todo o globo terrestre noites mais escuras e apavorantes.

No convés, submetido ao maior rigor dos elementos naturais, Ahab, ensopado, mantinha-se de cara fechada, mal falando com seus imediatos. Numa tempestade como a que enfrentávamos naquele momento, tudo o que se pode fazer é amarrar bem a vela nos mastros e atar tudo o que estiver no convés. Nada mais. O resto é aguardar os desígnios do temporal.

Ahab desceu ao seu camarote naquela noite. E Starbuck foi encontrá-lo, horas depois, imóvel, sentado num banco, olhos fechados, mas diante de um daqueles mapas nos quais traçava mentalmente o caminho da baleia branca.

“Dormindo, numa tempestade como esta!”, pensou Starbuck. “E debruçado sobre sua obsessão, mesmo assim... Que homem terrível!”

Mais alguns dias, ao largo das distantes Ilhas Crozet³¹, cruzamos com o Albatroz³². Na ocasião, eu estava na gávea do mastro do traquete e foi uma visão magnífica, quando nos aproximamos da outra embarcação. O Albatroz estava há muito mais tempo do que nós ausente de sua pátria. E isso era visível no rosto dos marujos, cobertos de barbas compridas, encarapitados nos três mastros.

— Olá! — gritou Ahab, do nosso tombadilho. — Viram o cachalote branco?

Aquela seria sua primeira pergunta, seu primeiro contato com qualquer outro seu semelhante que encontrássemos pelos mares. Era tudo o que lhe interessava, colher informações, indícios de Moby Dick.

O capitão do outro navio levou à boca o amplificador de voz para berrar alguma coisa, mas a ferramenta desprendeu-se de suas mãos e caiu no mar. Fosse o que fosse que ele tivesse a nos dizer, perdeu-se no rumor dos ventos fortes, para desespero de Ahab.

³¹ Arquipélago francês do extremo Índico Sul.

³² Goney, no original, é o albatroz, pássaro marinho de grandes asas e pernas curtas celebrado por Charles Baudelaire no poema “O albatroz”.

Enfim, o Albatroz começou a se afastar, e foi a vez de Ahab erguer seu amplificador:

— Somos o Pequod e vamos dar volta ao mundo. Digam em Nantucket que mandem a correspondência pelos navios que rumarem para o Pacífico. E, se eu não estiver em casa daqui a três anos, que a mandem para...

Nesse instante, um cardume de pequenos peixes, que havia alguns dias nadavam junto ao nosso casco, afastou-se e começou a seguir o rastro do outro navio. Ahab olhou para eles pensativamente e murmurou:

— Vocês estão fugindo de mim, não estão?

Ocorre que incidentes absolutamente triviais para pessoas normais assumem sempre significados ocultos para alguém possuído por delírios.

Starbuck o escutou, e mais uma vez murmurou para si mesmo, com um calafrio:

— Que homem terrível!

É importante que vocês saibam que, para um navio distante há muito tempo de casa, cruzar com outra embarcação representa sempre a oportunidade de receber cartas, enviadas através daquele intermediário por parentes e amigos. Ou mesmo um jornal gasto, de seis meses ou um ano antes, dependendo do tempo de ausência, mas que se pode transformar numa fonte valiosa de informação e de consolo para as saudades do lar e da terra natal.

Por isso, baleeiros são bastante sociáveis quando se cruzam nos mares. Ao ocorrerem esses encontros, as tripulações fazem um *gam*, uma expressão tão particular dos baleeiros, que não pode ser encontrada em nenhum dicionário nem é conhecida em nenhum outro meio. Trata-se do hábito de os marujos de baleeiros que se encontram, depois de trocarem saudações, visitarem-se mutuamente. Para isso, o capitão de um navio desce um bote e vai visitar o outro, permanecendo a bordo deste junto com seu anfitrião, enquanto o primeiro imediato deste navio, também num bote, vai para o outro e confraterniza com o primeiro imediato daquele. Isso é *fazer um gam*.

Tempos depois de cruzarmos com o Albatroz, encontramos outro navio, o Town-Ho³³, tripulado inteiramente por polinésios e já em curso de retorno a sua pátria. Depois do *gam*, descobrimos que eles tinham informações seguras a respeito de Moby Dick, conhecida daquele povo tanto quanto do nosso.

Contavam eles a medonha história de uma caçada ao cachalote branco, em que o arpoador de um dos botes conseguiu cravar sua ferramenta

³³ "Town-Ho" é o antigo grito da tripulação baleeira, dado no momento em que se avistava uma baleia do topo do mastro.

no dorso daquela imensa massa branca. Moby Dick, no entanto, mergulhou por baixo do bote e trombou contra ele, lançando-o para o ar. O arpoador — seu nome era Radney — caiu sobre o dorso liso da baleia e escorregou, sendo atirado na água, do outro lado.

Radney ainda conseguiu dar algumas braçadas, quando então o cachalote branco se virou, furioso, e o abocanhou. Depois, deu um espetacular salto no ar, ostentando o arpoador na bocarra, e mergulhou na água, de cabeça, desaparecendo dali.

Esse relato causou profunda impressão na tripulação do Pequod. E em mim também, talvez mais do que nos outros, por ser novato na profissão, tanto que o repeti inúmeras vezes nos anos que se seguiram, em rodas de pessoas incrédulas, do tipo que não abandona a terra firme, e por isso se recusa a admitir a existência de um monstro marinho como Moby Dick, quanto mais dotado de suas extraordinárias habilidades.

Certamente, não teriam tantas dúvidas se tivessem se dado ao trabalho de ler os muitos livros e de examinar as muitas imagens que foram produzidas sobre as baleias ao longo dos séculos — uma atividade intelectual a que me dediquei obsessivamente, depois da viagem que fiz a bordo do Pequod, e que me levou a reconhecer o misto de terror e veneração que tantos povos navegadores nutrem em relação à senhora dos mares.

O primeiro cachalote abatido

127

Afastando-nos das Ilhas Crozet rumo a noroeste, alcançamos uma imensa região de *brit*, uma massa amarela de minúsculos organismos, que são o alimento predileto das baleias-verdadeiras. Esse plâncton se estendia por quilômetros e quilômetros ao nosso redor, de modo que parecia que estávamos velejando através de vastíssimos campos de trigo dourado e maduro.

No dia seguinte, com efeito, avistamos um grande bando de baleias-francas. Mas, como não eram cachalotes, lá seguiam elas, livres de nossos ataques, nadando lentamente, com as mandíbulas abertas, engolindo o plâncton. A cortina de fibras que guarnecia a boca, como uma espantosa veneziana protegendo uma janela, fazia a água vazar pelas laterais da bocarra. Era uma visão que só se pode ter em uma região como aquela. Não é à toa que muitos habitantes perpétuos de terra firme duvidem de nossos relatos. Afinal de contas é muito difícil, de fato, acreditar que a mesma vida que existe num cão ou num cavalo possa também existir em uma massa tão colossal.

Mantínhamos nossa rota, rumo à ilha de Java. Certa manhã, de céu claro e inteiramente azul, um extraordinário vulto foi avistado por Daggoo, que ocupava a gávea do alto do mastro principal.

— O cachalote branco! — berrou Daggoo. — Bem a nossa frente!

Logo, os quatro botes estavam na água, com o de Ahab na dianteira dos demais, todos remando o mais rápido que podiam, na direção apontada por Daggoo.

Subitamente o vulto desapareceu, sumindo nas águas abaixo de nós justamente quando alcançávamos o ponto indicado. Detivemos os botes com os remos levantados, mas nossa espera não foi longa.

Logo emergiu junto de nós a mais espantosa criatura já vista nos mares. Era uma imensa massa de carne, parecendo esponjosa, de cor creme, incompreensível à primeira vista. A impressão que nos dava era que tinha centenas de metros de comprimento e de largura, e flutuava na água com seus muitos e longuíssimos tentáculos, irradiando-se do seu centro, retorcendo-se, enrolando-se e distendendo-se como se fossem grandes jiboias no mar.

— Era melhor termos entrado em luta contra a própria Moby Dick — disse Starbuck, com voz furiosa.

— Mas, o que era isso, senhor? — perguntou um dos remadores.

— Uma lula-gigante! Um animal que raros baleeiros já viram e continuaram vivos, depois, para contar a história. Vamos embora, depressa!

Só muito depois, fui saber, pela leitura de enciclopédias, que aquela gigantesca criatura é um rico alimento do cachalote. Isso porque, enquanto a baleia-franca obtém seu alimento à tona d'água, sorvendo o plâncton, o cachalote caça essa presa nas profundezas desconhecidas. Já foram relatados casos em que, em meio aos embates com baleeiros, os cachalotes vomitam restos de lulas-gigantes, principalmente seu bico e tentáculos, alguns dos quais alcançam cerca de dez metros de comprimento.

Ora, se para Stubb a visão da lula-gigante representou um mau presságio, para Queequeg foi um bom sinal:

— Quando vemos a lula-gigante, logo vemos o cachalote! — disse meu amigo tatuado.

No dia seguinte foi minha vez de subir à gávea do mastro de proa. Fazia muito calor, o ar estava parado, e todos a bordo se sentiam sonolentos, inclusive os vigias dos topos do mastro grande e da mezena.

Subitamente, num momento em que arregalei os olhos para me manter acordado, avistei bem perto de nós um gigantesco cachalote. Tinha um corpo escuro, um dorso lustroso, que refletia o sol, e boiava tranquilamente na água, lançando vez por outra seu jato vaporoso. Quase ao mesmo tempo, mais de vinte vozes se ergueram no navio, lançando o alerta de praxe.

Ahab ordenou a descida dos botes. E logo os imediatos exigiam que suas equipes fizessem os botes voarem, na perseguição à presa. Daggo e os demais arpoadores, acumulando excitação, remexiam-se nos bancos como se fossem tigres presos em jaulas.

Como que percebendo o perigo que o cercava, o cachalote acelerou a nadada.

Mesmo assim, conseguimos nos aproximar o suficiente para os arpões serem arremessados. Imediatamente, a uma ordem dos imediatos, os remadores deram a ré, enquanto a corda usada para prender o arpão passava fervente, zumbindo, por nossos pulsos. Stubb dera com ela duas laçadas extras no mastro, mas deixara cair por acidente os panos de mão, os quadradinhos de lona acolchoada que serviam para segurá-la. Assim, logo suas mãos estavam esfoladas e em carne viva.

— Molhem a corda! — gritou em desespero Stubb.

A corda vibrou, esticada agora em toda a sua extensão, fazendo o bote, puxado pelo poderoso cachalote, cortar a água e o ar alternadamente. Mesmo assim, chegamos mais perto ainda, e Stubb começou a lançar um dardo após o outro, no dorso do animal. Logo, jorros sanguinolentos eram expelidos pelo corpo do colosso, tingindo a água. Já quase vencida, a baleia ia perdendo as forças. Finalmente, Stubb cravou-lhe uma lança mais comprida do que as demais, junto à nadadeira, e ficou remexendo nela pelo cabo, como se procurasse atingir o cerne secreto da vida do animal.

E realmente o encontrou porque, de repente, o cachalote estrebuchou violentamente e, quando se aquietou, estava morto.

A agonia do cetáceo fora tremenda, e a dor que sentiu, em todo o seu imenso corpo, que agora flutuava inerte em meio a ondas de sangue, incalculável.

Já era noite, quando retornamos ao navio. Ahab ordenou que prendessem o corpo da baleia ao costado, já que precisávamos esperar o amanhecer para terminar nosso trabalho — um trabalho longo e penoso, e no qual se necessitava da luz do dia. O capitão, que se havia mostrado ágil e decidido em comandar a caçada, agora, como se uma letargia sombria o dominasse, retirou-se para seu camarote e não mais saiu de lá naquela noite. Pesadíssimas correntes foram passadas pelo cachalote, como se o navio e o cachalote fossem dois bois presos pela mesma canga.

O irrequieto Stubb, no entanto, ainda tinha algo que desejava fazer antes de ir para sua rede.

— Um bife desse cachalote! — pediu ele. — Um bom bife, antes de dormir. Daggo, desça lá e me corte um pedaço da parte mais estreita do dorso.

Não era comum que um baleeiro comesse da carne de sua caça. Geralmente, apenas os tubarões é que se banqueteiavam com a carcaça. No entanto, alguns naturais de Nantucket, e Stubb era um deles, consideravam uma iguaria comer um bife extraído daquela parte do cachalote.

Mais ou menos à meia-noite, o bife já estava pronto para ser comido. Era Stubb mastigando sua ceia, no tombadilho, e um enxame de milhares de tubarões arrancando pedaços e mais pedaços das camadas de gordura do cetáceo. Os marinheiros que dormiam em seus beliches mais junto do casco passaram a noite acordados, tal a fúria dos tubarões, que martelavam ininterruptamente suas caudas no costado do navio. Imaginavam meus pobres companheiros que, assim como arrancavam nacos, cada qual do tamanho de uma cabeça humana, do corpo morto do cachalote, indiferentes ao paladar, bem podiam os tubarões estar despedaçando qualquer um deles que por infelicidade caísse na água.

³⁴ A pá de baleia usada no corte é feita do melhor aço; tem mais ou menos o tamanho de uma mão humana aberta. Somente os lados são perfeitamente planos, e a extremidade superior consideravelmente mais estreita do que a inferior. Tal arma está sempre tão afiada quanto possível, como se fosse uma navalha.

Parece estranho que tubarões e homens se alimentem, no caso de Stubb, da mesma carne. E mais estranho ainda que aquele animal alimente também nossas lanternas. É como se Stubb comesse iluminação, ou dividisse a mesa com os tubarões.

Mais tarde, à noite, Queequeg e outro marinheiro, com suas compridas pás de baleia³⁴, desceram até o meio do costado do navio e se entretiveram horas matando tubarões. Cada vítima

era logo abocanhada por seus irmãos, num festival de sangue, vísceras e crescente fúria. Para meu amigo polinésio, o tubarão era meramente uma praga e, como tal, deveria ser exterminada.

Logo que amanheceu, o Pequod começou a se tornar um matadouro, como se 10 mil bois estivessem sendo sanguinolentemente sacrificados. A operação consiste em *descascar o cachalote*, ou seja, tirar-lhe a pele, e é uma cena espantosa.

Vêm as talhadeiras, equipamentos que agregam, entre outras partes, imensos blocos que nenhum homem consegue carregar sozinho — geralmente, são pintados de verde e parecem enormes cachos de uvas. São erguidos até a altura da gávea maior e amarrados ao topo do mastro grande, o ponto mais forte do navio. A ponta de um cabo é passada numa roldana e os blocos ficam sobre o cachalote. A esses blocos, fica preso um gancho de gordura, que pesa cerca de 60 quilos. Suspensos em plataformas, os imediatos, armados de suas longas lanças, abrem um buraco, onde introduzem o gancho, na carcaça, em cima da barbatana mais próxima. O gancho então se finca lá dentro.

A tripulação começa, daí, a puxar, num esforço coletivo de dezenas de homens, acompanhado por um coro alucinado e altos gemidos. Todo o navio se inclina para o lado, o costado range, os imediatos ajudam, cortando a carne da baleia com suas pás, até que escutamos o barulho súbito e rápido de algo sendo rasgado. Logo, reaparece a talha, vitoriosa, e a primeira faixa de gordura é exibida em sua ponta.

A gordura envolve a baleia como a casca envolve a laranja. É por isso que parece que a baleia está sendo *descascada*, e cada puxada a faz rolar em torno de si mesma. As mantas de gordura são descidas para os porões, onde serão enroladas. Depois de fervidas, desprenderão o óleo que encherá os barris do navio.

Em algum momento, o cachalote é decapitado, uma proeza em todos os sentidos que se possam imaginar, até porque justamente o cachalote se caracteriza por ter a cabeça muito mais avantajada do que outras baleias — um terço do comprimento do animal, nos cetáceos adultos. A baleia não tem propriamente um pescoço, e justamente a parte que parece unir sua cabeça ao resto do corpo é a mais grossa. Além disso, o marinheiro precisa cortar de cima, sempre suspenso sobre o cachalote, abrindo um corte de mais de um metro de profundidade na gordura e na carne, até seccionar a espinha dorsal no ponto em que esta se liga ao crânio. Justamente por isso, Stubb tinha como um de seus orgulhos ser capaz de decapitar um cachalote em somente dez minutos. Na cabeça do cachalote é que está o espermacete, que requer habilidades especiais para ser recolhido.

Despojada de suas mantas de gordura e da cabeçorra, a carcaça da baleia muda de cor, mas não terá perdido muito do seu tamanho. É hora, portanto, de desprendê-la das correntes.

O corpo do cachalote sai boiando, sempre perseguido pelos tubarões, e deixando entre si e o navio um rastro de sangue. Logo

aparecem as aves, em bandos, os selvagens falcões do mar, com seus afiados bicos e apetite voraz, e o festim se torna completo.

É o funeral mais triste e comovente a que já assisti.

A cabeça cortada é presa por um cabo e, posta a ré, é deixada flutuando, gotejando sangue em profusão e atraindo mais e mais tubarões, até poder ser tratada. Se for pequena, é trazida para o convés. Não é o caso das maiores, como a cabeça daquele primeiro animal abatido pelo Pequod. Deixando-a pendurada, os marinheiros desceram para a refeição do meio-dia, com a qual refariam as energias para as extenuantes tarefas que ainda os aguardavam.

O imediato do Jeroboão

Certa feita, encontramos o Jeroboão, navio de Nantucket. Havia uma praga a bordo, e não conseguimos nos informar direito do que se tratava porque, temerosos de contaminar nossa tripulação, os de lá não subiram a bordo para o *gam*. Um de seus botes chegou até nosso costado. Diante da habitual pergunta de Ahab sobre o “cachalote branco”, nos contaram uma trágica história.

Os baleeiros do Jeroboão já haviam escutado muito falar de Moby Dick. Quando avistaram a baleia branca no mar, seus botes partiram em sua perseguição, almejando a glória de matar um animal tão famoso.

O imediato de um dos botes, um marujo chamado Macey, estava de pé, na proa, enquanto a rápida embarcação se aproximava de Moby Dick. De seu posto, vociferava pesadas ofensas ao monstro, já empunhando o seu arpão preparado para o arremesso. Subitamente, aquele mundaréu branco se ergueu do mar, bem junto ao bote. Os remadores engoliram a respiração por um instante, e foi exatamente aí que a cauda de Moby Dick, num rápido movimento, atingiu Macey.

Foi o bastante para atirá-lo para cima. Seu corpo descreveu uma curva no alto e depois despencou no mar, a mais de 50 metros de distância.

A pancada da cauda de Moby Dick fora precisa. Nem sequer uma lasca do bote foi arrancada. E mesmo assim, sem nada poder fazer para ajudá-lo, os marujos viram seu companheiro afundar no mar.

Sem demonstrar maior comoção, Ahab disse:

— Capitão! Espere um instante. Creio que há uma carta em nossa mala de correspondência destinada a um de seus oficiais. — E, voltando-se para Starbuck, ordenou: — Imediato! Traga a mala!

Starbuck logo retornou com a mala de cartas que o Pequod trouxera de Nantucket, para serem entregues, se a sorte assim o quisesse, aos destinatários que porventura cruzassem conosco em seus navios. Só que dessa vez a própria morte bem poderia ter sido o carteiro...

Starbuck remexeu nas cartas e, quando encontrou a que procurava, seu rosto se tornou pálido. O capitão Ahab tomou-a da mão dele:

— O que há com você, homem? Não consegue ler o nome do destinatário?

— Já li, capitão — murmurou Starbuck, ainda perturbado.

Ahab apertou os olhos para ler o envelope e então a surpresa tomou conta da sua face:

— Ora! É para Harry Macey... O imediato morto por Moby Dick.

— Pobre companheiro! — disse Starbuck com um suspiro, ao mesmo tempo em que pegava a carta de volta e a prendia numa comprida pá de cortar cachalotes, para passá-la ao capitão do Jeroboão. — É da mulher dele!

O capitão do Jeroboão pegou a carta e guardou-a, já pensando que caberia a ele, na volta, contar para a esposa de Macey como falecera seu marido, cujo corpo ela jamais teria de volta para enterrá-lo, assim como acontecera a muitas viúvas, mães, irmãs, noivas e filhas de Nantucket.

Queequeg, os tubarões e a baleia-franca

139

Já contei que, antes de se esfolar um cachalote, o gancho da gordura é preso no interior de um buraco aberto pelas pás dos imediatos no corpanzil pendurado. Falta contar que esse gancho é preso lá dentro graças às habilidades de um dos arpoadores, encarregados dessa tarefa. Muitas vezes, isso exige que o arpoador fique de pé, em cima da carcaça, até que se termine de esfolar-la. Como o cetáceo fica praticamente submerso, por todo o tempo que dura essa operação, o arpoador tem de se virar, parte equilibrando-se no corpo escorregadio da baleia, que rola sob ele, parte na água. Sendo que, na água, um bando de tubarões famintos se reúne, saltando e abocanhando o que podem, mais atiçados ainda pelo sangue e pedaços de carne que escorrem ou caem para o mar.

Eu era o encarregado de ajudar Queequeg a se equilibrar, segurando-o preso a uma corda de macaco³⁵, que é como esse cabo era chamado, atada a uma lona em volta da cintura dele. Para nós dois, era um trabalho bastante perigoso. Mais ainda, é claro, para Queequeg, que com frequência tinha de afastar

os tubarões com pontapés. Deve ser dito ainda que o código de honra do meu posto exigia que, caso Queequeg caísse na água e fosse arrastado pelos tubarões, eu não poderia cortar a corda, mas deveria, isso sim, segurá-la com toda a força e me deixar levar com meu amigo. Éramos como irmãos gêmeos, então, e essa era a responsabilidade a que me obrigava o cânhamo de que é feito a corda.

Muitas vezes, salvei Queequeg de ser esmagado, puxando-o de entre a baleia e o navio, ambos os corpos submetidos a balanço constante.

Vocês devem lembrar que deixamos a cabeçaorra daquele primeiro cachalote abatido pelo Pequod pendurada na parte de trás do costado do navio. E assim a coisa permaneceu até que tivemos oportunidade de cuidar dela.

O Pequod avançava agora por uma imensa região de plâncton amarelo, o que nos fazia supor que avistaríamos baleias-francas, que para os baleeiros têm pouco valor. No entanto, para nossa surpresa, fomos avisados de que, se nos aproximássemos de um bando delas, os botes de caça seriam baixados. E foi o que aconteceu.

³⁵ Todos os navios baleeiros têm *cordas de macacos*, mas apenas no Pequod o macaco e seu auxiliar ficavam amarrados dessa forma. O aperfeiçoamento do costume original foi feito por ninguém menos do que Stubb, para proporcionar ao arpoador em perigo uma garantia quanto à fidelidade e à vigilância de seu auxiliar com a corda.

Já de volta ao navio, trazendo um cetáceo morto, Stubb e Flask conversavam, e o segundo imediato não escondia sua contrariedade por ter sido obrigado a enfiar seus dardos em caça tão pouco nobre.

— Não posso imaginar o que o capitão quer com esse monte de gordura suja! — resmungou Stubb.

— Ele está seguindo o conselho de Fedallah! — replicou Flask.

— O que aquela assombração tem a ver com isso? — estranhou Stubb.

— Um marinheiro veio me contar que escutou o tal sujeito estranho dizer ao capitão que, se um navio tiver uma cabeça de cachalote, suspensa a estibordo, e uma cabeça de baleia-franca, a bombordo, jamais afundará.

— Nunca ouvi falar numa besteira supersticiosa dessas!

— Nem eu. E não gosto desse Fedallah. Já reparou naqueles dentes que lhe saltam da boca? Parece uma cobra...

— Que se afogue. Não o olho e jamais vou olhar para ele.

— Pode lançar todas as maldições que quiser sobre ele, mas o velho Ahab meteu na cabeça que quer porque quer matar o cachalote branco, e o Fedallah deve tê-lo convencido de que pode fazer isso para ele. Na certa, o capitão lhe prometeu uma recompensa bem gorda, se cumprir a promessa.

— Que idade você imagina que tenha esse Fedallah?

— Não sei dizer. Mas que importa isso?

— Ora, assombrações não têm idade. O velho acha que o cachalote é um demônio. E se ele fez um trato com outro demônio para capturá-lo?

— Então será castigado por isso... — e Flask deteve-se subitamente em meio a sua frase...

— ... Isso mesmo, e nós junto com ele. Todo o navio pode ser amaldiçoado por causa dessa loucura de Ahab.

— Starbuck também acha mais ou menos isso... — observou soturnamente Flask.

Se Ahab com suas ordens estivesse atendendo a recomendações de Fedallah, ou não, em breve seguiria o Pequod, com suas duas cabeças de cetáceo penduradas, uma de cada lado na popa.

Espermacete

143

A cabeça do cachalote é o depósito de seu óleo mais precioso, o espermacete, muito valorizado nos mercados de todos os continentes. É a única parte daquele enorme corpo em que a substância é encontrada em estado puro. Nessa condição, é limpo e tem um delicioso odor. Enquanto o cachalote está vivo, o espermacete permanece líquido. Logo depois que o animal morre, com a exposição ao ar, começa a se solidificar e a emitir lindos cristais, que parecem com o gelo mais delicado quando está se formando na água.

Podem-se extrair de um cetáceo cerca de cinquenta galões de espermacete, ou duas toneladas. Mas, na retirada, muito se perde, embora cada gota derramada seja lamentada pelos baleeiros.

No Pequod, a invasão do santuário inicia-se com Tashtego, pendurado numa corda que passa por uma roldana. Dali, vai descendo até pôr os pés no alto da cabeça do cachalote. Recebe então de alguém da tripulação uma pá afiada, de cabo curto, com a qual começa a abrir um acesso à câmara onde se encontra

o espermacete. Todo movimento nessa etapa deve ser bastante cuidadoso e executado por quem sabe bem o que está fazendo, já que um golpe precipitado, ou forte demais, pode romper a câmara e desperdiçar seu conteúdo inestimável.

Um balde reforçado, igual a uma caçamba de poço, preso à ponta de um cabo, vai descendo, segurado por dois ou três atentos marinheiros. Todo o ganho de cada membro da tripulação está depositado na exatidão desses procedimentos. O balde passa às mãos de Tashtego, que o guia para baixo, até desaparecer dentro da câmara, aberta no crânio do cetáceo.

Quando o balde sobe, sendo içado com o maior cuidado, o líquido vem repleto de bolhas, como se fosse o leite fresco que a ordenhadeira da fazenda acaba de recolher. Várias vezes o balde desce e sobe, até que a câmara seja esvaziada. Já próximo do final, Tashtego tem de enfiar a longa haste de madeira na câmara com força crescente, aprofundando-se nela uns seis metros, para empurrar o balde e assim recolher o restante da substância.

Naquele dia, trabalhávamos na cabeçorra do cachalote e vários barris já haviam sido enchidos com o aromático espermacete quando aconteceu um espantoso acidente. Ou porque Tashtego se descuidou, ou porque aquele traiçoeiro cabo no qual se segurava já estivesse por demais escorregadio, de repente o arpoador soltou-se e mergulhou de cabeça, atravessando o buraco no crânio do cetáceo e caindo no interior da câmara.

O óleo ainda restante lá dentro soltou um lúgubre gorgolejo.

— Tashtego vai morrer! — gritou Daggoo, saltando para alcançar a cabeça e tentar salvar o companheiro.

Como se tivesse recuperado a vida, a cabeça estremecia, mas isso não passava de uma ilusão. Era o pobre arpoador se debatendo, encarcerado naquele túmulo de ossos e carne.

Para horror de todos nós, a peça desprendeu-se de um dos enormes ganchos. Daggoo se balançava loucamente, lutando para manter o equilíbrio.

— Saia daí! — gritamos para Daggoo.

E, quase no mesmo instante, a imensa massa despencou no mar, com um estrondo, como se fosse um trovão. O navio oscilou para o outro lado, como se tivesse sofrido um solavanco, que, no convés, nos derrubou. Uma nuvem espessa de respingos se elevou no ar e, quando se desfez, para nosso alívio, Daggoo estava agarrado nos cabos, ou melhor, enredado neles. Já o pobre Tashtego, sepultado vivo, despencara dentro da cabecorra em meio aos tubarões.

Mais um instante, e escutamos o barulho de um corpo mergulhando na água. Quem conseguiu acompanhar os movimentos rapidíssimos de meu amigo Queequeg, o viu nu, atravessando o convés com uma grande espada na mão.

Todos nós gritamos de horror, dando ambos, Tashtego e Queequeg, já como perdidos. Um grupo desceu um bote à água o mais rápido que pôde, e os demais se concentraram na amurada,

olhos fixos no redemoinho sanguinolento que se formava, à medida que a cabeça do cachalote afundava, e nos tubarões famintos que atacavam, excitados, a nova refeição farta lançada para eles.

— Olhem ali! — gritou Daggoo, ainda empoleirado nas cordas, sobre a água, apontando para um ponto um tanto distante do costado do navio. — São eles!

De fato, era Queequeg, nadando com um só braço enquanto o outro sustentava Tashtego.

A proeza de Queequeg, da qual só fomos conhecer detalhes depois, foi prodigiosa. Agarrado à cabeça que afundava, e sem prestar atenção aos tubarões, meu amigo usou a espada para abrir um rombo na lateral do crânio do cetáceo. Enfiando a mão dentro da câmara, conseguira agarrar os cabelos de Tashtego e o puxara. Depois, carregando-o, subiu com ele à superfície.

Antes que os tubarões dessem cabo dos dois arpoadores, eles foram salvos pelo bote.

E foi assim que Tashtego foi privado do mais caro ataúde que poderia ganhar, naquele ofício ou em qualquer outro, porque, se não fosse por Queequeg, teria sido sepultado em meia tonelada, pelo menos, do precioso espermacete, além de ter como carro fúnebre a majestosa cabeça de um leviatã.

Piratas

147

Atravessávamos o coração do oceano Índico, nas perigosas águas próximas à Malásia, infestadas de terríveis e impiedosos piratas. Eram os *malaaios*, e faziam da estreita e comprida Península de Malaca, a sudeste da Birmânia, no extremo sul da Ásia, uma esteira de temíveis emboscadas. Naquela região, não éramos mais caçadores, mas eles, sim, os predadores, e nós virávamos a caça.

A península se estendia, acompanhando as ilhas de Sumatra, Java, Bali e Timor. Nas brechas, havia passagens, ou para a China, pelo Estreito de Sonda, entre Sumatra e Java, ou para a Oceania, pelo Estreito de Malaca. Eram todos reinos muito ricos, e os navios que transitavam por ali carregavam preciosas cargas de especiarias, sedas, joias, ouro e marfim. Era o que atraía os piratas orientais, os mais ferozes de todos os oceanos.

Mesmo hoje em dia, apesar da perseguição constante e das punições sangrentas que lhes impõem as marinhas de guerra europeias, a pirataria naqueles mares pode ter diminuído, mas a navegação por ali está longe de ser segura.

O Pequod, carregado por bons ventos, aproximava-se do Estreito de Malaca. Ahab tinha a intenção de atravessá-lo e alcançar Java. Dali, rumaria para o norte, cruzando vastas áreas frequentadas por cachalotes, depois passaria junto das ilhas Filipinas e finalmente atingiria o Japão, na ponta mais oriental do globo terrestre. E retornaria depois aos continentes americanos, chegando à costa do Equador, pelo Pacífico. Assim, o Pequod praticamente daria a volta ao mundo, percorrendo todas as zonas onde cachalotes haviam sido avistados.

Claro que a esperança de nosso capitão era encontrar, em algumas dessas áreas habituais dos cachalotes, o próprio Moby Dick, e não outro cachalote qualquer. Seguia, na verdade, as rotas de avistamentos da baleia branca, conforme relatados nos muitos depoimentos que colecionava.

Nosso navio, diferente de outros, como as embarcações mercantes, não levava nenhuma outra carga que não fosse a necessária às necessidades de sua tripulação. Em nossos porões, por exemplo, havia todo um lago de água potável engarrafada, um estoque suficiente para durar anos. Não precisava, portanto, como os outros, parar para fazer *aguadas*, ou seja, para reabastecer nossos barris de água nem para renovar seus suprimentos. Não levávamos ouro nem sedas ou especiarias, mas, para nossa atividade, carregávamos algo mais importante.

Subitamente, o vigia da gávea bradou. A poucos quilômetros de distância do navio, desenrolava-se um espetáculo

prodigioso. Antes, é preciso dizer que, antigamente, os cachalotes nadavam em pequenos bandos, ou mesmo solitários. No entanto, a caça intensa a sua espécie os fez mudar de hábitos. Agora, se passamos semanas sem avistar um deles, de repente, surgem bandos enormes, como se milhares de cachalotes avançassem em manada pelas águas. Era algo assim que víamos.

O vigia imediatamente identificou, mesmo à distância, os cetáceos como cachalotes. A baleia-franca esguicha jatos retos e perpendiculares ao seu corpo, que se dividem no alto e caem em dois braços. Já o cachalote solta um esguicho denso, encrespado, parecendo névoa branca, que logo se inclina e cai para o lado.

O Pequod desfraldou todas as suas velas e saiu em perseguição a sua presa. Os arpoadores já empunhavam seus instrumentos, berrando e agitando-se, excitadíssimos. Na proa, os marujos preparavam-se para fazer descer os botes, tão logo nos aproximássemos mais. E, em nossa cabeça, nos perguntávamos se o próprio Moby Dick não poderia estar em meio àquele enorme bando. Foi quando Tashtego gritou, chamando nossa atenção para algo que se aproximava à nossa popa. Ahab girou sua luneta para trás e logo deu o alarme:

— Malaios!

Eles vinham acelerados, como animais de rapina, farejando sangue. Mas não seriam capazes de alcançar um navio como o Pequod, habilitado a perseguir os velozes cachalotes. Logo os deixávamos para trás, e passávamos junto de Sumatra.

Finalmente, chegamos a águas abertas, mas, para pesar de nossos arpoadores, as baleias haviam ganhado bastante dianteira. Isso abafou qualquer comemoração por termos escapado tão facilmente dos malaios.

Prosseguimos, de velas enfunadas, e pouco depois avistamos novamente o bando de cachalotes. Os botes receberam ordem de descer ao mar. As baleias, como se pressentissem alguma coisa, dobraram sua velocidade.

Nos botes, despimos todas as vestes, exceto camisas e roupas de baixo, e nossos corpos, libertos e mais leves, jogaram toda a força nos remos.

A caçada já durava algumas horas, estávamos exaustos, quase desistindo, quando percebemos que, talvez pela pressão de se saberem perseguidas tão tenazmente, algo desnorteou o bando. As baleias se dispersaram, e nadavam agora em pânico, indo e voltando sem rumo, com seus esguichos cada vez mais curtos e densos. Observando-as à distância, constatamos que a maior parte da manada permanecia parada, como se não soubesse o que fazer. Não durou mais do que alguns minutos para que as alcançássemos.

Queequeg arremessou seu arpão, que se fincou no dorso do cachalote mais próximo. O animal ferido lançou contra nossos rostos uma escaldante nuvem de vapor, depois arremeteu em direção ao centro do bando, arrastando-nos a uma velocidade insana. Todos ali já escutáramos falar de situações como

essas, e portanto dissemos adeus à vida. Acontece que em segundos estávamos cercados de gigantescos cachalotes, nadando disparatadamente, em fúria e medo cegos, concentrados numa área relativamente pequena. Era como se estivéssemos em meio a icebergs, numa tempestade, com águas revoltas nos jogando para um lado e outro. Tínhamos de dirigir o bote por entre estreitos canais, entre dois monstros, sem ter certeza se nosso movimento nos colocaria numa posição em que seríamos esmagados.

Havia mais baleias em volta do que poderíamos abater. Mas, em situações como essas, os baleeiros costumam matar o maior número possível e, as que não conseguem matar, deixam feridas, para que possam ser mortas quando houver oportunidade para isso. Era o que fazíamos ali.

Atravessávamos um momento de encantada calmaria, como aquela que, segundo dizem, espreita no coração das mais violentas convulsões. À nossa volta, ainda desorientados, os cachalotes se agrupavam em bandos de dez ou doze, sem nos dar uma brecha para podermos escapar daquele cerco.

Parecia também que, enquanto nas bordas exteriores da manada haviam ficado os machos maiores, as fêmeas e filhotes tinham sido conduzidos para o centro, onde estariam mais protegidos, numa espécie de lago formado pela muralha de leviatãs. Alguns desses cachalotes novos, por inexperiência ou pela curiosidade, fruto do medo, chegavam tão perto de nossos botes, que podíamos senti-los farejando-nos. Quase tocavam nossas

embarcações, como se por encanto tivessem sido subitamente domesticados. Queequeg lhes dava tapinhas na testa e Starbuck chegou a cutucar-lhes o dorso com a lança. No entanto, não ousávamos nenhum arremesso, com receio de que a reação deles nos despedaçasse.

No fundo das águas, víamos as mães, tomando conta de seus filhotes, que nadavam à superfície, e algumas baleias que, pela dilatação de seus ventres, percebíamos estarem grávidas.

Todas essas baleias estavam numa paz e numa serenidade inacreditáveis. Ali, naquele momento, conviviam conosco e nos maravilhavam com o espetáculo de sua existência. De repente, Queequeg começou a gritar, apontando uma cena assustadora. Um cachalote enorme, fortíssimo, se contorcendo de dor por causa dos arpões que haviam sido cravados nele, arremessou-se para o centro do bando.

Logo, toda a calma se desfez e os cachalotes começaram a se agitar. O cachalote gigante continuava a se contorcer violentamente, atormentado pelo sofrimento.

— Aos remos! Aos remos! — berrou Starbuck. — Precisamos passar por eles agora, ou seremos esmagados!

Espremidos por entre dois enormes cachalotes, conseguimos enfiar nosso bote num estreito que prometia alguma saída daquele cercado de baleias. No entanto, o percurso entre aquelas duas montanhas de carne e gordura se alongava, e nada de vermos a água se abrir à nossa frente. Tomamos um desvio,

novamente, ziguezagueando por entre pequenos bandos, e depois mais outro. Queequeg teve o chapéu arrancado pelo vórtice de vento que a agitação causava, e essa foi a única perda naquele episódio.

Logo, vimos os cachalotes se reagruparem e, quase imediatamente a seguir, partirem em fuga com enorme rapidez.

Estávamos cansados demais para persegui-los. Muitos, no entanto, foram deixados para trás, mortos e feridos. Tínhamos conseguido uma bela caça.

O capitão do Samuel Enderby

Ahab costumava passar os dias caminhando de uma ponta à outra do Pequod, mergulhado em sua habitual melancolia. Certa manhã, entretanto, parou para examinar o dobrão, fincado no mastro principal do navio. E ficou tão absorto, com o olhar cravado na moeda, que parecia que a via pela primeira vez. Talvez estivesse descobrindo nos desenhos e inscrições em sua superfície algum significado oculto.

Tratava-se, de fato, de uma moeda encantadora, do ouro mais puro, extraído de majestosas montanhas de algum remoto e maravilhoso recanto do mundo. Ali, pregada em meio à ferrugem e azinhavre dos parafusos de ferro e cobre, mantinha-se resplandecente, limpa, como se fosse uma medalha feita da matéria do próprio Sol, simbolizando toda a faixa dos trópicos do planeta. Era, sem dúvida, uma preciosidade, e em sua borda lia-se REPUBLICA DEL ECUADOR QUITO, local onde fora cunhada. Ahab foi possuído por essa moeda equatoriana, e esquecendo-se do tempo, postou-se diante dela, totalmente paralisado, por instantes sem fim.

Ahab foi interrompido somente quando o vigia do mastro berrou, avisando da aproximação de um navio. Era o Samuel Enderby, de Londres.

Nosso capitão correu até a amurada, enquanto o navio inglês se aproximava.

— Olá! Viram o cachalote branco? — indagou, através da corneta, logo que se aproximou do costado do navio inglês. Colocava-se ereto, no tombadilho, deixando à mostra sua perna de marfim, a expressão do rosto sempre dura, sombria.

Já o capitão inglês se exibia de muito bom humor, reclinado na proa de seu navio. Era um homenzarrão de aparência simpática, pele queimada do sol, mais ou menos 60 anos. Vestia um jaquetão azul e havia uma manga sem braço nesse jaquetão, esvoaçando atrás dele.

— Se o vi? — perguntou rindo o capitão. — O que acha que é isso aqui?

Ao dizer isso, exibiu um braço feito do osso branco de um cachalote, que terminava num remate de madeira, como se fosse um malho.

Ahab correu para o bote, ordenando ríspida e freneticamente que a embarcação fosse lançada ao mar. Mas, chegando ao navio, deparou-se com uma dificuldade que não previra. Desde que perdera a perna, jamais subira a bordo de um navio que não fosse o seu. O Pequod estava equipado com um pequeno ascensor, pelo qual nosso capitão subia ao convés.

Ahab fechava a cara cada vez que o utilizava, traindo a maneira como seu ódio o transtornava. E foi assim mesmo que modulou seu rosto, quando a balançante escada de cordas foi lançada do alto do navio para ele. Com uma perna só viva, era impossível utilizá-la.

Depois de alguns momentos de constrangimento, lançaram por cima da amurada o pesado gancho de gordura, limpo e seco, agora, preso à ponta de uma grossa corda. Baixaram-no para que Ahab apoiasse nele sua perna solitária, e o içaram para o convés. Lá subiu ele, girando, os dentes cerrados de raiva por ver sua mutilação exposta a todos dessa maneira.

Já o capitão do Samuel Enderby parecia bastante mais à vontade, com seu braço de osso de cachalote.

— Foi o cachalote branco, não foi? — perguntou Ahab ansioso, mal o baixaram no convés, junto do capitão.

— Sim, de certo modo, foi. E a sua perna? Ele também?

— Conte sua história primeiro — pediu ele.

— Bem, era a primeira vez na minha vida que cruzava o equador. Não sabia coisa alguma do cachalote branco. Um dia, descemos nossos botes em perseguição a um grupo de umas cinco baleias. Meu barco fisgou uma delas. Ficamos dando voltas e voltas, como um cavalo de circo no picadeiro. Logo, irrompeu das águas um imenso cachalote branco como o leite.

— Moby Dick! — exclamou Ahab, fascinado.

— Tinha arpões cravados em seu dorso...

— Esses arpões eram meus! Continue...

— Bem, ele abocanhou a corda do meu arpão, tentando parti-la nas mandíbulas. Para soltar a baleia que havíamos fêsgado.

— Ele vive fazendo isso!

— Tentamos puxar a corda que prendia o arpão, mas isso só nos colocou junto do monstro. Pelos céus! Era o mais majestoso cachalote que vi na vida. Um prodígio! Foi então que desceu sua colossal cauda sobre nós, despedaçando meu bote! E continuou batendo a cauda, enquanto nadávamos, tentando nos salvar. No instante seguinte, já tendo libertado seu companheiro, o cachalote branco mergulhou, causando uma comoção nos mares, lançando destroços para todos os lados. Foi aí que um pedaço do meu próprio arpão de ferro voou, penetrando no meu braço e afundando na minha carne em toda a sua extensão, indo sair no pulso. Depois de me recolherem do mar, o cirurgião do navio não teve alternativa senão amputar meu braço inutilizado.

— E o que aconteceu com o cachalote branco? — perguntou avidamente Ahab.

— Bem... — disse o capitão, fugindo das suas traumáticas lembranças — ele mergulhou, como lhe disse, e não o vimos por um bom tempo. Naquela época, não sabia de sua fama. Jamais havia escutado seu nome...

— Moby Dick!

— Sim, não o esquecerei, agora — disse o capitão, com uma risada que pareceu desagradar Ahab, como se o inglês profanasse um momento que, para nosso capitão, devia ser tratado com toda austeridade. — Ainda cruzei com ele duas vezes, por esses mares.

— E não lhe deu caça?

— Como? Depois de ter escutado suas histórias? E de saber do que escapei? Eu não sou doido, homem! Ele que fique com meu braço.

— Ele não come braços nem pernas, capitão — exasperou-se Ahab. — Decepa-os somente por maldade.

— Maldade? Não creio nisso. Não acredito sequer que conheça a sua força, em relação a nós, que o perseguimos. É apenas uma criatura da natureza. Poderoso, mais inteligente que o normal... Mas isso não é razão para odiá-lo.

— Basta! — vociferou Ahab. — Só quero saber o rumo que o cachalote branco tomou.

— Você está afogueado, capitão! Vermelho, nervoso... Não me admiraria se estivesse doente. Posso mandar o nosso médico de bordo examiná-lo e...

— Não! — disse Ahab entre os dentes, e avançou em direção ao seu bote, empurrando contra a amurada um marujo inglês que procurou ajudá-lo, em atenção à sua dificuldade de andar. Ahab já se agarrava de novo ao gancho de gordura, para ser transportado para seu bote.

— Bem... Que Deus o proteja então! — murmurou o capitão do Samuel Enderby.

159

Recebido em silêncio por Fedallah, Ahab deu as costas para o navio inglês, sem se preocupar em responder à saudação do seu simpático capitão.

A baleia fóssil

Se fôssemos escrever sobre as baleias com um volume de detalhes correspondente ao tamanho do animal, só isso daria um livro enorme. Não bastasse o seu comprimento, da cabeça até a cauda, nem os muitos metros que mede a sua cintura, seria espantoso pensar, por exemplo, nas volumosas dobras de seus intestinos, ou no colosso que são seus pulmões — gigantescas cavernas, se comparadas aos pulmões de um ser humano —, que permitem ao mamífero marinho permanecer até cerca de vinte minutos submerso.

Todas as baleias fósseis descobertas até hoje pertencem ao período Terciário³⁶. Quando vejo esses enormes esqueletos, grandes crânios, presas, maxilas e vértebras, não posso deixar de pensar como se parecem com os descomunais monstros extintos. E que podem e devem ter habitado extensões de território onde hoje não

³⁶ O autor refere-se a um período que vai de cerca de 55 milhões de anos atrás até 30 milhões de anos.

existem mais oceanos. Uma relíquia como essa foi um enorme esqueleto, praticamente completo, encontrado no estado do Alabama, em 1842. Os escravos que o acharam ficaram apavorados, pensando se tratar de ossadas de anjos expulsos do Paraíso e caídos na Terra. Posteriormente, o esqueleto foi identificado como de uma baleia de espécie já extinta.

Também em placas egípcias ancestrais, no Templo de Dendera,³⁷ foi encontrada há uns cinquenta anos a impressão de uma nadadeira. E não se deve esquecer o episódio bíblico de Jonas, engolido por uma possível baleia, nem que o cetáceo aparece nas crenças de inúmeras religiões. As baleias são citadas por naturalistas romanos do século I, como Plínio, o Velho, que já se assombrava com a sua grandiosidade.

Ora, quem pode apresentar uma história genealógica tão antiga quanto a baleia? O arpão de Ahab fez jorrar um sangue com mais história do que os faraós, com origem num tempo mais remoto do que o dos personagens bíblicos. Assim, creio que, se a baleia pode ter existido desde o começo dos tempos, deverá continuar a existir depois de encerrada a era humana.

³⁷ Melville nunca viu essas ruínas, mas, como foi uma descoberta arqueológica que repercutiu no mundo inteiro, deve ter lido a respeito. Há indícios de que o templo foi construído aos poucos, a partir de 2250 a.C.

É como se a baleia chegasse até nós proveniente do nascedouro da eternidade. E, se você for baleeiro e oriundo de Nantucket, neste momento a homenageará num culto silencioso.

O que mais espanta é que, considerando os fósseis conhecidos, os que são achados em camadas geológicas mais recentes são maiores do que os que jazem em camadas mais antigas. O maior foi aquele encontrado no Alabama, com cerca de vinte e um metros, enquanto temos notícias de baleeiros da atualidade que abatem cachalotes de mais de trinta metros de comprimento.

No entanto, considerando que a caça à baleia se espalha hoje por todos os mares do planeta, poderá o colosso suportar uma matança tão impiedosa? Acontecerá com os bandos de baleias o mesmo que aconteceu com as manadas de búfalos, dezenas de milhares que povoavam as pradarias de Illinois e do Missouri? Não chegará o momento em que o último desses milagres marinhos se extinguirá, assim como pode acontecer ao último ser humano, e ambos se dissolverão no esquecimento, como fumaça no ar?

Até quando poderemos ver o espetáculo de seu esguicho, desafiador, subir da superfície e ganhar os céus?

A perna de Ahab

163

O modo abrupto com que Ahab deixou o navio inglês causou para ele próprio um inesperado infortúnio. Ele arriou com tanta força sobre o banco do bote que a sua perna de marfim se trincou. Depois, ao subir ao convés do Pequod e encaixar a ponta no orifício que a sustinha, girara tão bruscamente para dar ordens urgentes ao timoneiro que o marfim, já danificado, pareceu tornar-se ainda mais frágil. Enfim, Ahab perdeu a confiança em seu membro morto.

Ahab tinha, entre outras fixações, uma atenção especial em relação a sua perna de marfim. Ocorre que poucos dias antes de o Pequod zarpar de Nantucket, ele fora encontrado, certa madrugada, desmaiado, caído no chão. Não se sabe direito como, mas sua perna de marfim havia se deslocado violentamente, ferindo a virilha do capitão, como se fosse uma estaca. Na verdade, quase lhe atravessou o corpo e foi a muito custo que a ferida sarou a tempo de lhe permitir embarcar.

Evidentemente, na ocasião, sua mente obcecada culpou Moby Dick por mais aquele padecimento. O que não causa

espanto. De fato, poucas excentricidades poderiam surpreender em se tratando do capitão Ahab. Por algum tempo, antes de o Pequod deixar a ilha, e mesmo depois, como que escondido a bordo, ele havia se isolado do mundo, como se sepultasse a si mesmo. Fora um tempo sem palavras, quase inerte, e, embora muitos tentassem explicar os procedimentos de Ahab, a cada revelação que nos chegava, mais trevas se acrescentavam do que luzes na compreensão sobre aquele estranho homem. Era impossível compreender sua reclusão, tanto física quanto dentro de seu íntimo, ainda quando percorria o convés, sua morbidez permanente, como se a sombra do próprio fim o acompanhasse sempre. Ou o perseguisse.

Nada disso, entretanto, o impediu de tomar uma atitude prática: chamou o carpinteiro do navio e lhe ordenou que fabricasse outra perna. Colocou à disposição do homem todos os pedaços de marfim a bordo, trazendo para ele as queixadas de cachalote recolhidas durante a viagem. Mandou ainda subir a forja ao convés e deu instruções ao ferreiro para que fabricasse todos os acessórios necessários. E estipulou que tudo deveria estar pronto até a noite.

O carpinteiro, como todos os carpinteiros de navio, ainda mais os baleeiros, tinha habilidade e experiência em todos os ofícios próximos, não apenas trabalhando com a madeira, mas com diversos outros materiais. Afinal, são inúmeras as necessidades que surgem numa viagem de três a quatro anos, num navio.

Tratava-se de um homem de singular eficiência em tarefas comuns da navegação, como consertar botes, remos e mastros lascados, bem como abrir claraboias no convés, trocar os pinos de madeira nas tábuas laterais e uma infinidade de outras aptidões.

E tudo realizava em sua banca, uma mesa tosca, pesada, comprida, guarneçada de muitos torninhos de diferentes tamanhos, tanto de ferro como de madeira. Nessa mesa, ele atuava, realizando pequenas proezas. Se um remador deslocava o pulso, ele preparava uma poção que diminuía as dores. Se Stubb pedia estrelas nas pás de seus remos, era o carpinteiro que, prendendo-os em seu grande torno de madeira, fazia surgir neles constelações. Se um marujo cisma de usar brincos de osso de tubarão, é o carpinteiro que lhe fura a orelha. Se outro sofre com dor de dentes, é com suas ferramentas, prendendo a queixada do desgraçado num torno e manejando sua torquês, que o carpinteiro arranca a causa do sofrimento.

E foi assim que esse artesão mediu a perna viva de Ahab, para dar dimensões à substituta daquela que Moby Dick havia arrancado. Depois, cortou o que precisava de osso da mandíbula de cachalotes, torneou, parafusou, poliu. E estava pronta a peça.

O caixão de Queequeg

Seguindo os procedimentos habituais de bordo, certa manhã, já próximos do Japão, estávamos bombeando a água para fora dos porões do navio, quando constatamos um problema.

Todos os baleeiros com grande quantidade de barris de óleo no porão costumam, por meio de uma mangueira, alagar o grande compartimento com água do mar. Assim, ao retirar a água com as bombas do navio, pode-se ver se há um vazamento significativo do precioso conteúdo dos barris.

Foi justamente o que aconteceu. Havia um vazamento de grande quantidade de óleo, de modo que poderíamos perder num dia tudo o que pudemos acumular em um ano de trabalho. Starbuck foi imediatamente comunicar o fato ao capitão para que ele desse ordem de deter o navio. Feito isso, os barris seriam içados do porão e poderíamos consertar os que estivessem vazando.

— Como? — reagiu rispidamente Ahab, como se a entrada de Starbuck no camarote o despertasse de sua penumbra interior. — Ficarmos parados uma semana?

— É isso ou desperdiçarmos aquilo pelo que percorremos 20 mil milhas, capitão!

— Como desperdiçaremos o que ainda não abatemos?

— Eu estava falando do óleo dos barris no porão, capitão.

— O óleo? Não estou nem pensando nisso! Que vazze todo!

E daí? Eu também estou vazando. E como vou tapar esse vazamento na tempestade da vida? Não pararemos!

— Senhor, o que dirão os proprietários do navio?

— Que digam o que quiserem. Que berrem seus protestos nas praias de Nantucket! Ahab não se importa com nada disso! Minha consciência está na quilha deste navio. Para diante! A toda vela! E para frente! Volte ao convés, imediato!

— Capitão, por favor, me permita...

— Não! — berrou Ahab, apanhando um mosquete e apontando-o para Starbuck. — Há somente um Senhor na terra, e somente um capitão no Pequod. E esse capitão é Ahab! Já lhe dei minhas ordens, imediato!

— Capitão Ahab! Tome cuidado... com Ahab. Tome cuidado com você mesmo, senhor.

— O quê? — perguntou o capitão.

Ficaram então se fitando, mas, segundos depois, Ahab baixou o mosquete e murmurou:

— Você é um excelente imediato, Starbuck. Pode mandar parar o navio e içar os barris. Tenho certeza de que não demorará a descobrir os que vazam.

Com efeito, Starbuck demorou metade do tempo esperado para a complexa operação de içar os barris para o tombadilho, inspecioná-los e reparar os que vazavam. E nesse trabalho esteve envolvido meu amigo, Queequeg.

A bordo de um baleeiro, não há privilégios. Os mesmos arpoadores que ocupam a posição mais perigosa nos enfrentamentos contra os leviatãs são também os encarregados de descer à escuridão úmida dos porões e tanto cuidar do armazenamento dos barris quanto de deslocá-los e içá-los. O selvagem tatuado arrastava-se nas trevas escorregadias do porão como se fosse um lagarto malhado no fundo do poço. O limo aderiria-se à sua pele, o calor o fazia amargar um verdadeiro suplício suarento, que finalmente o derrubou, doente. Queequeg pegou um fortíssimo resfriado, com febre alta e dores pelo corpo inteiro.

Meu amigo começou a definhar. Em poucos dias, estava reduzido a pele e osso. Ou melhor, no seu caso, somente ossos e tatuagens. Já poucos acreditavam que fosse se levantar de sua rede. Era impressionante o quanto se depauperara, logo ele, que parecia imortal e dono de uma saúde invulnerável. Seus olhos se tornaram fundos e arredondados, como se já espiassem a eternidade. Ele não se mexia, como se lhe restasse apenas aguardar sua subida ao paraíso, ou o que quer que acreditasse como vida após a morte. Foi quando mandou chamar o carpinteiro de bordo.

Veio o hábil artesão. Com muita gentileza, Queequeg lhe pediu que fabricasse um caixão para ele. Havia visto alguns, em Nantucket e, embora esse tipo de ritual fúnebre não fizesse parte de seus costumes nativos, Queequeg achara os caixões bonitos e era assim que queria partir desta vida.

Ora, Queequeg era muito querido e admirado a bordo, e o carpinteiro se empenhou em atender da melhor maneira que pôde seu pedido. Havia a bordo algumas tábuas cortadas das árvores das ilhas Laquedivas, no subcontinente da Índia.

Depois que o último prego foi fincado, o caixão foi levado para Queequeg. Em sua rede, meu amigo examinou o trabalho, admirando-o, e pediu seu arpão. Fez com que fosse retirada a haste de madeira do instrumento e que a parte de ferro, junto com um dos remos do bote em que Queequeg costumava sair, fosse depositada no ataúde. A seu pedido, também, foi colocado dentro do caixão um saco de biscoitos, um pote com água potável, na cabeceira do ataúde, e também um saquinho com raspas de madeira tiradas do porão. Queequeg instruiu-nos ainda para fazermos um travesseiro para ele, com pano de vela enrolado, tudo para que ele pudesse gozar de todo conforto, uma vez ali dentro.

Finalmente, experimentou deitar-se no caixão, cruzou os braços sobre o peito, segurando Yojo, seu pequeno ídolo, nas mãos. Tinha no rosto uma expressão de felicidade serena, quando disse em sua língua natal:

— Vai servir! É bem confortável!

Findos os preparativos, Queequeg fechou os olhos e aguardou. Um jovem ajudante de cozinha, dos que Queequeg e os demais arpoadores sempre ameaçavam devorar, mostrou-se muito tocado com a cena, e trouxe para junto do caixão um pandeiro, prometendo tocar para Queequeg uma marcha fúnebre. Já outros falavam em providenciar uma escolta, um cortejo de gala, quando chegasse a hora de lançar o caixão ao mar. E, diante de todos esses comentários, Queequeg não dizia nada, nem se mexia. Parecia que adormecera.

— Ouvi dizer — comentou Starbuck, observando a cena — que alguns homens acometidos de febre violenta são realmente capazes de prever a própria morte.

Eu não me conformava...

De repente, Queequeg abriu os olhos e levantou-se do caixão, parecendo refeito. De fato, a febre desaparecera. Nenhum de nós compreendia o que havia acontecido, mas, para Queequeg, não havia nenhuma estranheza no episódio. Segundo ele, lembrara-se de que ainda tinha uma pequena obrigação na Terra e mudara de ideia quanto a morrer.

Espreguiçou-se, abrindo bem os braços, soltou um sonoro bocejo e declarou-se curado. Resolveu não se desfazer do caixão, já que gostara muito dele. Na tampa, entalhou uma infinidade de figuras místicas, reproduzindo as tatuagens do seu corpo. Explicou que aquelas tatuagens haviam sido feitas por um profeta

e vidente de sua ilha, e que nelas podia se ler toda uma explicação sobre a origem dos céus e da Terra. Nelas, igualmente, estavam orientações precisas de como se alcançar a verdade e desvendar segredos e enigmas da vida.

Passou a guardar seus pertences no caixão, como se fosse uma arca.

O Pacífico

Depois de ultrapassar as Ilhas Bashi, saímos, finalmente, no grande mar do Sul. E ali, não fosse por todo o clima sombrio que pesava sobre esta viagem, eu saudaria meu estimado Pacífico, agradecendo-lhe incontáveis vezes. Finalmente, o grande sonho da minha juventude estava realizado. Ao meu redor, via uma extensão interminável de azul, o sereno oceano pelo qual tanto ansiara. Ninguém sabe ao certo que meigo mistério existe nessas águas, como se algo oculto habitasse suas profundezas.

Um mago da antiguidade, errando pelo mundo, sempre absorto em suas meditações, tendo contemplado o Pacífico pela primeira vez, não hesitaria em adotá-lo como seu lar. O Pacífico põe em movimento as águas do centro do planeta — o oceano Índico e o Atlântico são somente seus braços. Aquelas mesmas ondas que banham as regiões onde a espécie humana fez história há mais tempo banham também os mais recentes núcleos povoados, como na costa da Califórnia. Além disso, esse misterioso e divino Pacífico guarda vias lácteas de ilhas de coral,

infinidades de arquipélagos desconhecidos, impenetráveis Japões. O Pacífico chega quase à inteira vastidão do mundo, como se todas as costas fossem uma baía de suas águas. Parece o coração da Terra, a bater com suas marés.

No entanto, não eram pensamentos desse tipo que zumbiam na cabeça do capitão Ahab. Imóvel como uma estátua de ferro, em seu lugar habitual, no tombadilho, para ele aquele oceano que acabávamos de penetrar nada mais era do que o odiado campo de caça, onde o cachalote branco deveria ser morto. Seus lábios se crispavam. O delta das veias em sua testa estava inchado como riachos prestes a transbordar. Em seu sono, no camarote, o grito com que acordava de seus pesadelos ressoava até o convés: “Remem a ré! O cachalote branco esguicha sangue espesso!”.

Perth, o ferreiro, não levava sua forja de volta ao porão, depois de haver fabricado as partes que lhe cabiam na perna nova de Ahab. Mantivera-a bem amarrada a argolas junto ao mastro grande, e ali se reuniam imediatos e arpoadores, encomendando-lhe incessantemente serviços e novos apetrechos para seus botes.

Perth vivia cercado de arpões e outros ferros, aguardando a vez, no convés. No entanto, seu martelo era paciente. Jamais reclamava. Jamais se cansava. Jamais modificava seu ritmo.

Tinha quase 60 anos, e uma triste história que o fizera abraçar a profissão de baleeiro. Há tempos, em terra, fora um

profissional procurado, próspero. Sua forja atendia a melhor clientela. E possuía uma família que amava. Uma linda esposa e filhos. Mas a todos a terra recolhera para o descanso eterno. E foi como Perth se tornou baleeiro.

Com sua barba desgrenhada e vestindo sempre um tosco avental de pele de tubarão, Perth costumava colocar-se junto da sua bigorna por volta do meio-dia, aguardando os pedidos — que logo começavam a chegar. A bigorna ficava sobre um cepo de madeira resistente como o ferro. Perth, com uma das mãos, manejava o atiçador, revirando as brasas, e na outra, o fole, para avivá-las.

— As fagulhas não queimam você, Perth? — disse o capitão Ahab. — Elas jorram sobre você, e você nem parece percebê-las.

— Tudo em mim já está queimado, capitão — respondeu Perth com um suspiro. — Não posso ser mais queimado do que já sou. E cicatrizes não se queimam facilmente.

— Entendo... — disse Ahab. — Essa sua voz enfraquecida me soa com uma mágoa aceita com sensatez. Eu, que não vivo no paraíso, não suporto entretanto a dor alheia, se não vier temperada com a loucura. Mas você não enlouquece, não é, ferreiro? Como consegue? Será que os céus odeiam tanto você, que não o deixam enlouquecer?... Ora, esqueça. O que está fazendo agora?

— Estou soldando uma ponta de arpão, senhor. Estava com rachaduras e dentes.

— E você é capaz de deixá-la boa de novo, depois de ter sido usada com tanto afinco?

— Sim, senhor. Posso consertar todas as trincas e dentes. Exceto uma.

— Olha aqui, então — ordenou Ahab, apontando para a própria testa. — Está vendo esta ruga que me vinca a testa? Se me garantir que pode aplainá-la, ficarei feliz em colocar minha cabeça em sua bigorna.

— Eu disse que podia consertar todas as trincas, exceto uma, senhor. Esta... é a única que não posso consertar.

— Sim, ferreiro — murmurou o capitão e ficou observando o homem por alguns instantes em silêncio. Então falou: — Esta trinca, você não pode consertar porque não está na pele. Está marcada profundamente no osso do meu crânio. Mas tenho outra tarefa para você. Tome...

Dizendo isso, o capitão virou no assoalho do convés o conteúdo de uma sacola que trazia. Caíram da sacola vários pedaços de metal, como ferraduras de aço usadas em cavalos de corrida. O ferreiro agachou-se e recolheu o material, reconhecendo-o:

— O que o senhor tem aqui — disse Perth — é o aço mais resistente que os ferreiros costumam forjar.

— Sei disso. Quero que una todos e me forje um arpão! Um único e precioso arpão!

— ... Para matar o cachalote branco — disse Perth.

— Sim, para matar o demônio branco. Derreta essas peças, ferreiro. Eu próprio quero martelá-las em sua bigorna.

Ao contrário de Perth, Ahab não tinha no braço a força para manejar o malho. Suando abundantemente e ofegante, no entanto, deu conta da tarefa, batendo o metal incandescente que Perth ia lhe entregando. Enquanto a cena se desenrolava, Fedallah aproximou-se. Parou por instantes junto à bigorna e proferiu, quase mudamente, apenas movendo os lábios, uma prece, ou uma maldição, dirigida ao instrumento. Depois se afastou.

— As farpas do arpão — disse Ahab —, quero que as faça disto aqui.

Ahab entregou suas navalhas de barbear ao ferreiro, que as examinou, espantado.

— Não vão lhe fazer falta, senhor?

— Não! Não pretendo mais me barbear até... Chega! O que importa é que não há melhor aço do que este. E não as mergulhe na água para temperá-las. Quero que tenham a têmpera da morte, e nenhuma outra! Tashtego! Queequeg! Venham aqui. Quero o sangue de vocês para temperar as farpas da ponta do meu arpão. Vocês o darão a mim? Ao seu capitão?

Os arpoadores, com um aceno de cabeça e expressão sombria, fizeram que sim. Logo, o sangue brotava de cortes feitos na pele deles, e assim as farpas destinadas ao cachalote branco estavam temperadas.

— Eu te batizo, não em nome do Pai, mas em nome do Inimigo!³⁸ — declamou Ahab, com voz rouca, em latim. — Tudo pronto agora.

Sim, estava tudo preparado para o enfrentamento. E o navio avançava, para quem pudesse pressentir, já envolto numa névoa melancólica, rumo à tragédia.

³⁸ Em latim, no original: “*Ego non baptizo te in nomine patris, sed in nomine diaboli*”.

Agouros

O destino do Pequod já estava decidido, embora não soubéssemos disso. Atravessamos uma severa tempestade, e houve momentos em que temi que seria nosso fim. Mas não seria essa a história de nossa jornada. Ao longo de semanas, já tendo abatido vários cachalotes, nosso capitão mostrava-se cada vez mais impaciente para usar o instrumento de morte que ele próprio preparara para Moby Dick. Deu então ordens para tomarmos novo rumo, em direção ao sudeste e em direção ao Equador. Seguia assim as rotas que Ahab deduzia de seus mapas, onde tudo o que se destacava eram os pontos onde a baleia que tanto odiava havia sido avistada e as prováveis linhas que seguia em sua interminável travessia dos oceanos.

Certa noite, a guarda noturna foi surpreendida por um grito agudo, forte, sobrenatural. Um lamento arrepiante. Todos se puseram de pé, num pulo, e ficaram atentos, tentando enxergar na escuridão das ondas. Houve quem arriscasse que poderiam ser sereias. Outros, que seriam as vozes dos espíritos de homens recém-afogados naquelas águas.

Pela manhã, quando Ahab apareceu no convés, o responsável pelo turno da noite, Flask, foi informá-lo do ocorrido. Ahab riu muito, debochando de Flask. Para ele, o grito tinha uma explicação bem trivial. Aquelas ilhas rochosas, pelas quais o navio passara, eram o hábitat de manadas de focas. O tom de lamento do grito deveria ser de alguma fêmea, cujo filhote se perdera dela.

A explicação não convenceu Flask, ainda mais por um episódio que se seguiu. Um marinheiro, ainda mal desperto, foi de sua rede direto para a gávea no alto do mastro. Não se sabe bem o que aconteceu depois, e talvez esse marinheiro tenha adormecido de novo, lá em cima. O fato é que toda a tripulação logo escutou um grito cortante, apavorado, e viu o marinheiro despencando, debatendo-se no ar, berrando ainda seu espanto e seu pedido de socorro.

O marinheiro afundou, tragado pelas correntezas. Logo o salva-vidas foi lançado, na tentativa de que ele pudesse agarrar-se — tratava-se de um barril mais comprido e mais leve, vazio, deixado à mão na popa, para uma emergência como essa.

No entanto, ou por estar ressecado pelo sol, e logo se encher de água, ou por um fenômeno inexplicável qualquer, o barril, que deveria boiar, também afundou, como se fosse servir de travesseiro — muito duro, por sinal — para o marinheiro afogado, lá embaixo.

Marinheiro e salva-vidas perdidos, era necessário agora substituir o segundo. Mas Starbuck não conseguiu encontrar

nenhum barril comprido e leve o bastante para a singular serventia. Foi então que Queequeg surgiu, trazendo seu caixão. Com sua linguagem truncada e muitos sinais, entendeu-se que ele estava oferecendo o ataúde.

— Um caixão de defuntos como salva-vidas? — perguntou horrorizado Starbuck.

No entanto, depois de pensar um instante e se dar conta de que não havia mais nada que pudesse ser usado, o imediato aceitou o presente.

— Devo pregar a tampa? — perguntou o carpinteiro.

— Claro que sim. Ou, se for usado, vai se encher de água — respondeu Starbuck.

— E devo também calafetar as juntas? E untá-lo de piche?

— Chega! — berrou Starbuck, horrizado. — Pegue esse caixão e o transforme num salva-vidas. Faça o que precisar, ora!

Tendo dito isso, o imediato se afastou resmungando, irritadíssimo. Não menos contrariado, no entanto, do que o carpinteiro, por ter de trabalhar com tal matéria-prima.

No rastro de Moby Dick

Mais uns dias e avistamos um grande baleeiro, o Raquel. Mal se aproximou, ressoou a pergunta infalível de Ahab pela corneta:

— Viram o cachalote branco?

— Sim, ontem — respondeu o capitão do Raquel. E logo acrescentou, aflito: — E vocês viram um bote à deriva?

Contendo sua euforia, Ahab respondeu negativamente à pergunta inesperada. Logo, o capitão do Raquel subia ao nosso convés e Ahab acercava-se dele, ansioso:

— Vocês não o mataram, não é?

O capitão, assim que recuperou o fôlego, contou que no final da tarde anterior, seus três botes estavam se ocupando com um bando de baleias, quando a distância o vigia do navio avisou a corcova e a cabeça, inteiramente brancas, de Moby Dick. Um quarto bote partiu em sua perseguição, e não foi mais visto. O capitão esperava que seus tripulantes ainda estivessem com vida. Vinha inclusive pedir ao Pequod que se juntasse ao Raquel nas buscas:

— Meu filho está entre os desaparecidos! — explicou o capitão. — Imploro, pelo amor de Deus, que nos ajude! Apenas 48 horas, é o que peço. Dois dias procurando pelo nosso bote. E pagarei com prazer o que você estipular!

— Ele se afogou com seus companheiros — cochichou um velho marinheiro, recuado no convés. — Foram os gemidos dele que escutamos na outra noite.

— Se o filho não estivesse entre eles — comentou outro marujo —, jamais um baleeiro iria perder tempo procurando um bote tripulado por pobres marujos, bem no auge da estação de caça!

Já o capitão redobrava suas súplicas. Era um velho conhecido de Ahab:

— Ahab! Faça o que seu coração desejaria que se fizesse se você estivesse no meu lugar. Você também tem um filho, sei disso. Um filho pequeno, nascido na sua idade avançada, mas seguro em sua casa, em Nantucket. Ahab! Por piedade!

Por instantes, os dois homens se fitaram em silêncio. Então Ahab falou:

— Não! Capitão Gardiner, não me desviarei de minha rota. Estou perdendo tempo, agora mesmo, nesta conversa! Adeus, capitão.

Mais alguns argumentos trocados rapidamente, e o capitão do Raquel se convenceu de que não conseguiria ajuda ali. Ele retornou ao seu navio e logo depois o Raquel se afastou, lançando

uma trilha de borrifos para trás, como se chorasse por seus filhos que não iria rever. Por alguns momentos, Ahab, na amurada, ficou contemplando o mar, enquanto o Pequod e o Raquel, seguindo rumos opostos, se distanciavam. De repente, ele se virou, e deu com o olhar de Fedallah sobre ele. Eu poderia jurar que, nesse momento, o capitão sentiu uma espécie de calafrio.

Mais um dia navegando e encontramos outro navio de Nantucket, o Delícia. Estávamos de fato em águas povoadas tanto de baleias quanto de baleeiros. Mais uma vez, Ahab levou a biqueira da corneta aos lábios e sua voz amplificada ressoou:

— Vocês viram o cachalote branco?

— Olhe ali, capitão...

Suspensos no tombadilho, havia os destroços de um bote.

— Foi ele? Moby Dick? Vocês o mataram?

— Ainda não foi forjado o arpão que realizará essa proeza, Ahab! — gritou o homem da sua popa.

— Está enganado! — e dizendo isso, Ahab brandiu seu arpão. — Seguro aqui a morte desse monstro! Olhe estas farpas temperadas em sangue. Vou fincá-las naquele ponto, por trás de suas nadadeiras, onde o cachalote branco mais sente pulsando sua amaldiçoada vida!

— É mesmo? Pois então saiba que está velejando agora sobre a sepultura de meus quatro tripulantes, os que estavam naquele bote destroçado. E foram quatro, não cinco, porque um dos corpos resgatei. Vocês assistirão ao seu funeral!

— Rápido, homens! Vamos nos afastar desses desgraçados! — gritou Ahab.

No entanto, o corpo amortalhado do marujo já era suspenso pelos cabos, acima da amurada. E logo escutávamos o barulho dele, mergulhando nas águas que seriam seu sepulcro.

Só que nesse instante o Pequod virou de popa para o outro navio, e assim o capitão avistou o estranho salva-vidas improvisado que levávamos, e gritou no amplificador de voz:

— Ora, homens do mar! Não querem assistir a um simples funeral? E então se viram, mostrando-me que carregam já seu próprio caixão?

O sangue de todos a bordo gelou nas veias ao escutar aquilo. A velas enfunadas, o Pequod navegava, agora tendo encontrado e seguido de perto o rastro de Moby Dick. Um rastro de destruição. Era como se farejássemos nossa morte e nos apressássemos para ir ao encontro dela.

O anoitecer viria antes disso, no entanto. E, nessa hora, o mar se desdobrava ao nosso redor como uma sinfonia.

Ahab recostou-se na amurada, com olhar perdido. Starbuck aproximou-se dele, e reparou que o capitão tinha lágrimas nos olhos. Ahab virou-se subitamente:

— Starbuck!

— Desculpe, senhor. Não queria...

— Não faz mal. Starbuck, eu estava aqui... pensando...

Que vento suave, tão suave ele é... e como o céu está acolhedor...

Num dia como este, arpoei minha primeira baleia. Tinha 18 anos, então. Isso foi há... 40... 40 anos atrás. Nunca deixei o ofício. Quarenta anos nesses mares inclementes, vencendo perigos, horrores marinhos. Sim, faz 40 anos que Ahab deixou a terra e iniciou sua guerra. Sua solidão. Sempre vivendo entre amuradas. E, enquanto o mais miserável homem da terra firme tinha frutas a sua disposição, por 40 anos tenho comido dessa dieta seca e salgada dos mares... assim como é seca e salgada minha alma. Minha mulher? Aquela jovem com quem me casei já depois dos 50 anos? Ela é uma viúva de marido vivo! Eu viajei para o Cabo Horn no dia seguinte de nosso casamento, deixando somente para ela, de companhia, um afundamento em nosso travesseiro nupcial. E lá fui eu, atrás do sangue, do frenesi da caçada, da loucura espumante... Sou mais um demônio do que um homem, Starbuck! Escute... Escute... quando eu descer no meu bote, perseguindo Moby Dick, não desça você. Fique a bordo. Fique no Pequod e salve-se, Starbuck! Esse risco é meu, não seu, não com esse lar em Nantucket que vejo refletido nos seus olhos!

— Meu capitão — disse Starbuck emocionado —, o senhor é uma grande alma, apesar de tudo. Por que tem de dar caça a esse animal odioso? O senhor também não deve descer ao bote. Nenhum de nós. Vamos retornar a salvo para nossos lares. O senhor, eu, todos nós. Há dias lindos e generosos como este também em Nantucket.

— Sim — murmurou Ahab. — Eu vi dias assim por lá.

Depois, ele sorriu e deu as costas ao seu imediato. Alguns passos adiante, apoiado na mesma amurada, estava Fedallah. Parecia a sombra do capitão Ahab. Uma sombra tenebrosa, que surgia repentina e silenciosamente junto a ele. O capitão lhe disse, contraindo o rosto, como se revisse a cena:

— Sonhei com sua morte, Fedallah!

— E como vou morrer, Ahab?

— Com o cânhamo... — respondeu o capitão.

— Com uma corda, então? Quer dizer que serei enforcado? Mas então sairei vivo desta caçada. Moby Dick não me enforcará. Sou invulnerável ao cachalote branco e eu o matarei.

— Sonhei com a sua morte — repetiu Ahab, como se estivesse delirando. — Havia cordas. Não sei bem. E sonhei também que ver seu féretro anunciava a minha própria morte para breve. Você morrerá primeiro e, logo depois, verei um segundo caixão, então eu morrerei.

— Palavras confusas, capitão... — disse Fedallah sorrindo sarcasticamente. E o capitão Ahab como que se arrastou para seu camarote.

A caçada — primeiro dia

187

Na vigília da meia-noite, o capitão, como de costume, subiu ao convés. De repente, seu rosto se contraiu, as narinas se dilataram e ele ergueu o rosto contra o vento, farejando:

— Há uma baleia por perto! — disse em voz alta.

Demorou alguns instantes, mas o odor característico do cachalote logo foi sentido. Ahab ordenou que o rumo fosse levemente corrigido e que as velas fossem reduzidas para que se diminuísse a velocidade. Assim que amanheceu, comprovamos que o capitão acertara naquelas medidas. Ahab ainda permanecia atento, vigilante, no tombadilho, quando, de repente, gritou:

— Lá! É ele! O cachalote branco! Moby Dick! Olhem o esguicho! Só Moby Dick esguicha assim!

Quase ao mesmo tempo, os vigias dos três mastros também emitiram o aviso. E um instante depois todos avistamos a gigantesca corcova branca, refletindo a luz solar.

— Fui eu que o avistei primeiro! — berrou Ahab. — O dobrão é meu! O destino quis que permanecesse comigo. Sr. Starbuck! Desça os botes! Meu arpão! Tragam-me meu arpão!

Logo, três botes foram descidos. O de Starbuck permaneceu preso, já que o primeiro imediato não participaria da perseguição ao cetáceo. Na proa do bote do capitão, Fedallah, com uma careta horrenda, torcia a boca, avidamente.

Ao redor de Moby Dick, o oceano se aplainava, como se estendesse para ele uma passarela. Parecia que o cetáceo não se tinha dado conta do perigo, e os botes aproveitavam-se disso para se aproximar. O cachalote branco mantinha grande parte do corpo submersa, de modo que não podíamos enxergar sua mortal e magnífica queixada. Mas, num relance, a corcova branca se fez totalmente visível, deslizando sobre a água, e subitamente todo o animal emergiu. Seu corpo, branco e reluzente feito mármore, projetou-se para o alto, como um deus imponente, firmando um arco no ar, detendo-se, ainda acima das águas, por instantes, tal o impulso, tal a força de seu salto, para depois mergulhar e desaparecer.

— Vai demorar uma hora até ressurgir — disse Ahab, sempre de pé, ereto, na popa do seu bote.

Estava enganado. Logo Moby Dick subiu de novo, com impressionante velocidade. Olhando para trás, vimos de repente aquelas duas fileiras de ferozes dentes arreganhados. A baleia abocanhou a popa e sacudiu o bote no vazio, como um gato torturando seu rato. As pontas do barco se retorciam para dentro e para fora, enquanto os marujos eram cuspidos para as ondas. Num dado momento, a fileira de enormes dentes brancos

estava a pouco mais de um palmo da cabeça de Ahab. Fedallah observava a cena impassível, de braços cruzados. Foram os últimos a serem jogados na água, enquanto o bote estalava, partindo-se em dois, e uma chuva de destroços caía sobre os náufragos.

Ahab, Fedallah e os demais foram fígados e puxados para o bote de Stubb. Mal serenou a respiração, Ahab perguntou, aflito:

— Meu arpão!

— Foi salvo também! — respondeu Stubb. — Aqui está ele.

— Perdemos algum homem?

— Não, senhor! — respondeu Stubb. — Mas Moby Dick escapou.

Por um instante, Ahab ficou contemplando o mar. Não fossem os destroços do bote destruído pelo cachalote branco, ainda flutuando, nem pareceria que ali fora travada uma batalha. Além disso, a noite começava a baixar, dando conta de que a luta, embora parecesse breve, arrastara-se por muitas horas.

— Ele vai avançar mais devagar à noite! — sentenciou Ahab.
— Vamos retornar ao Pequod. — E, voltando-se para o oceano, murmurou, rilhando os dentes: — Até amanhã, demônio!

A caçada — segundo dia

Já ao nascer do dia, os três mastros do Pequod estavam com seus vigias a postos.

— Está vendo Moby Dick? — perguntou ansioso o capitão Ahab.

— Nem sinal! — respondeu um dos vigias.

— O monstro avança mais rápido do que pensei, mesmo à noite! — disse Ahab, esbravejando a constatação. A seguir, começou a vociferar ordens para que o Pequod ganhasse mais velocidade.

Não são incomuns essas perseguições tenazes a baleias, mesmo ao longo de dias e noites. E assim o navio ganhou o impulso de um projétil lançado de um canhão, deixando no mar um sulco, como se fosse o arado na terra a ser cultivada.

— Lá! À frente! É o esguicho de Moby Dick! — gritou um dos vigias, de repente.

Não era! O próprio Ahab, observando o esguicho, desfez o engano.

— Mais atenção, vigias! — bradou o capitão. — Moby Dick não lança seu jato desse modo! Mas... Olhem! Ali! Ali!

Muito mais perto do navio do que o outro esguicho, o formidável cachalote branco saltava da água e elevava-se a uma altura que nenhum outro animal da sua espécie alcançaria. Era um milagre de força, de potência, de tamanho. Moby Dick. Em velocidade máxima, ele eleva-se das profundezas e, num vendaval de espuma, lança-se, como um desafio, fazendo as ondas que se agitam no ponto onde ele emerge e no outro, em que mergulha, raivosamente projetarem-se para o alto, como gumes de uma cordilheira.

— Esse será seu último salto, Moby Dick! — jurou o capitão, como se o cachalote branco apresentasse seu espetáculo em deboche a ele. — Aproveite bem a luz do sol, porque meu arpão vai atrás de onde bate seu coração maldito! — E bradou: — Aos botes, homens! Aos botes, depressa!

Moby Dick, desta vez, não esperou ser atacado. Tomando a iniciativa, mal os botes aproximaram-se, arremeteu contra eles, na água, com a bocarra aberta, a cauda agitando o mar e impulsionando-o com incriveis força e velocidade. Logo, estava ao alcance dos arpões, e o grito de guerra de Ahab ressoou acima de todos os outros. Era um grito de puro ódio, enquanto o cachalote branco parecia usar todo o poder de seu colossal corpo para lançar-se contra os nossos botes.

Com tremendo esforço, os remadores conseguiram se desviar da investida de Moby Dick, um deles escapando de ser destruído por questão de 3 ou 4 palmos. Moby Dick manobrava

na água com agilidade, enquanto os arpões iam se cravando em seu dorso. Eram agora inúmeros ferros, cada qual preso a um cabo. E todos os cabos iam se retorcendo, se enroscando, se embaraçando, arrastados pelo cachalote em fúria.

Moby Dick girou sua enorme cabeça e retomou o ataque. E, desta vez, os botes de Stubb e Flask foram atingidos, jogados um contra o outro, como se fossem cascas de nozes. Ele saltou no ar e mergulhou, em seguida, provocando um redemoinho gigantesco e fervente ao redor do ponto onde submergira. Os destroços dos botes rodopiaram no vórtice, depois ficaram fluando, enquanto seus tripulantes lutavam para não afundar, sugados pela correnteza que o cachalote deixou como rastro, em seu mergulho.

O único bote ainda intacto era o de Ahab. Mas por pouco tempo.

A água havia virado um pandemônio. Os tubarões vinham chegando. Os marujos se agarravam onde podiam, enquanto Stubb gritava, pedindo para ser salvo. Flask girava no rodadoiro, aparentemente sem controle dos próprios membros. Foi quando vimos o bote de Ahab ser suspenso no ar por algum impulso, e logo atrás, Moby Dick, saltando perpendicularmente contra o fundo da embarcação. O bote rodopiou no vazio várias vezes e tombou na água de cabeça para trás, obrigando os seus tripulantes — pelo menos os que conseguiram escapar, entre eles Ahab — a sair por debaixo d'água.

Com grande dispersão de água, como se fossem ondas volumosas, Moby Dick caiu de novo na superfície do mar ao comprido, bem no centro daquela cena de destruição. Havia uma grande quantidade de arpões e dardos enterrados no seu dorso, com os respectivos cabos emaranhados como uma rede. E mesmo assim o cetáceo gigante, dando por terminado o combate por aquele dia, simplesmente enviesou o corpanzil e se afastou, com toda destreza intacta. Foi o Pequod que salvou os que pôde, aproximando-se e lançando o bote de Starbuck para recolhê-los. Mal foi puxado para dentro, Ahab gritou:

— Fedallah! Onde ele está? — a perna de madeira fora arrancada de seu corpo. Ele contraía o rosto de dor e de ódio, alternadamente. E repetiu: — Onde está Fedallah?

Stubb hesitou, mas finalmente deu a notícia ao capitão:

— Ele foi enroscado nos cabos dos arpões, senhor. Foi arrastado para baixo d'água, e depois ninguém mais o viu.

— Está morto, então — murmurou o capitão, praticamente para si mesmo. — Mas... não o vi em seu caixão. E ele não terá caixão algum, se foi arrastado para o mar... O aviso do meu pesadelo sobre minha morte, portanto...

— O que faremos, agora, capitão? — indagou Stubb, algo impressionado com o fato de Ahab parecer tão ausente. O capitão olhou-o surpreso, como se despertasse. Então, seu rosto ficou vermelho e, sem aviso, bradou, brandindo o punho na direção em que seguira o cachalote branco:





— Moby Dick, seu demônio! Pensa que matar Fedallah vai te salvar? Vou perseguir você nem que tenha de dar a volta ao mundo novamente cem vezes! Eu hei de matá-lo!

— Não, senhor! — disse Starbuck, encarando o capitão. — O senhor jamais conseguirá matá-lo. Mas pode conseguir morrer da próxima vez, se não desistir! Capitão, essa loucura já nos custou caro demais!

— Starbuck! Nos últimos dias me sinto imensamente próximo a você. Mas não no que se refere a Moby Dick! Nisso, Ahab será para sempre Ahab, e tudo isso que vivemos já estava decidido antes mesmo de se formarem os oceanos. Sou somente um auxiliar do Destino! E digo, homens — falou ainda, voltando-se para o restante da tripulação —, amanhã, Moby Dick vai esguichar seu último jato! Quem tem coragem para seguir comigo?

Todos, menos Starbuck, empenhamos aos berros nosso apoio ao capitão. De volta ao Pequod, mais uma vez o navio inflou suas velas, tomando como rumo o rasgo que o cachalote branco abrira no mar.

A caçada — terceiro dia

197

Por irônico que possa parecer, a manhã do terceiro dia chegou espalhando pelo ar marinho frescor e tranquilidade. Desde a primeira claridade, o convés estava movimentado e os mastros do Pequod, guarnecidos de seus vigias.

— Vocês veem alguma coisa? — perguntou Ahab, que andara de um lado para o outro, mal contendo a sua ansiedade, a noite inteira.

— Nada, Senhor!

Passaram-se as horas e a pergunta se repetiu muitas vezes. Já era quase meio-dia e, não tendo ainda avistado Moby Dick, o capitão interpretou que havíamos ultrapassado o cachalote branco.

— Ele é que está me perseguindo, e não eu a ele! — vociferou Ahab. — Eu já devia ter adivinhado!

O Pequod fez a volta, e velejava agora na esteira da própria espuma que formara. Íamos contra o vento.

— Logo devemos vê-lo! Atenção!

— Deus me perdoe — resmungou Starbuck próximo de mim. — Já sinto os ossos úmidos, dentro da carne, como se

tivesse morrido afogado. Ora, estamos indo em direção à bocarra aberta do monstro. Que grande loucura!

Mais uma hora se passou, como se fossem eternidades, de tanta expectativa. Finalmente, Ahab ordenou que o bote restante do Pequod fosse baixado. Era a embarcação reservada a Starbuck, comandada agora por Ahab.

— Vou ao seu encontro pela terceira vez, Moby Dick! — vociferou o capitão. — Mas esta será a última, eu juro!

— Os tubarões! Os tubarões! — alguém gritou do convés. Era Starbuck. — Volte, meu capitão! O senhor não precisa morrer.

Ahab não o escutou, já que suas ordens elevavam-se acima de qualquer outra voz. No entanto, era verdade. Mal o bote, descido pelos cordames, tocou a água, e bandos de tubarões, emergindo das profundezas sombrias, surgiram por baixo do casco, mordendo as pás dos remos. O bote se afastou, e os tubarões o seguiram, com se prenunciassem um banquete.

Eu fora engajado na tripulação daquele bote sobrevivente. E, sob a ira de Ahab, remava com toda a energia que tinha no corpo. Era como se quisesse abrir mão da minha alma, em favor do impulso dos remos.

Não havíamos avançado muito, quando Ahab indicou um ponto distante no mar. Algo nele pressentira a presença do cachalote branco, que, de fato, como logo descobrimos, havia acabado de mergulhar. Ahab manteve o rumo, planejando emboscar Moby Dick em sua próxima subida.

Subitamente, a água começou a agitar-se perto do nosso bote. Alguma coisa ressoava surdamente no ar, uma espécie de zumbido, vindo das profundezas. Então, o colosso branco emergiu, violentamente, saindo por inteiro da água. Quando Moby Dick despencou de volta na superfície, muralhas de água elevaram-se mais de 6 metros. Nosso bote balançou violentamente.

Daggoo e Queequeg estavam conosco. Eles assumiram rapidamente suas posições com os arpões. Vimos o emaranhado de cabos, na imensa testa do cachalote, presos todos eles a ferros retorcidos fincados em vão em sua carne. De repente, Ahab emitiu um grito de terror...

Enredado naquelas cordas, e portanto tendo o próprio Moby Dick como seu caixão, lá estava, desconjuntado, mas totalmente reconhecível, o corpo de Fedallah. Suas roupas haviam virado frangalhos. Havia pedaços faltando no corpo. Mas o rosto estava intacto e seus olhos arregalados dirigiam-se diretamente para Ahab.

Diante daquela visão horrenda, o capitão deixou o arpão cair de suas mãos...

— O presságio... o presságio... eu teria de ver Fedallah, morto pelo cânhamo daquelas cordas... em seu caixão! Minha morte está próxima! — Mas, tomando fôlego, e recuperando seu arpão, que alguém lhe entregara, bradou: — Mas você há de morrer comigo, Moby Dick!

— Moby Dick somente persegue Ahab na loucura de Ahab — murmurou um dos marujos, já apreensivo. — A mesma loucura que é o que o faz, ele sim, perseguir Moby Dick! E os tubarões seguem os dois...

De fato, a água ao nosso redor estava repleta daqueles predadores famintos.

O cachalote branco diminuiu a velocidade. Parecia cansado dos três dias de perseguição e do sangramento proveniente das muitas arpoadas que sofrera. Nosso bote conseguiu aproximar-se, enquanto ouvíamos os gritos do pessoal a bordo do Pequod, ao longe. Chamavam por nós. Enquanto isso, no bote, Ahab armava o braço, antevendo com frenética avidez o arremesso de seu arpão.

Queequeg e Daggoo lançaram seus instrumentos ao mesmo tempo. Os ferros cortaram o ar com um zunido e se cravaram fundo no dorso da baleia. Moby Dick contorceu-se de dor, revolvendo toda a água, agitando loucamente o bote, agora preso a ela pelos cabos dos arpões. Três dos remadores foram lançados ao mar.

— O navio! — gritou Ahab, percebendo o que ia acontecer.

Num rápido giro, que transformou a água num inferno convulso, o cachalote branco partiu os cabos e de pronto arremeteu a uma velocidade inacreditável contra o Pequod.

— Não! Meu navio, não! — gritou Ahab em desespero sem nada poder fazer.

Berros de pavor e assombro vinham do convés do Pequod. Não acreditavam e não queriam acreditar que o cachalote estivesse atacando um navio baleeiro.

Enfim, a imensa e duríssima testada do cachalote chocou-se contra a proa do navio, abrindo um rombo enorme, por onde a água começou a entrar como se fosse uma torrente raiosa, rugindo montanha abaixo.

O Pequod começou a afundar em poucos instantes e logo desapareceu de vista.

— O segundo caixão... — murmurou Ahab.

Mergulhando sob o navio, muitos metros abaixo da superfície, Moby Dick ultrapassou-o, emergindo junto do nosso bote. Ahab brandiu o seu arpão, jurando vingança pelo seu navio e pelos seus marujos. Todos os demais no bote, inclusive eu, berávamos já vendo a morte nos abocanhar.

Ahab arremessou o arpão. A corda estava ainda embaraçada, aos pés do capitão, que se abaixou para soltá-la, enquanto o cachalote ferido investia à frente. Então, uma das voltas da corda prendeu-o pelo pescoço, estrangulando-o ao mesmo tempo em que o arrebatou do bote. Lá se foi ele, arrastado pelo cachalote, antes que pudéssemos fazer qualquer coisa.

Antes que o Pequod afundasse, no alto do mastro principal, onde estava nossa bandeira, Tashtego, tentando pregá-la, bate um prego na asa de uma águia. Não pude ver mais nada. Um maremoto de espuma e fúria atingiu o bote de lado,

despedaçando-o. Os gritos ressoaram no ar, junto com os grasnidos dos pássaros, nas alturas, e o som aterrorizante do duro couro dos tubarões, raspando na madeira dos destroços ao avançar sobre nós.

Fui o único a sobreviver para contar esta história

Eu estava no bote de Ahab, e fui arremessado a grande distância pela última investida de Moby Dick contra nós. Mais ao longe, no lugar onde o Pequod afundara, restava agora um redemoinho, e nenhum sobrevivente. Nadei freneticamente para escapar dos tubarões. No entanto, as feras já estavam saciadas e não se preocuparam comigo, assim como os falcões do mar, que, ainda com os bicos sanguinolentos e carregando neles tiras de carne humana arrancadas aos náufragos, a mim, deixaram em paz. Foi quando vi, flutuando a poucas braçadas, o salva-vidas do navio, o caixão de Queequeg. Consegui alcançá-lo e, agarrado nele, flutuei à deriva, até que fui salvo pelo Raquel, que ainda navegava em círculos pela área, à procura de seus filhos perdidos — e que jamais foram encontrados. Fui o único a sobreviver de toda a tripulação do Pequod.

Desde quando o óleo das baleias era usado para aquecer e iluminar as casas, *Moby Dick* é tão lido, curtido e estudado, que daria assunto para dezenas de bate-papos. Selecionei o que acho mais interessante.

A começar pela frase de abertura — “Chamem-me de Ishmael”. Há suspeitas de que o náufrago, que ironicamente usou um ataúde como salva-vidas, nos informaria, direta e simplesmente, “Chamem-me Ishmael”, se esse fosse seu nome *verdadeiro*. O truque sutil serve, então, para nos avisar de que vamos vivenciar uma história inventada, apesar da riqueza realista de detalhes náuticos e do abate de baleias do livro.

Nessa riqueza de detalhes, Melville influenciou autores de *best-sellers* da segunda metade do século XX, como os de *thrillers* de suspense e espionagem. Revelar

minúcias que a grande maioria desconhece, sobre áreas que interferem no cotidiano, provou atrair poderosamente o público. *Moby Dick* fez sucesso. E em parte por mostrar como era obtido o óleo que todos usavam, embora poucos soubessem como se davam as coisas em alto-mar.

Odisseia, de Homero, que relata a volta de Ulisses (Odisseu, em grego) para casa depois da Guerra de Troia, iniciou uma longa genealogia de romances marítimos. *Moby Dick* faz parte dessa linhagem nobre. O mundo mudou, é claro. Mas os dilemas acionados por Melville não têm prazo de validade. E a intensidade dramática da história não diminui por ser ambientada num contexto distante. Pelo contrário, personagens e enredo nos transportam para o convés do Pequod. Como escapar à sombra de Ahab

E O MITO

durante a leitura? Como não desconfiar de que sua obsessão provocará uma tragédia?

Trata-se de um modelo literário ancestral, desde o *Iliada*, também de Homero. Avisado de que se condenaria à morte se fosse para a Guerra de Troia e se lá matasse Heitor, Aquiles, um dos personagens principais de *Iliada*, faz ambas as coisas. Acompanhar o trajeto de um personagem que busca sua própria destruição nos coloca à beira de um precipício, esticando a expectativa de despencar lá de cima, de olhos cravados no fundo, para onde leitores e personagem serão arremessados.

Já *Moby Dick* é a recriação de um terror mítico, como o Minotauro. A caça ao cachalote branco nada tem a ver com o abate criminoso das baleias atualmente, perpetrada com tanta tecnologia que ameaça a extinção de uma das

mais grandiosas espécies da criação. O confronto do capitão Ahab contra Moby Dick, com botes movidos a remos e arpões lançados por músculos, é de outra espécie. Somente semideuses e heróis protegidos por deuses poderiam enfrentar um monstro que emerge do imaginário. O capitão Ahab não é nada disso. Só que arde por dentro, incapaz de se conter. O embate é mitológico, mas ele é apenas um mortal insano.

Moby Dick é um clássico tanto pelos ingredientes que movimenta, quanto por, até hoje, ultrapassando diferentes momentos históricos, estimular nossas emoções. Se Ishmael foi o único sobrevivente da tragédia do Pequod, o romance nos chega não como um naufrago, mas imortalizado e conquistando cada vez mais leitores.

Luiz Antonio Aguiar

QUEM É LUIZ ANTONIO AGUIAR

Se eu tenho uma bandeira, hoje em dia, que é também minha paixão permanente, é a Literatura, com a sua generosidade universal de expressar sentimentos permanentes do ser humano — a dor, o amor, o ódio, a impulsividade, a inveja, o desejo de grandeza, a incapacidade de aceitar nossa mortalidade... entre muitos outros —, encarnando-os em personagens que de tão extraordinariamente humanos se tornam extraordinários, como Aquiles, Odisseu, Dom Quixote, Hamlet (também entre muitos outros). São obras que constituem a excelência, a sublimidade, o que de melhor o ser humano já criou em termos de representação dos conflitos do espírito, de caracterização de personagens, de tramas (enredos). Por isso são clássicos. Obras que sempre terão muito a dizer a qualquer ser humano.

Moby Dick pertence a essa linhagem. O capitão Ahab é um desses personagens extraordinários!

Dito isso, que é o mais importante, sobre mim, pode-se mencionar que sou escritor, cento e tantos títulos escritos, prêmios no Brasil e fora dele. Tenho orgulho disso. E de ganhar minha vida dedicando-me à Literatura. A escrever Literatura e a conversar — em palestras, oficinas de leitura, com a garotada em colégios, com professores e com o público em geral — sobre Literatura, por todo o Brasil. Viajante mambembe, como todo artista deve ser, ou mascate, como meus antepassados.

Ah, sim, também crucialmente importante: sou aquariano, de fevereiro de 1955, carioca, rubro-negro, casado, avô. Tenho também um *blog*, onde publico Literatura e falo sobre Literatura: <<http://luizantonioaguiar.blogspot.com.br/>>.

QUEM É PAULA MASTROBERTI

207

Nasci em Porto Alegre, em 1962. Sou graduada em Artes Plásticas pela UFRGS, doutora em Letras pela PUC-RS e professora do Instituto de Artes da UFRGS. Sou escritora, ilustradora e quadrinista. Entre minhas obras, tenho *Cinderela*: uma biografia autorizada, que recebeu o Prêmio Açorianos de Literatura em 1998. Também recebi o Prêmio Jabuti pela obra *Heroísmo de Quixote*.

Na área dos quadrinhos, publiquei *Adormecida*: cem anos para sempre, finalista no 25º Troféu HQMIX em duas categorias, e *Zwei Rosen in Berlin*, um conto gráfico que faz parte da antologia *Osmose*, composta por quadrinistas brasileiros e alemães.

Para ilustrar *Moby Dick*, uma das minhas leituras preferidas,

realizei primeiramente uma grande pesquisa. Eu havia lido a obra quando tinha mais ou menos 12 anos, mas, agora, a reli em seu idioma original, em inglês, para captar mais detalhes e sutilezas. Depois, pesquisei ainda imagens de cachalote (*Moby Dick* é citada como sendo dessa espécie por Melville), pinturas, gravuras de baleeiros, ambientes da época e outras artes criadas por ilustradores da obra, pois não queria repetir o que eles já haviam feito.

Por fim, todas as artes foram criadas praticamente sem usar tinta, lápis ou papel — isso mesmo! Elas foram desenhadas em meu *tablet* e depois coloridas e finalizadas num computador mais potente. Espero que tenham gostado tanto quanto eu.

Créditos das imagens, da esquerda para a direita, de cima para baixo:

p. 12, Library of Congress Prints/Photographs Division Washington, D.C.; Yale University Beinecke Rare Book & Manuscript Library;
p. 13, Library of Congress Prints/Photographs Division Washington, D.C.; **p. 14**, Everett Historical/Shutterstock.com; Jean Leon Gerome
Ferris. 1680. Óleo sobre tela. Coleção particular; **p. 15**, University of Washington Libraries, Special Collections Division;
p. 16, Morphart Creation/ Shutterstock.com; Editora Benjamin Motte; **p. 17**, Bettmann/Corbis/Latinstock; **p. 18**, Ludidzoni/
Shutterstock.com; **p. 19**, James Ford Bell/Library University of Minnesota; **p. 20**, Muncharelli/Wikimedia Commons; New York Times.
1891; **p. 21**, GraphicaArtis/Corbis/Latinstock; **p. 22**, Library of Congress Prints/Photographs Division; Éditions Garnier Frères, Paris;
p. 23, Archive Images / Alamy/Latinstock; Warner Bros. 1956; The Asylum. 2010. USA; **p. 24**, Rrainbow / Shutterstock.com;
p. 25, Shaun Robinson/ Shutterstock.com; **p. 26**, Neftali/Shutterstock.com; Harper & Brothers, Publishers. 1859. New York;
p. 27, Alessandro Cicarelli Manzoni. 1844. Óleo sobre tela. Pinacoteca do Estado de São Paulo; Saalfield Publishing, Akron. 1931. Ohio;
Ira Goldstein/Wikimedia Commons; **p. 28**, Massimo Ripani/SIME Photo/Latinstock; **p. 29**, Fine Art Images/AGB Photo Library/Keystone;
World History Archive/Alamy/Latinstock

Produção gráfica

FTD | **GRÁFICA &
EDUCAÇÃO LOGÍSTICA**

Avenida Antônio Bardella, 300 - 07220-020 GUARULHOS (SP)
Fone: (11) 3545-8600 e Fax: (11) 2412-5375

Este volume apresenta

ALMANAQUE

com

- ◆ Informações sobre o autor e a obra
- ◆ Curiosidades
- ◆ Contexto histórico e literário
- ◆ Escritores e personalidades da época
- ◆ Cronologia do autor



COLEÇÃO

ALMANAQUE
DOS CLÁSSICOS
DA LITERATURA
UNIVERSAL

Na primeira metade do século XIX, a caça às baleias era um negócio altamente lucrativo. O jovem Ishmael, querendo conhecer mais dessa prática, embarca no Pequod. Lá ele conhece o capitão Ahab, que passa os dias alimentando-se dos sonhos de vingança contra a baleia albina Moby Dick. Esta narrativa, que atravessou o tempo, trata de questões humanas como o ódio do capitão Ahab, o respeito e a amizade, na figura de Queequeg, e temas tão atuais quanto a exploração dos recursos naturais até seu esgotamento.

FTD

ISBN 978-85-96-00435-0



9 788596 004350

13405374